

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do
Comportamento

Mariana Johansson Siracusa

Skinner e o estudo do comportamento verbal pós 1957: alterações, complementos, reiteraões
e exclusões

Mestrado em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento

São Paulo

2018

Mariana Johansson Siracusa

Skinner e o estudo do comportamento verbal pós 1957: alterações, complementos, reiteraões e exclusões

Mestrado em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, sob a orientação da Professora Doutora Maria Eliza Mazzilli Pereira.

São Paulo

2018

Banca Examinadora

Trabalho parcialmente financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

Agradecimentos

Aos meus pais, Lena e Angelo, por todo amor, carinho e dedicação que vocês sempre destinaram à mim. Obrigada pela presença ativa na minha vida, pelas oportunidades, pelas críticas construtivas e pelo apoio em todas as decisões e fases pelas quais passei. Por não medirem esforços para proporcionar uma qualidade de vida e uma boa formação profissional, por terem me apoiado sempre e terem fornecido todas as condições para que eu pudesse alcançar os meus objetivos e chegar até aqui.

Aos meus avós, por torcerem sempre por mim, por vibrarem pelas minhas conquistas e pela alegria de ter vocês presentes em minha vida.

À Gabriella, por ter deixado o laboratório mais divertido, por ter me dado esperança de que é possível falar em público sem desespero, por ter me apoiado em todos os momentos mais difíceis, por ter me ensinado tudo o que pôde como amiga e monitora para contribuir com a minha formação e também para me ajudar na vida pessoal. Obrigada pela amizade, pela confiança e pelos momentos maravilhosos juntas.

À Paula, por todo o cuidado, pela disponibilidade em ajudar sempre, pelas dicas e conselhos, por tudo o que me ensinou como monitora, como amiga, pelo apoio e pela amizade. Pelo carinho enorme e por me receber sempre com essa voz doce que deixa tudo mais acolhedor e gostoso.

À Letícia por ter colorido os meus dias no PEXP, por ter sido tão carinhosa e receptiva desde o primeiro dia de aula. Por fazer de tudo para que a minha experiência no mestrado fosse a mais proveitosa e legal possível. Pelos conselhos de quem já conhecia o funcionamento do programa. Por sempre ter se disponibilizado a me ajudar e a me apoiar nos mais diversos contextos. Obrigada por ser essa pessoa tão carinhosa, fofa, compreensiva, amiga e por ter sido tão presente nos meus dias!

À minha orientadora, Maria Eliza, por tudo o que me ensinou. Por ter me acolhido como orientanda. Pela oportunidade, pela disposição em ajudar sempre, pela preocupação e por ter feito críticas e elogios a este trabalho sempre que foram necessários. Pela dedicação, carinho e bom humor ao me receber no laboratório para as orientações. Por ter participado da elaboração desta pesquisa e me ajudado a construí-la melhor. Por ter tornado o processo de pesquisa mais leve e por ter me incentivado tanto. Foi uma honra poder contar com você como orientadora! Obrigada por tudo! Este trabalho jamais seria o mesmo sem você.

Às minhas amigas Amanda Campos, Nathalia Lobo, Julianna Siracusa e Marília Falleiros, por compreenderem as minhas ausências, por me incentivarem sempre, por me fazerem rir e por todo o carinho e apoio em todas as situações.

Aos amigos e colegas de mestrado Emerson, Deborah, Louise, Luiza Vaz, Luiza Aranha, Rafa Bordin, Vitória, Giovanna Andreozzi, Rodolfo, Ste e à todos os outros colegas de laboratório, por deixarem as aulas e os dias que passávamos juntos mais interessantes e divertidos, por compartilharem das dificuldades e das alegrias do PEXP, pelas risadas, pelos trabalhos feitos em conjunto, pelas conversas engraçadas, pelo apoio e pelas diversas vezes que me ajudaram. Pelo carinho, pelos jantares pós-aulas, e por todo o incentivo. Obrigada pela amizade, por estarem ao meu lado e por terem feito toda a diferença na minha experiência ao longo do mestrado.

Ao José Augusto, pelo carinho imenso, por todo cuidado, pelas conversas, por ter acreditado em mim e me ajudado a acreditar também. Pela paciência, pela compreensão, pelo companheirismo e por todo o incentivo. Por ter me ajudado a render nos momentos mais difíceis, nos quais eu estava mais cansada. Por vibrar comigo a cada etapa concluída, por ter aprendido a ser um ótimo analista do comportamento e por ter planejado as consequências mais reforçadoras possíveis para cada uma delas. Obrigada por ter contribuído tanto em tão pouco tempo juntos. Este trabalho não seria o mesmo sem você. Obrigada por ter tornado a minha vida mais leve, feliz e divertida. Por todos os momentos de descontração, por me fazer rir mesmo nos contextos em que as maiores pressões estavam presentes. Por ser meu amigo, meu confidente e meu amor.

Aos professores do PEXP, por me ensinarem com tanta dedicação e terem contribuído de forma tão efetiva em minha formação, tanto ao longo da graduação quanto do mestrado.

À Adriana Fidalgo por ter sido tão disponível, por ter se interessado, ter me incentivado e me apoiado na escolha do meu tema. Por aceitar o meu convite para participar da banca e pelas contribuições diversas ao meu trabalho.

À Denize Rubano, por ter contribuído na elaboração do projeto desta pesquisa, pela disponibilidade em discutir sobre o tema. Por todas as críticas e elogios construtivos. Por todos os ensinamentos. Por ter sido essencial na minha formação e pelo exemplo de pesquisadora e professora.

À CAPES, pelo financiamento deste trabalho.

Siracusa, M. J. (2018). *Skinner e o Estudo do Comportamento Verbal Pós 1957: Alterações, Complementos, Reiteraões e Exclusões*. Dissertação de mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. Pag. PUC-SP.

Orientador: Prof^ª. Dra. Maria Eliza Mazzilli Pereira

Linha de Pesquisa: História e fundamentos epistemológicos, metodológicos e conceituais da Análise do Comportamento.

RESUMO

Dentre os conceitos básicos que dão fundamento à abordagem comportamental, destaca-se o conceito de comportamento verbal, apresentado por Skinner no livro *Verbal Behavior* (1957). Considerando que os estudos que analisam a obra de Skinner sobre comportamento verbal têm em grande parte abordado seu percurso até a publicação de *Verbal Behavior*, e que os estudos sobre comportamento verbal permeiam toda a carreira de Skinner, o presente trabalho teve como objetivo analisar a evolução dos estudos de Skinner sobre comportamento verbal após a publicação do livro *Verbal Behavior* e apontar alterações, complementos, reiteraões e possíveis exclusões. Para isso, foram analisadas todas as publicações de Skinner após 1957, que continham as palavras de busca: *verbal, language, mand, tact, echoic, copy, vocal, transcription, textual, intraverbal, autoclitic, audience, dictation, speaker, listener, oral, linguistics* e *self-management*; e 282 entradas da publicação *Notebooks* (1980). Ao todo, foram 369 textos analisados, e as informações neles contidas foram classificadas em 13 categorias de análise, que incluem a definição de comportamento verbal; a definição de operante verbal; a definição e descrição de cada um dos operantes verbais: mando, ecoico, textual, transcrição, intraverbal e tato; a definição de audiência; e quatro ferramentas conceituais: discriminação e generalização, causação múltipla do comportamento verbal; definição e descrição do operante verbal autoclítico; e relações de autocontrole do comportamento verbal. Complementos foram encontrados em relação à definição de comportamento verbal e à definição de operantes verbais. Exclusões foram encontradas nas categorias Definição de Operantes Verbais, Definição e Descrição do Operante Verbal Transcrição, e Definição e Descrição do Operante Verbal Tato. Nas demais categorias, apenas foram encontradas reiteraões. Os resultados obtidos na presente pesquisa permitem afirmar que Skinner fez alterações na forma como conceituou comportamento verbal ao longo das publicações analisadas em relação ao que havia afirmado anteriormente, em seu livro de 1957.

Palavras-chave: comportamento verbal, pesquisa conceitual, Skinner, Análise do Comportamento.

ABSTRACT

Amongst the basic concepts underlying the behavioral approach, the concept of verbal behavior is highlighted by Skinner in his book *Verbal Behavior* (1957). Taken into consideration that the studies about Skinner's concept of verbal behavior have, for the most part, approached his path until the publication of *Verbal Behavior*, and that the studies about verbal behavior permeate throughout Skinner's career, the present work aimed to analyze the evolution of Skinner's studies on verbal behavior after the publication of the book *Verbal Behavior* and pinpoint changes, complements, reiterations and possible exclusions. For that purpose, all of Skinner's work published after 1957 containing the search words: *verbal, language, mand, tact, echoic, copy, vocal, transcription, textual, intraverbal, autoclitic, audience, dictation, speaker, listener, oral, linguistics e self-management* was analyzed; 282 entries from the *Notebooks* publication (1980) were also assessed. In all, there were 369 texts analyzed, from which 13 analytical categories were created, including the definition of verbal behavior; the definition of verbal operant; the definition and description of each one of the verbal operants: mand, echoic, textual, transcription, intraverbal and tact; the definition of audience; and four conceptual tools: discrimination and generalization, multiple causation of verbal behavior; definition and description of the autoclitic verbal operant; and self-control of verbal behavior. Complements were found in relation to the definitions of verbal behavior and verbal operants. Exclusions were found in the categories: Definition of Verbal Operant, Definition and Description of Verbal Operant Transcription, and Definition and Description of Verbal Operant Tact. In the remaining categories, only reiterations were found. The results obtained by the present research make it possible to claim that Skinner made adjustments in the way he conceptualized verbal behavior throughout the publications investigated, in relation to what he had previously stated in his 1957 book.

Keywords: verbal behavior, conceptual research, Skinner, Behavior Analysis.

SUMÁRIO

Introdução	1
Método	15
Documentos e Procedimento de Busca.....	15
Procedimento de Coleta.....	17
Procedimento de Análise	18
Resultados e Discussão	21
Categoria: Definição de Comportamento Verbal.....	21
Categoria: Definição e Identificação de Operante Verbal.....	30
Categoria: Definição e Descrição do Operante Verbal Mando.....	36
Categoria: Definição e Descrição do Operante Verbal Ecoico.....	40
Categoria: Definição e Descrição do Operante Verbal Textual.....	47
Categoria: Definição e Descrição do Operante Verbal Transcrição.....	52
Categoria: Definição e Descrição do Operante Verbal Intraverbal.....	55
Categoria: Definição e Descrição do Operante Verbal Tato.....	60
Categoria: Definição de Audiência.....	68
Categoria: Ferramentas Conceituais I: Os processos de discriminação e generalização no comportamento verbal.....	73
Categoria: Ferramentas Conceituais II: Causação Múltipla do Comportamento Verbal.....	77
Categoria: Ferramentas Conceituais III: Definição e Descrição do Operante Verbal Autoclítico.....	81
Categoria: Ferramentas Conceituais IV: Autocontrole no Comportamento Verbal.....	85
Considerações Finais	90
Referências	94
APÊNDICE	97
<i>Apêndice A.</i> Lista de referências das 377 publicações de B. F. Skinner a serem analisadas.....	98
<i>Apêndice B.</i> Representação da planilha que foi utilizada para a organização dos dados.....	129

A Análise do Comportamento é um campo do saber no qual se articulam vários tipos de produção, que podem ser representados por três principais referências: investigação básica de processos comportamentais; intervenções voltadas para a resolução de problemas humanos; e produções reflexivas ou metacientíficas. Essas três referências se relacionam, de forma que o que é produzido em uma delas é regulado pelo que se produz nas demais, ou seja, as investigações realizadas em cada uma delas surgem a partir de investigações ou problemas encontrados anteriormente nas demais, (Tourinho & Sérgio, 2010).

A evidência dessas três linhas de pesquisa assegura o caráter multidimensional à Análise do Comportamento. A menção a esse caráter é importante, uma vez que, ainda hoje, prevalece uma concepção que identifica a Análise do Comportamento com a Análise Experimental do Comportamento, o que implica uma restrição no que se refere ao reconhecimento social dos analistas do comportamento e tem como impacto a desvalorização de pesquisas não experimentais dentro da própria abordagem. Além disso, a importância se dá também pelo fato de haver um desequilíbrio no que é produzido em cada uma das três principais referências. Com base na história de desenvolvimento da abordagem (e história do desenvolvimento usual de qualquer área científica), é possível verificar que por muito tempo a produção científica teve ênfase na pesquisa básica, o que se justifica pelo fato de que os passos iniciais de uma área de conhecimento se direcionam ao estabelecimento de processos e princípios básicos que darão sustentação ao desenvolvimento subsequente da área; o que acarretou uma maior produção no que diz respeito a essa frente de pesquisa. Em seguida, buscou-se investigar as possibilidades de aplicação dos princípios e processos estabelecidos.

Esse processo de crescimento e aumento de produções relacionadas à área gerou, então, a necessidade e o desenvolvimento de estudos reflexivos sobre ela. Segundo Morris et al (1995), a existência de estudos históricos em uma abordagem científica evidencia a maturidade dessa abordagem. Isso se deve ao fato de que é preciso primeiro fazer pesquisas

em outras referências para, depois de se acumular material suficiente, realizar pesquisas históricas, reflexivas sobre a disciplina.

Com base na importância que tem o desenvolvimento da disciplina de forma consolidada em todas as referências, Tourinho e Sérgio (2010) afirmam ser necessário superar esse desequilíbrio, ampliando a realização de pesquisas não experimentais por analistas do comportamento (Tourinho & Sérgio, 2010).

O presente estudo se inclui na terceira referência citada, portanto maior ênfase será dada a ela. As produções reflexivas ou metacientíficas, segundo Tourinho e Sérgio (2010), podem ter tanto um caráter filosófico, quanto caráter histórico e conceitual. As últimas são o interesse da presente pesquisa: compõem o que é chamado de pesquisa metacientífica (originalidade pesquisas básicas), que são trabalhos cientificamente validados que têm como objeto a própria investigação básica dos processos comportamentais e/ou questões relacionadas. Tais trabalhos, na abordagem comportamental, são de inegável importância para a própria abordagem. É a partir da compreensão de como se deu o desenvolvimento da Análise do Comportamento que se explicitam os rumos que a disciplina tomou, eventuais desvios de rota por que passou, lacunas e controvérsias em relação ao conhecimento produzido, bem como possibilidades futuras para o desenvolvimento da disciplina.

Ainda sobre a importância de estudos históricos e conceituais em Análise do Comportamento, Andery, Micheletto e Sérgio (2000, p.139) fazem três considerações importantes. A primeira delas é de que “a história da Análise do Comportamento é parte da história da qual o nosso comportamento de conhecer é função”; sendo assim, esses estudos possibilitariam a compreensão de parte das variáveis que determinam o comportamento dos analistas do comportamento. A segunda, é de que “conhecer a história da Análise do Comportamento é conhecer a história do comportamento de conhecer de vários analistas do comportamento”. Por último, as autoras afirmam que conhecer a história da disciplina nada

mais é do que conhecer o contexto social, as práticas da comunidade na qual o cientista está inserido, uma vez que o comportamento desses cientistas é produto de um contexto, de relações de uma determinada comunidade verbal.

Sobre o comportamento de conhecer, Skinner afirma:

Os homens são parte do mundo e interagem com outras partes dele, incluindo outros homens. À medida que seu comportamento muda, podem interagir mais eficientemente, ganhando controle e poder. Seu “conhecimento” é seu comportamento com respeito a si mesmo e ao resto do mundo e pode ser estudado como tal. (1957, p. 451).

Andery, Micheletto e Sérgio (2000) explicitam ainda que conhecer é o comportamento de descrever contingências de reforçamento prevalecentes e o produto desse comportamento; assim, o conhecimento científico produzido pela comunidade de analistas do comportamento pode ser entendido como regras construídas pelos seus membros, que tornam possível uma ação mais bem-sucedida sobre o mundo. Para se entender o comportamento de conhecer, é necessário descrever as contingências e metacontingências que afetaram o comportamento do cientista e estão relacionadas à sua produção científica.

Também explicitando a importância de estudos histórico-conceituais, Morris et al. (1995) e Coleman (1995) referem-se a várias funções desse tipo de trabalho: solucionar dilemas atuais sobre a disciplina, suas origens e desenvolvimento; encontrar os desvios percorridos pela teoria e pensar em rumos para a abordagem no futuro; identificar as influências do contexto para o crescimento e para a metodologia da disciplina; evitar repetir os mesmos erros cometidos anteriormente; esclarecer a disciplina científica, de forma que possamos entendê-la cada vez melhor; corrigir visões inadequadas; esclarecer e fortalecer a unidade da disciplina.

Estudos conceituais podem ser entendidos como aqueles que se ocupam da constituição do sistema explicativo com o qual uma ciência busca dar conta do conjunto de fenômenos que dizem respeito a seu objeto de estudo (Tourinho, 1999). Esse tipo de estudo está relacionado à pesquisa histórica, devido ao constante processo de (re)elaboração do sistema explicativo. Diferencia-se, no entanto, da pesquisa histórica pelo fato de a pesquisa conceitual questionar o conjunto de proposições que fundamenta a investigação em um campo teórico. Para Tourinho, estudos conceituais são importantes pela interlocução que há com as pesquisas básica e aplicada, contribuindo para o avanço em cada uma dessas áreas de produção científica e para a sobrevivência da Análise do Comportamento enquanto um sistema cultural.

Dentre os conceitos básicos que dão fundamento à abordagem comportamental, destaca-se, neste trabalho, o conceito de comportamento verbal. O conceito foi cunhado e defendido no livro *Verbal Behavior* (1957), marco a partir do qual Skinner propõe o desafio de estudar o comportamento verbal enquanto uma área e destaca que grande parte do comportamento humano se encaixaria nessa área de pesquisa, o que evidencia a importância de estudos sobre o tema.

Ademais, o livro contém diversas propostas metodológicas para o estudo do comportamento verbal e, segundo o próprio Skinner, é sua principal contribuição para a Psicologia. Foi a partir dos fundamentos consolidados na Análise do Comportamento e provindos de pesquisas experimentais que Skinner propôs uma interpretação do comportamento social que foi tradicionalmente chamado de linguagem. Para Skinner, a concepção tradicional da linguagem não se preocupou em esclarecer seu objeto de estudo, muito menos apresentou métodos eficazes para estudá-lo. Em busca de encontrar as relações funcionais envolvidas no comportamento verbal, Skinner rejeitou a formulação tradicional

sobre o tema e deu início a sua análise do comportamento verbal, utilizando esta nomenclatura (diferente da tradicional) para enfatizá-la.

Segundo o prefácio escrito por Jack Michael para a edição de 1992 do livro *Verbal Behavior* (1957), o conteúdo do livro é um arranjo ordenado do que é conhecido sobre linguagem (de observações informais e de observações mais sistemáticas feitas por estudiosos do tema), de acordo com uma formulação comportamental derivada de análises experimentais rigorosas, ou seja, de acordo com conceitos e princípios do comportamento operante elaborados com base em estudos de laboratório. Assim, os únicos novos termos utilizados são os nomes dos seis operantes verbais primários e do operante verbal secundário autoclítico, sem que, para isso, tenha sido necessário recorrer a novos processos ou princípios comportamentais, utilizando-se amplamente os princípios e processos já existentes para realizar as análises.

Ao longo do livro, Skinner se preocupa com dois principais componentes: realizar uma análise sistemática do comportamento de linguagem de um falante individual, com base nos princípios do comportamento operante; e demonstrar que esse sistema oferece uma compreensão comportamental da linguagem, com base na análise de vários exemplos, sendo que as demonstrações aparecem na medida em que o autor escreve sobre os desdobramentos do sistema (Michael, 1992).

Na mesma publicação, Jack Michael pontua elementos essenciais que compõem o livro para o que chama de “visão geral do sistema explicativo de Skinner” (p. vii). São eles: a definição de comportamento verbal, a descrição das relações verbais elementares e quatro ferramentas conceituais para se estender a análise na direção de maior complexidade.

Sobre a definição de comportamento verbal, Skinner (1957) inicia o livro mencionando o comportamento operante, e destaca que um indivíduo pode atuar diretamente sobre o ambiente ou pode, como ocorre com a maioria dos comportamentos humanos, atuar

de forma indireta sobre o ambiente do qual provêm as consequências últimas dos seus atos; seu primeiro efeito se dá sobre outros homens. Neste último caso, trata-se daquilo que Skinner denominou comportamento verbal, que considera um comportamento operante com particularidades que o tornam exclusivo da espécie humana, como, por exemplo, o fato de o comportamento não atuar mecanicamente sobre o ambiente. Ao longo de seu livro, já na Parte II, o autor ressalta outras características desse comportamento, e chega à formulação do conceito de comportamento verbal como um comportamento operante de um falante, cuja consequência é mediada por um ouvinte especialmente treinado por uma comunidade verbal para responder diferencialmente ao comportamento do falante, o que, segundo Skinner, enfatiza o fato de esse comportamento ser exclusivamente humano.

O condicionamento especial do ouvinte é o x do problema. O comportamento verbal é modelado e mantido por um meio verbal – por pessoas que respondem de certa maneira ao comportamento por causa das práticas do grupo do qual elas são membros. Essas práticas e a interação resultante entre o falante e o ouvinte produzem os fenômenos aqui considerados sob a rubrica de comportamento verbal. (Skinner, 1957, p. 214).

Na Parte II do livro, é possível encontrar dois dos elementos essenciais ressaltados por Michael (1992): a descrição das relações verbais elementares e uma das “quatro ferramentas conceituais para se estender a análise na direção de maior complexidade” (p.vii) – os processos de discriminação e generalização. Skinner identifica seis relações verbais elementares com base nas variáveis de controle da resposta verbal e na relação com a audiência: mando, tato, ecoico, textual, intraverbal e transcrição (esta última não mencionada por Michael, que, em seu lugar, menciona a audiência). Os processos de discriminação e generalização são apresentados à medida que Skinner descreve o desenvolvimento de comportamentos complexos, como respostas verbais que ocorrem em condições novas.

Skinner aponta como esses processos resultam em um aumento súbito nas formas de controle sobre o comportamento.

Já na Parte III, Skinner dá ênfase à questão da causação múltipla (uma segunda ferramenta conceitual para maior complexidade da análise do comportamento verbal), em que comportamentos ainda mais complexos são descritos em relação a dois tipos de controle múltiplo: o comportamento verbal, muitas vezes, está sob controle de múltiplas variáveis atuando simultaneamente; e uma mesma variável, muitas vezes, controla mais de uma forma de resposta.

Na Parte IV do livro, segundo Michael (1992), são analisadas sequências de respostas verbais em termos de operantes verbais primários, sob controle de variáveis ambientais, assim como de operantes verbais secundários (autoclíticos), sob controle de alguma característica dos operantes verbais primários ou de suas variáveis de controle. Assim, encontramos outra (a terceira) das quatro ferramentas conceituais essenciais para a “visão geral do sistema explicativo de Skinner” (p. vii), o comportamento autoclítico.

Por fim, é no início da Parte V (três primeiros capítulos dessa parte) que Skinner (1957) introduz o tema autocontrole do comportamento verbal (e edição do próprio comportamento verbal), a quarta e última ferramenta conceitual essencial apresentada por Michael (1992) no prefácio. Trata-se do último nível de complexidade, quando os comportamentos verbais primários e autoclíticos do falante estão sob controle de outro comportamento desse mesmo falante.

Durante a revisão de literatura sobre o tema para a elaboração do presente estudo, muitos estudos foram encontrados sobre a análise do conceito de comportamento verbal e de como ele foi historicamente construído até 1957. Desses estudos, três se mostraram especialmente importantes, conforme se mencionará a seguir.

O primeiro diz respeito ao artigo de Vargas (2007), e foi considerado importante pelo fato de o autor tratar da definição de comportamento verbal, objeto de estudo da presente pesquisa, e propor atributos para essa definição. Vargas considera que a análise de Skinner (1957) acerca do comportamento verbal: a) tem por base os fundamentos teóricos e filosóficos da Análise do Comportamento; b) pressupõe que a comunidade verbal desenvolve formas verbais estipuladas para uma ação efetiva e prática, de modo que incluam propriedades dinâmicas e topográficas; c) pressupõe que há mediação de outras pessoas; e d) essa mediação é construída por uma comunidade social, por meio de modelação das ações de seus membros para ensinar outros membros a emitir comportamento verbal efetivo através de formas apropriadas de ação. Com base nessas considerações, Vargas identifica quatro atributos da definição do comportamento verbal de Skinner. São eles: relacional, mediacional, comunal e estipulacional.

Ao longo do artigo, Vargas (2007) retoma os pressupostos teóricos e filosóficos da Análise do Comportamento, que são a base para as produções de Skinner, apresenta cada um dos atributos que propõe e evidencia a importância de cada um deles para as análises feitas por Skinner no livro *Verbal Behavior* (1957). Considera que apenas quando esses atributos estão presentes em conjunto é que se pode dizer que um comportamento é, de fato, verbal. Para isso, Vargas se utiliza de citações do próprio Skinner que enfatizam esses aspectos da definição de comportamento verbal.

Vargas (2007) apresenta como atributo relacional as propriedades dinâmicas do comportamento verbal, que consistem em diferentes controles sobre o comportamento verbal, que possibilitam separá-lo didaticamente em operantes verbais. Essas propriedades dinâmicas advêm dos fundamentos teóricos de Skinner. A teoria comportamental parte do pressuposto de que todo comportamento deve ser analisado com base nas relações contingenciais entre

ações e eventos do ambiente, assim a função de cada elemento depende de/está na relação em si.

Como atributo mediacional, Vargas apresenta a propriedade do comportamento verbal de ser mediado pelo comportamento de um indivíduo especificamente treinado para tal por uma comunidade verbal, o que significa que no comportamento de mediação, o indivíduo “sempre carregará o efeito de sua formação social” (p. 163).

Para Vargas (2007), o atributo comunal diz respeito à importância da comunidade verbal como uma parte inerente da análise do comportamento verbal. É a comunidade verbal que treina o ouvinte para mediar o comportamento do falante de forma adequada. Sem esse treino, o comportamento do “falante” não seria efetivo e não seria possível haver mediação.

Por fim, de acordo com Vargas (2007), o atributo estipulacional diz respeito às formas do comportamento verbal, ou seja, às suas propriedades topográficas. A comunidade verbal desenvolve formas específicas de ação verbal que controlam a ação efetiva do mediador, ou seja, as ações do mediador apenas serão efetivas à medida que endossarem o controle funcional sob o qual o falante emitiu comportamento verbal, e para isso a forma é importante.

Vargas (2007) conclui o artigo enfatizando que todos os atributos devem fazer parte da definição de comportamento verbal para que não haja problemas de compreensão, e que cada um deles sozinho não é suficiente para que o comportamento seja verbal. E finaliza o estudo afirmando que “o comportamento verbal consiste em formas necessárias sob controles específicos mediados através de uma ação especificamente desenvolvida por uma comunidade verbal” (p. 172).

O segundo estudo a ser relatado é o de Rubano (1999), uma tese de Doutorado. Teve como objetivo analisar teoricamente a produção de Skinner relacionada ao comportamento

verbal, com uma perspectiva histórica, verificando possíveis mudanças e/ou rupturas nessa produção. Rubano pontua a necessidade de:

[...] resgatar os conceitos propostos pelo autor como conceitos inseridos no processo de produção de conhecimento e que, enquanto tal, se transforma, tem história e se insere numa perspectiva metodológica que marca tal produção. (p. 13).

O objetivo do presente estudo e a forma como se pretende desenvolvê-lo aproximam-se daqueles propostos por Rubano, razão pela qual o trabalho dessa autora é aqui relatado. No presente estudo, entretanto, pretende-se analisar textos de Skinner sobre comportamento verbal após 1957, isto é, após a publicação de *Verbal Behavior*, enquanto o trabalho de Rubano se encerra com a publicação dessa obra.

Para atingir os objetivos propostos, Rubano (1999) se utilizou do trabalho de Micheletto (1995) como critério norteador da identificação das influências, posturas e transformações na obra do autor, buscando garantir que a perspectiva metodológica que marcou a produção de Skinner fosse considerada. Com base na evidência encontrada por Rubano no trabalho de Micheletto (1995) de que, a partir da proposição de comportamento operante, em 1938, Skinner se afasta cada vez mais do modelo da física e se aproxima da biologia, Rubano comparou as publicações do período pós 1938 com os trabalhos publicados antes desse período, para averiguar possíveis mudanças na concepção de Skinner sobre comportamento verbal. Assim, o ano de 1938 foi tomado como um marco importante na delimitação dos períodos da produção de Skinner sobre comportamento verbal que seriam analisados, sendo que os períodos utilizados para análise foram: textos do período de 1930 a 1938; e textos do período posterior a 1938, até a publicação de *Verbal Behavior* (1957).

Os textos de Skinner foram selecionados pelo título, com base em uma listagem produzida por Carrara (1992) e em resumos dos textos publicados por Skinner no período de

1930 a 1938, contidos em Sérgio (1990). E o que era observado ao longo dessas produções sobre comportamento verbal era comparado à abordagem utilizada por Skinner para tratar do mesmo tema em *Verbal Behavior* (1957).

A análise da produção de Skinner acerca do Comportamento Verbal no período de 1930 a 1938, em relação aos artigos em que Skinner expõe aspectos sobre como concebe a determinação e características do comportamento verbal, indicou que este era um período de transição na construção da noção de comportamento e de seus determinantes. Rubano (1999) afirma que tanto foram mantidas as relações com o modelo físico-químico na investigação experimental e na busca pelo evento antecedente que provoca a ocorrência da resposta (paradigma do reflexo como referencial de análise), quanto surgiram novas relações, com a proposição do operante. Segundo Rubano, ao analisar a linguagem, Skinner se afasta de uma análise topográfica, buscando relações entre resposta e ambiente, sendo que grande parte do ambiente diz respeito aos estímulos imediatamente antecedentes responsáveis por eliciar a resposta. Assim, segundo essa autora, Skinner não evidencia, nesse momento, a importância da história passada na determinação do comportamento presente. Conceitos como reserva, *drive*, emoção e força permanecem nos estudos sobre a fala nesse período. É importante ressaltar, ainda, que, segundo Rubano, não se identifica a organização dos operantes verbais em classes nos artigos analisados, e são apontados o papel da imitação na aquisição de repertório verbal e a possibilidade de generalização dos princípios relativos aos comportamentos não verbais para a análise dos comportamentos verbais, ou seja, a possibilidade de se analisar o comportamento verbal dentro da perspectiva behaviorista.

Entre as publicações analisadas do período de 1939 a 1953, Rubano (1999) afirma que ainda é possível observar, em um dos artigos, o emprego de conceitos relacionados ao comportamento reflexo. Após 1939, no entanto, o termo eliciação é substituído por emissão, o que parece indicar a atribuição de um caráter operante ao comportamento verbal. No

período de 1939 a 1943, o conceito de força é substituído pela noção de probabilidade. Apesar do abandono do compromisso com o comportamento reflexo, Rubano afirma que o compromisso com a ciência experimental e analítica se manteve. Além disso, em 1945, parece que Skinner rompe com a forma com que vinha trabalhando e é um período que indica uma “transposição interpretativa dos resultados específicos para uma concepção mais abrangente de comportamento verbal” (apud Rubano, 1999, p. 153). Segundo Rubano, no trajeto de 1939 a 1957, alguns conceitos são abandonados (ex: conceito de reserva), outros são mantidos, ainda que com alterações (ex: conceito de força), e outros são introduzidos. Nesse trajeto, é possível dizer que o conceito de operante foi consolidado e que os princípios da análise do comportamento em geral podem ser aplicados à compreensão de aspectos específicos da conduta humana, ou seja, o modelo de ciência segundo o qual Skinner analisa o comportamento dos organismos será utilizado para analisar o comportamento verbal, a despeito de suas especificidades.

Por fim, segundo Rubano (1999), o interesse pelo e a investigação do comportamento verbal se manifestaram cedo na produção de Skinner, sendo que o sistema conceitual segundo o qual Skinner lida com o comportamento verbal parece ter sido concluído mais de dez anos antes da publicação de *Verbal Behavior* (1957). Além disso, segundo Rubano, é impossível negligenciar o fato de que desde 1934 Skinner começou a escrever o livro *Verbal Behavior* e a voltar-se para a identificação de variáveis relacionadas a um comportamento especificamente humano e construído socialmente, pela relação entre os homens.

Finalmente, o terceiro estudo a ser relatado é o de Knapp, Vargas e Vargas (2007), em que os autores traçam a trajetória percorrida por Skinner em seus estudos, desde meados dos anos 1920 até 1957 (ano de publicação do livro *Verbal Behavior*), dando enfoque ao comportamento verbal, mas sempre enfatizando o fato de ele ter sido analisado concomitantemente com as relações não mediadas durante toda a sua carreira. Apesar de o

artigo se limitar a análises até 1957, os autores evidenciam o fato de que os trabalhos de Skinner sobre relações mediadas permeiam toda a sua carreira. Para atingir o objetivo proposto, os autores se utilizaram de publicações e cartas escritas pelo próprio Skinner e publicações de outros cientistas que tiveram informações privilegiadas e contatos com Skinner.

Segundo a análise feita por Knapp et al. (2007), no que eles chamaram de trabalho inicial de Skinner, do fim dos anos 20 até meados dos anos 30, esse autor lança hipóteses com base nas quais ele mais tarde interpreta suas observações experimentais e naturalísticas. Skinner foi orientado por diversas premissas que formaram a base para a estrutura de sua teoria do comportamento (ainda incompleta nesse período), base essa em que todo o trabalho sobre comportamento verbal desse autor se fundamentou.

Vargas et al. (2007) evidenciaram que no período de 1936 até o final dos anos 1940, houve uma mudança na forma de analisar a literatura por parte de Skinner, da forma tradicional de análise para o abandono completo desse enfoque psicológico tradicional e a construção de um modo novo de se analisar a linguagem, o comportamento verbal. Nesse período, Skinner lecionou um curso chamado de “Psicologia da Linguagem”, sendo que a partir deste momento, sua análise sobre comportamento verbal passou a abranger a natureza física, as formas do comportamento e influências motivacionais e emocionais na emissão da fala, dentre outros aspectos que divergiam do enfoque tradicional. Com a participação dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, Skinner desenvolveu um projeto que denominou “*Pigeon*” (do outono de 1942 até a primavera de 1944). Apesar de esse projeto ter sido interrompido, mostrou aplicações bem-sucedidas de sua formulação científica básica comportamental, o que evidenciou uma ciência válida e viável. Com a interrupção do projeto *Pigeon*, Skinner pode voltar sua atenção para o estudo da linguagem para completar o

manuscrito sobre o comportamento verbal, agora com uma denominação mais comprometida com os fundamentos da teoria comportamental.

Knapp et al. (2007) finalizam sua análise enfatizando o entrelaçamento do trabalho de Skinner em comportamento verbal com o trabalho sobre comportamento não mediado, o fato de a análise de Skinner sobre comportamento mediado operar dentro dos fundamentos teóricos da Análise do Comportamento e, por fim, reafirmam que “a história do trabalho de Skinner com comportamento verbal é a história de todo o seu trabalho dentro do fundamento da sua teoria do comportamento” (p.192).

Considerando que os estudos que analisam a obra de Skinner sobre comportamento verbal têm em grande parte abordado seu percurso até a publicação de *Verbal Behavior*, em 1957; e que, de acordo com Knapp et al. (2007), os estudos sobre comportamento verbal permeiam toda a carreira de Skinner, o presente trabalho tem por objetivo analisar a evolução dos estudos de Skinner sobre comportamento verbal após a publicação do livro *Verbal Behavior* (1957): alterações, complementos, reiteraões, exclusões.

Método

Documentos e Procedimento de Busca

A seleção das fontes de informação utilizadas na presente pesquisa se deu com base na listagem cronológica realizada por Andery, Micheletto e Sérgio (2004), de 295 referências de publicações de Skinner, de 1930 a 2004, no intuito de se garantir um recorte histórico que oferecesse subsídio para a discussão. A lista foi lida na íntegra e foi feita uma primeira seleção dos títulos de Skinner após a publicação de *Verbal Behavior* (1957). Foram 214 títulos pré-selecionados pelo critério de terem sido publicados após o ano de 1957.

Em busca do acesso completo das obras referentes aos títulos pré-selecionados, realizou-se uma análise do acervo do Laboratório de Estudos Históricos em Análise do Comportamento (LEHAC), da PUC-SP, que possibilitou acesso a quase todas as publicações referenciadas por Andery, Micheletto e Sérgio (2004). Outras publicações foram acessadas por intermédio de uma professora do Laboratório de Psicologia Experimental da PUC-SP, que tornou disponível seu arquivo pessoal, de modo que todas as publicações foram acessadas na íntegra.

Conforme Andery (2001) já havia mencionado, o fenômeno do comportamento verbal é muito abrangente e está envolvido com muitos outros fenômenos, o que torna difícil a delimitação de quais publicações de fato tratam de comportamento verbal. A fim de reduzir essa dificuldade, utilizou-se uma lista de palavras de busca com 17 itens, com base no que foi proposto por Fidalgo (2011)¹, acrescida de palavras encontradas pela autora deste trabalho em decorrência da leitura de títulos, resumos e parágrafos iniciais dos textos inicialmente

¹ A lista de palavras de busca original proposta por Fidalgo (2011) se destinava a selecionar publicações em português. O presente estudo teve como objetivo a análise de publicações em inglês, uma vez que as publicações originais são encontradas nessa língua. Assim, as palavras de busca, já existentes em Fidalgo (2011) - verbal, linguagem, mando, tato, ecoico, intraverbal, transcrição, textual, ditado, cópia, autoclítico e audiência-, foram traduzidas para o inglês.

selecionados. Assim, foram acrescentadas todas as palavras que fizessem alusão aos conceitos relacionados ao comportamento verbal já existentes² no livro *Verbal Behavior* (1957) e que não estavam na lista original de Fidalgo (2011). Realizou-se então uma nova seleção no material já separado (214 títulos), em que as publicações que continham as palavras de busca no título, no resumo (quando havia), nos subtítulos, nos primeiros dois parágrafos da publicação ou no índice remissivo da obra foram escolhidas para posterior análise. Apenas um dos livros não continha índice remissivo (o livro *Beyond Freedom and Dignity*, de 1971), e ele foi acessado em arquivo de PDF (Formato Portátil de Documento) e foi utilizada a ferramenta “Find” (Ctrl + F) de busca no programa do Adobe® Reader® XI para se encontrar os trechos nos quais as palavras de busca foram utilizadas pelo autor.

As palavras de busca utilizadas foram: *verbal, language, mand, tact, echoic, copy, vocal, transcription, textual, intraverbal, autoclitic, audience, dictation, speaker, listener, oral, linguistics* e “*self-management*”.

Além desse procedimento, foi utilizado o artigo de Whitley (1985) para se identificar as entradas da coleção *Notebooks* (1980) que estão relacionadas ao comportamento verbal. Segundo esse artigo, são 282 as entradas relacionadas ao comportamento verbal, de um total de 687 entradas.

Ao todo, foram encontradas 369 publicações acerca de comportamento verbal, dentre elas 40 artigos, 16 capítulos de livros, 30 subtítulos de capítulos de livros, uma entrevista e 282 entradas no *Notebooks* (conforme Whitley, 1985). As referências dessas publicações estão apresentadas no Apêndice A.

² A lista das palavras de busca acrescentadas incluiu apenas conceitos contidos no livro *Verbal Behavior* (1957), uma vez que no presente trabalho, eram de interesse apenas os conceitos já explicitados por Skinner nesse livro, uma vez que este trabalho se propunha a acompanhar tais conceitos ao longo das publicações posteriores.

Além disso, foi realizada uma leitura prévia do livro *Verbal Behavior* (1957) temporalmente próxima à leitura das demais publicações, a fim de orientar a delimitação de critérios de importância dos textos encontrados e dos assuntos por eles abordados. Essa leitura também visou orientar a proposta de categorias de análise e facilitar as buscas de trechos no livro *Verbal Behavior*, ao longo das outras leituras, para se realizar as comparações dos materiais com o fim de responder o problema de pesquisa.

Procedimento de coleta

O trabalho consistiu em ler (e reler quantas vezes fossem necessárias) as publicações selecionadas, em ordem cronológica, buscando-se conteúdos relacionados ao comportamento verbal e procurar os trechos dessas publicações em que as palavras de busca tivessem sido utilizadas. Cada trecho foi avaliado, a fim de se identificar os atributos essenciais dos conceitos que foram analisados (conforme as palavras de busca e as categorias de análise estabelecidas) e compará-los com o que foi proposto por Skinner sobre esses mesmos conceitos em 1957.

Cada uma das publicações selecionadas foi lida na íntegra, e os trechos relativos às categorias de análise propostas neste estudo (apresentadas adiante) foram grifados de cores diferentes, de acordo com a categoria de análise à qual se referiam. Esses trechos foram transcritos em uma planilha Microsoft Excel, em ordem cronológica, com a identificação do texto de que foram retirados, para que fosse possível buscá-los novamente nas publicações originais, caso fosse necessário, assim como para evidenciar os aspectos da concepção skinneriana sobre o comportamento verbal a que se relacionavam. O recorte dos trechos obedeceu ao critério de compreensão, isto é, cada trecho foi recortado de modo a que seu conteúdo fizesse sentido e fosse passível de entendimento. A planilha (representada no Apêndice B) continha as seguintes colunas: ano de publicação, referência (nome do livro, artigo ou outra publicação a que o trecho se referia); seção (da obra de Skinner); capítulo;

subtítulo; página; palavra de busca com que o trecho foi selecionado; contexto do trecho selecionado (a que o autor estava se referindo antes do trecho selecionado); trecho selecionado. Colunas adicionais foram criadas conforme a necessidade e eram específicas para as categorias e subcategorias de análise a que se referiam.

Procedimento de análise

No presente estudo, verificaram-se possíveis alterações, complementos, reiteraões e exclusões realizados por Skinner em relação ao que havia afirmado no livro *Verbal Behavior* (1957).

Partindo do pressuposto de que não haveria nas obras de Skinner um sistema elaborado desde o início, e de que, portanto, a formulação dos conceitos seria construída ao longo de seus trabalhos, Sérgio (1990) apontou para a importância de se analisar a dinâmica da elaboração do conceito a ser estudado. Tal interesse se dá tanto para identificar diferentes alternativas para a continuidade do processo de elaboração do conceito em questão, quanto para evitar que se produza uma análise com enfoques distorcidos sobre ele. Assim, no presente trabalho procurou-se analisar o processo de elaboração do conceito de comportamento verbal após 1957.

Os trechos selecionados (pelo procedimento descrito anteriormente) foram classificados em categorias/temas para serem comparados a trechos do livro *Verbal Behavior* (1957) e analisados. As categorias foram propostas com base na leitura do livro *Verbal Behavior*, no prefácio escrito por Michael (1992) do mesmo livro, na tese de doutorado de Sérgio (1990) e nas demais leituras realizadas de estudos sobre o tema. Segundo Sérgio (1990), há evidências da importância de se buscar entender como os diferentes conceitos e suas articulações vão sendo construídos no processo de produção do sistema explicativo skinneriano. Para tornar possível a análise dessas articulações, algumas categorias de análise dizem respeito às ferramentas conceituais associadas ao comportamento verbal, de acordo

com Michael (1992). A seguir são apresentadas as categorias construídas para a análise dos trechos:

Definição de Comportamento Verbal

Definição de Operante Verbal

Definição e Descrição do Operante Verbal Mando

Definição e Descrição do Operante Verbal Ecoico

Definição e Descrição do Operante Verbal Textual

Definição e Descrição do Operante Verbal Transcrição

Definição e Descrição do Operante Verbal Intraverbal

Definição e Descrição do Operante Verbal Tato

Definição de Audiência

Ferramentas Conceituais (1): Processos de Discriminação e Generalização

Ferramentas Conceituais (2): Causação Múltipla do Comportamento Verbal

Ferramentas Conceituais (3): Definição e Descrição do Operante Verbal Autoclítico

Ferramentas Conceituais (4): Relações de Autocontrole do Comportamento Verbal.

Essas categorias definidas nortearam as leituras e buscas nas publicações sobre comportamento verbal, em conjunto com a detecção das palavras de busca estipuladas.

Para a classificação dos trechos em categorias e subcategorias, foram realizadas leituras sistemáticas e repetidas dos trechos e das publicações de onde foram retirados, a fim de se encontrar indícios, descrições ou referências diretas que informassem a respeito do que Skinner chamou de comportamento verbal e de conceitos relacionados.

Houve situações em que um mesmo trecho foi transcrito em diferentes categorias e subcategorias, por abordar aspectos que se relacionavam a mais de uma delas. Assim, as categorias utilizadas não foram exclusivas; foram complementares para a análise da evolução dos estudos de Skinner sobre comportamento verbal.

A leitura do material foi condição para se retomar o livro *Verbal Behavior* (1957) e buscar no livro o posicionamento de Skinner sobre os itens encontrados nas demais publicações.

Terminada essa fase, a planilha continha a listagem de todos os títulos colocados nas categorias e subcategorias, e, com o uso da ferramenta de filtro, foi possível acessar todos os dados de cada categoria de forma organizada, de acordo com os objetivos da análise.

Resultados e Discussão

A análise dos textos de Skinner foi realizada levando-se em conta as categorias previamente estabelecidas: Definição de Comportamento Verbal; Definição e Identificação dos Operantes Verbais; Definição e Descrição de Mando; Definição e Descrição de Ecoico; Definição e Descrição de Textual; Definição e Descrição de Transcrição; Definição e Descrição de Intraverbal; Definição e Descrição de Tato; Definição de Audiência; Ferramentas Conceituais I: Discriminação e Generalização; Ferramentas Conceituais II: Causação Múltipla do Comportamento Verbal; Ferramentas Conceituais III: Autoclítico, Definição e Relações entre Falante e Ouvinte; Ferramentas Conceituais IV: Autocontrole do Comportamento Verbal e Variáveis de Controle do Comportamento Verbal.

Categoria: Definição de Comportamento Verbal

Foram inclusas nesta categoria as publicações em que Skinner definiu e/ou descreveu o conceito de comportamento verbal e suas características definidoras. Foram encontradas 50 publicações relacionadas.

Em muitas das publicações analisadas, Skinner reitera o que definiu como comportamento verbal no livro *Verbal Behavior* (1957). No entanto, há outras em que o autor complementou a definição de 1957, contida no livro.

Para ilustrar as conclusões obtidas com base na análise dos trechos relativos a esta categoria, algumas publicações que dizem respeito às características definidoras do comportamento verbal serão citadas, tanto do livro *Verbal Behavior* (1957), quanto de outros textos analisados aqui. Para dar início à discussão, seguem citações definidoras do conceito de comportamento verbal extraídas do livro *Verbal Behavior* (1957).

Skinner iniciou seu livro *Verbal Behavior* (1957) definindo o conceito de comportamento operante, prosseguindo com a afirmação de que existem comportamentos operantes que alteram o ambiente através de ações mecânicas e comportamentos operantes

em que um homem atua apenas indiretamente sobre o ambiente, do qual as consequências últimas do seu comportamento emergem, sendo que seu primeiro efeito é sobre o comportamento de outro homem.

Os homens agem sobre o mundo e o alteram, e são, por sua vez, modificados pelas consequências de sua ação (...) O comportamento altera o ambiente através da ação mecânica, e suas propriedades ou dimensões são frequentemente relacionadas de modo simples aos efeitos produzidos [...] Muitas vezes, entretanto, um homem age apenas indiretamente sobre o ambiente do qual emergem as consequências últimas de seu comportamento. Seu primeiro efeito é sobre outros homens.^{3 4} (Skinner, 1957, p. 1)

Esse trecho é importante para a definição de comportamento verbal, uma vez que, nele, fica claro que a primeira característica definidora do comportamento verbal apresentada por Skinner em 1957 é a de que se trata de um comportamento operante, característica esta mantida em todas as demais publicações, seja por definir comportamento verbal especificando que este é um comportamento operante, seja pelas análises feitas e exemplos dados que caracterizam o que Skinner definiu como comportamento operante. Nesse trecho, Skinner apresenta, também uma outra característica definidora do comportamento verbal: ele não age diretamente sobre o meio - sua ação se dá sobre outros homens.

Outros trechos do livro de 1957 em que Skinner definiu comportamento verbal foram os seguintes:

O condicionamento especial do ouvinte é o cerne do problema. O comportamento verbal é modelado e mantido por um meio verbal – por pessoas que respondem de

³ Por sua importância para o trabalho, todas as citações de Skinner serão apresentadas em recuo, a fim de ganharem destaque, independentemente de terem ou não mais de 40 palavras.

⁴ Texto original: Men act upon the world, and change it, and are changed in turn by the consequences of their action. [...] Behavior alters the environment through mechanical action, and its properties or dimensions are often related in a simple way to the effects produced. [...] Much of the time, however, a man acts only indirectly upon the environment from which the ultimate consequences of his behavior emerge. His first effect is upon other man. (Skinner, 1957, p. 1).

certa maneira ao comportamento por causa das práticas do grupo do qual elas são membros. Essas práticas e a interação resultante entre o falante e o ouvinte produzem os fenômenos aqui considerados sob a rubrica de comportamento verbal.⁵ (p. 226).

Estamos preocupados, aqui, não apenas com o fato de que certas formas específicas de comportamento verbal são observadas, mas de que elas são observadas sob circunstâncias específicas. Essas circunstâncias controladoras adicionam um caráter dinâmico a "repertório", que está ausente em "vocabulário".⁶ (p. 22)

Nesses trechos, Skinner (1957) conceitua como comportamento verbal o comportamento modelado e mantido por um ambiente verbal, característica esta que também é mantida em todas as demais publicações sobre o tema. Além disso, Skinner dá ênfase ao fato de que a definição de comportamento verbal é feita considerando-se as relações funcionais entre a resposta verbal e as circunstâncias em que ela é emitida, e não meramente a topografia da resposta, razão pela qual a noção de repertório (verbal) implica um caráter dinâmico que a noção de vocabulário não carrega.

Como exemplos de publicações que também consideram essas características definidoras ao conceituar comportamento verbal, inclui-se o artigo "Operant Behavior" (1963), em que Skinner deixa claro que o comportamento verbal pode ser definido apenas em termos de contingências de reforçamento, e que suas características especiais são derivadas do fato de o reforçamento ser mediado por outros organismos. E a publicação referente ao subtítulo Terminal Behavior, do capítulo "A Review of Teaching", contido no livro *The Technology of Teaching* (1968), em que Skinner também explicita o fato de no

⁵ Texto original: The special conditioning of the listener is the crux of the problem. Verbal behavior is shaped and sustained by a verbal environment- by people who respond to behavior in certain ways because of the practices of the group of which they are members. These practices and the resulting interaction of speaker and listener yield the phenomena which are considered here under the rubric of verbal behavior. (Skinner, 1957, p.226)

⁶ Texto original: We are concerned here not only with the fact that certain specific forms of verbal behavior are observed but that they are observed under specific circumstances. This controlling circumstances add a dynamic character to "repertoire" which is lacking in "vocabulary" (Skinner, 1957, p.22)

comportamento verbal o reforçamento ser mediado por ouvintes e não ser definido pela topografia da resposta. Seguem as citações:

O comportamento verbal, por exemplo, pode ser definido apenas em termos de suas contingências: suas características especiais são derivadas do fato de que o reforçamento é mediado por outros organismos.⁷ (Skinner, 1963, p. 516)

Esta é uma formulação particularmente convincente⁸ quando o comportamento é verbal, porque as consequências reforçadoras do comportamento verbal são mediadas por ouvintes e, então, não são relacionadas de perto, temporal ou geometricamente, à topografia da resposta.⁹ (p. 201)

Nessas duas citações, de 1963 e de 1968, podemos observar a preocupação de Skinner em deixar claro que o importante na definição do comportamento verbal são as relações funcionais estabelecidas entre a resposta e as circunstâncias em que ela ocorre e não a topografia da resposta, assim como podemos observar essa preocupação de Skinner no livro de 1957, com base nas citações apresentadas anteriormente.

Outra publicação em que Skinner reitera o conceito de comportamento verbal apresentado em 1957 é a anotação “Gestures” (1975), contida na publicação *Notebooks* (1980), em que apresenta exemplos do que ele chama de gestos verbais (por exemplo, um gesto indicando “Venha cá” e gestos indicando “Vá embora”), incluindo a possibilidade de se considerar gestos como comportamento verbal, se eles forem efetivos apenas pela mediação de outras pessoas.

⁷ Texto original: Verbal behavior, for example, can be defined just in terms of its contingencies: Its special characteristics are derived from the fact that reinforcement is mediated by other organisms. (Skinner, 1963, p. 516).

⁸ Ao dizer que “esta é uma formulação particularmente convincente”, Skinner está mencionando o fato de que o conhecimento é usualmente visto como uma espécie de cópia da experiência, cópia esta que pode ser recuperada de tempos em tempos e que controla o comportamento do indivíduo de modo muito semelhante ao controle pela própria experiência.

⁹ Texto original: This is a particularly convincing formulation when behavior is verbal because the reinforcing consequences of verbal behavior are mediated by listeners and hence not closely related, temporally or geometrically, to topography of response. (Skinner, 1968, p.201)

Todos esses gestos são verbais, embora não vocais, porque eles são efetivos apenas através da mediação de uma segunda pessoa (o "ouvinte").¹⁰ (p.345)

Em consonância com o que foi afirmado acima, em 1957, no livro *Verbal Behavior*, Skinner afirma que a definição de comportamento verbal inclui a manipulação de objetos, quando o seu efeito é primeiramente sobre outra pessoa.

A definição também cobre manipulações de objetos físicos que são realizadas por causa do efeito sobre as pessoas, como no uso de ornamentos cerimoniais.¹¹ (p. 14)

Com base nas duas publicações citadas acima, podemos dizer que ambas dão ênfase ao processo da mediação do comportamento do reforçamento, em detrimento da topografia da resposta, deixando claro que gestos ou manipulações de objetos físicos podem ser verbais se foram reforçados apenas pela mediação de outras pessoas, isto é, se forem emitidos em razão de seu efeito sobre as pessoas.

Ao longo das publicações mais recentes, Skinner continuou tendo como foco de suas análises o comportamento do falante, mas deu mais atenção à importância do ouvinte, enquanto ambiente verbal que evolui, do que foi dada ao longo do livro *Verbal Behavior* (1957). No artigo "The Evolution of Verbal Behavior" (1986) Skinner dá essa ênfase ao ambiente em que o comportamento verbal ocorre, ao afirmar que não há evolução do comportamento verbal, mas sim do ambiente verbal do qual o comportamento verbal é produto. E afirma que esse ambiente verbal é formado por ouvintes. O artigo trata, então, da evolução de um ambiente verbal como fonte do comportamento do falante.

Estritamente falando, o comportamento verbal não evolui. Ele é o produto de um ambiente verbal ou do que os linguistas chamam de língua, e é o ambiente verbal que evolui. Uma vez que o ambiente verbal é composto de ouvintes, é compreensível que

¹⁰ Texto original: All these gestures are verbal, though not vocal, because they are effective only through the mediation of a second person (the "listener"). (Skinner, 1980, p.345).

¹¹ Texto original: The definition also covers manipulations of physical objects which are undertaken because of the effect upon people, as in the use of ceremonial trappings. (Skinner, 1957, p.14)

os linguistas enfatizam o ouvinte. [...] Este artigo trata, então, da evolução de um ambiente verbal como uma fonte do comportamento do falante.¹² (Skinner, 1986, p. 115)

Já no capítulo “The Behavior of the Listener” (1989), Skinner demonstra uma preocupação maior com o comportamento do ouvinte, quando faz referência à ênfase que dá ao comportamento do falante em relação ao do ouvinte ao longo do livro *Verbal Behavior* (1957), e afirma ter discutido pouco sobre o ouvinte. Skinner afirma, nesse capítulo, que isso se deu pelo fato de que nem sempre o comportamento do ouvinte é verbal. No entanto, nesta publicação de 1989, ele considera importante atentar mais ao comportamento dos ouvintes, uma vez que eles são responsáveis pelo comportamento dos falantes.

A maior parte do meu livro, *Verbal Behavior* (1957), era sobre o falante. Ele continha uns poucos diagramas mostrando interações entre falantes e ouvintes, mas pouca discussão direta do ouvir. Eu poderia justificar que porque, exceto quando o ouvinte era, em alguma medida, falante, ouvir não era verbal, no sentido de ser "efetivo apenas através da mediação de outras pessoas" (Skinner, 1957). Mas se ouvintes são responsáveis pelo comportamento de falantes, nós precisamos olhar mais de perto a quando eles o fazem.¹³ (Skinner, 1989, p. 86)

Em relação a isso, no livro *Verbal Behavior* (1957), Skinner havia feito a mesma afirmação, reiterada em 1989, de que o foco da análise era o comportamento do falante, uma vez que nem sempre o comportamento do ouvinte é verbal.

¹² Texto original: Strictly speaking, verbal behavior does not evolve. It is the product of a verbal environment or what linguists call a language, and it is the verbal environment that evolves. Since a verbal environment is composed of listeners, it is understandable that linguists emphasize the listener. [...] This paper, then, is about the evolution of a verbal environment as the source of the behavior of the speaker. (Skinner, 1986, p. 115).

¹³ Texto original: Most of my book, *Verbal Behavior* (1957), was about the speaker. It contained a few diagrams showing interactions between speakers and listeners but little direct discussion of listening. I could justify that because, except when the listener was also to some extent speaking, listening was not verbal in the sense of being “effective only through the mediation of other persons” (Skinner, 1957). But if listeners are responsible for the behavior of speakers, we need to look more closely at when they do. (Skinner, 1989, p.86).

Uma definição de comportamento verbal como comportamento reforçado através da mediação de outras pessoas precisa, como veremos, de certos refinamentos. Além disso, ela não diz muito sobre o comportamento do ouvinte, embora houvesse pouco comportamento verbal a se considerar se alguém não tivesse já adquirido respostas especiais aos padrões de energia gerados pelo falante. Essa omissão pode ser justificada porque o comportamento do ouvinte ao mediar as consequências do comportamento do falante não é necessariamente verbal em nenhum sentido especial. Ele não pode, de fato, se distinguir do comportamento em geral, e uma explicação adequada do comportamento verbal preciso cobrir apenas o suficiente do comportamento do ouvinte necessário para explicar o comportamento do falante.¹⁴ (Skinner, 1957, p. 2).

Nas citações acima, verifica-se que o próprio Skinner concluiu que pouca atenção foi dada por ele às discussões diretas em relação ao comportamento do ouvinte no livro *Verbal Behavior* (1957), e assume uma posição diferente ao longo das publicações de 1986 e 1989, em que se dedica ou deixa mais clara a importância do ouvinte enquanto ambiente verbal para os comportamentos do falante.

Ainda no artigo “The Evolution of Verbal Behavior” (1986), Skinner deixa claro que um passo crucial na evolução do comportamento verbal parece ser a mudança genética que deixou as cordas vocais e a faringe sob controle do condicionamento operante e possibilitou a coordenação de todos esses sistemas para produzir os sons da fala, fatores estes que já estavam inclusos na análise feita por Skinner em 1957. E, logo em seguida, aponta as

¹⁴ Texto original: A definition of verbal behavior as behavior reinforced through the mediation of other persons needs, as we shall see, certain refinements. Moreover, it does not say much about the behavior of the listener, even though there would be little verbal behavior to consider if someone had not already acquired special responses to the patterns of energy generated by the speaker. This omission can be justified, for the behavior of the listener in mediating the consequences of the behavior of the speaker is not necessarily verbal in any special sense. It cannot, in fact, be distinguished from behavior in general, and an adequate account of verbal behavior need cover only as much of the behavior of the listener as is needed to explain the behavior of the speaker. (Skinner, 1957, p.2)

vantagens do comportamento vocal, que são relacionadas a situações em que há restrições dos movimentos do corpo do falante (por exemplo, quando alguém está segurando alguma coisa nas mãos) e em que a visão está prejudicada (por exemplo, quando se está no escuro).

O passo crucial na evolução do comportamento verbal parece, então, ter sido a mudança genética que as colocou [as cordas vocais] sob controle do condicionamento operante e tornou possível a coordenação de todos esses sistemas na produção dos sons da fala.¹⁵ (Skinner, 1986, p. 117)

Com relação ao que está sendo discutido, Skinner afirmou em seu livro *Verbal Behavior* (1957) que o comportamento vocal é executado através de uma extensa musculatura, que está sob controle do condicionamento operante.

O comportamento verbal vocal é executado por uma extensa musculatura - o diafragma, as cordas vocais, as falsas cordas vocais, a epiglote, o palato, a língua, a bochecha, os lábios e a mandíbula. O mais completo registro de uma única instância de um enunciado seria um relato elétrico ou mecânico da ação de todos os músculos envolvidos. No momento, isso tem apenas interesse teórico, uma vez que nada como isso foi feito. Felizmente, uma ciência do comportamento verbal não precisa esperar. As complexas respostas musculares do comportamento verbal afetam o ambiente verbal produzindo "fala" audível. Esse é um dado muito mais acessível.¹⁶ (p. 14)

Com base nas citações de 1986 e de 1957, é possível afirmar que Skinner reiterou o papel da genética que colocou órgãos relacionados aos sons da fala sob controle do condicionamento operante, favorecendo a evolução do comportamento verbal.

¹⁵ Texto original: The crucial step in the evolution of verbal behavior appears, then to have been the genetic change that brought them under the control of operant conditioning and made possible the coordination of all these systems in the production of speech sounds. (Skinner, 1986, p.117).

¹⁶ Texto original: Vocal verbal behavior is executed by an extensive musculature – the diaphragm, the vocal cords, the false vocal cords, the epiglottis, the soft palate, the tongue, the cheek, the lips, and the jaw. The most complete record of a single instance of an utterance would be an electrical or mechanical report of the action of all the muscles involved. At the moment this is of theoretical interest only, since nothing like it has ever been made. Fortunately, a science of verbal behavior need not wait. The complex muscular responses of vocal behavior affect the verbal environment by producing audible “speech”. This is a much more accessible datum. (Skinner, 1957, p.14).

Nesse mesmo artigo (1986), Skinner destaca três passos que foram dados na evolução do comportamento verbal (tomando como base um exemplo de pesca), dando ênfase ao terceiro passo como sendo o mais útil. Segundo Skinner, o comportamento do falante é verbal quando: (1) é fortalecido pelo comportamento do ouvinte que o consequencia; (2) a mesma resposta foi realizada em outros contextos, com outras consequências, estando sob controle de um estímulo discriminativo exclusivo (quando for um tato); ou (3) quando for modelado e mantido por um ambiente verbal transmitido de uma geração para outra. Este terceiro passo se configura como um complemento ao conceito de comportamento verbal apresentado em 1957, uma vez que a transmissão do ambiente verbal de geração em geração não é um fator definidor do comportamento verbal e sequer é citada ao longo do livro de 1957. Por fim, Skinner definiu comportamento verbal como o comportamento que é reforçado pela mediação de outra pessoa, mas apenas quando o comportamento dessa outra pessoa foi modelado e mantido por um ambiente verbal ou linguagem. Com base nessa definição, Skinner discutiu a questão de que os animais apenas conseguiram emitir comportamentos verbais em ambientes artificiais de laboratório, e que, ainda assim, não desenvolveram a própria linguagem, diferenciando esses comportamentos de outros animais do comportamento verbal.

Tomando o episódio da pesca como um exemplo, poderíamos dizer que a resposta de B se tornou verbal (1) quando foi fortalecida pela primeira vez pela ação de A de puxar a rede (quando se tornou um operante vocal), (2) quando a mesma resposta foi emitida em outros *settings*, com outras consequências, e ficou sob controle exclusivo de um peixe como um estímulo discriminativo, independentemente de qualquer estado particular de privação ou de estimulação aversiva (quando emergiu como um tato), ou (3) quando foi modelada e mantida por um ambiente verbal transmitido de

uma geração para outra (quando se tornou parte de uma "língua").¹⁷ (Skinner, 1986, p. 121)

Com base nessas citações é possível observar que, em 1986, Skinner complementou a definição do conceito de comportamento verbal em relação à definição do livro de 1957, dando ênfase ao papel do ambiente verbal no qual o comportamento verbal ocorre, ou seja, para que um comportamento seja verbal é necessário que ele seja modelado e mantido por um ambiente verbal (ou língua) transmitido de geração em geração.

Categoria: Definição e Identificação de Operante Verbal

Nesta categoria, foram agrupadas as publicações em que Skinner definiu o conceito de operante verbal e identificou os vários operantes verbais. Ao todo, foram encontradas seis publicações relacionadas.

Dentre essas publicações, em duas, foi possível constatar que Skinner reiterou integralmente o conceito de operante verbal que havia formulado em 1957, no livro *Verbal Behavior*. São elas, *The experimental analysis of operant behavior* (1977) e *How to discover what you have to say: A talk to students* (1981).

Em ambas as publicações, Skinner faz referência ao livro *Verbal Behavior* (1957), definindo os operantes verbais como diferentes contingências de reforçamento.

No *Comportamento Verbal*, os operantes verbais são classificados com referência às contingências de reforçamento mantidas por uma comunidade verbal¹⁸ (Skinner, 1977, p.379).

¹⁷ Texto original: Taking the fishing episode as an example, we could say that B's response became verbal (1) when it was first strengthened by A's action in pulling the net (when it became a vocal operant), (2) when the same response was made in other settings with other consequences and came under the exclusive control of a fish as a discriminative stimulus, regardless of any particular state of deprivation or aversive stimulation (when it emerged as a tact), or (3) when it was shaped and maintained by a verbal environment transmitted from one generation to another (when it became part of a "language"). These are all distinguishable steps in the evolution of verbal behavior, and if we are to choose one of them, the most useful appears to be (3). Verbal behavior is behavior that is reinforced through the mediation of other people, but only when the other people are behaving in ways that have been shaped and maintained by a verbal environment or language. (Skinner, 1986, p. 121).

O *Comportamento Verbal* (Skinner, 1957) aborda essas etapas em ordem. A primeira metade do livro descreve os tipos de operantes verbais produzidos por diferentes contingências de reforçamento. Embora eles sejam mais do que estruturas, porque eles têm probabilidade de reforçamento, eles não são declarações.¹⁹ (Skinner, 1981, p. 6).

Os trechos citados acima demonstram que a forma como Skinner conceituou o que é um operante verbal em 1957 - em termos de contingências de reforçamento - foi reiterada. Divergências em relação ao que foi afirmado no livro *Verbal Behavior*, publicado em 1957, foram encontradas, todas relacionadas à identificação dos operantes verbais, e nesse caso, todas relacionadas ao operante verbal Transcrição. Essas divergências ocorrem nas publicações: *Special Problems in Programming Language Instruction for Teaching Machines*(1960), *A Better Way to Deal With Selection* (1983), *The Evolution of Verbal Behavior* (1986) e no capítulo 2, "The Behavior of the Listener", contido na publicação *Rule-governed behavior: Cognition, contingencies, and instructional control* (1989).

Em 1957, Skinner identifica como operantes verbais primários: mando, tato, ecoico, transcrição (que inclui cópia e ditado), intraverbal e textual. Na publicação *Special Problems in Programming Language Instruction for Teaching Machines*(1960), Skinner reiterou o conceito geral de operante verbal, porém ao ressaltar os operantes verbais presentes na aprendizagem de uma língua e as dificuldades encontradas em relação a cada um, utilizou o termo transcrição para discutir esse operante verbal em questão pela última vez nas publicações analisadas no presente trabalho, e acrescentou o que ele chama, nessa publicação,

¹⁸ Texto original: In *Verbal Behavior*, verbal operants are classified by reference to the contingencies of reinforcement maintained by a verbal community. (Skinner, 1977, p.379).

¹⁹Texto original: *Verbal Behavior* (Skinner, 1957) takes up these stages in order. The first half of the book describes the kinds of verbal operants produced by different contingencies of reinforcement. Although these are more than structures because they have probabilities of reinforcement, they are not assertion. (Skinner, 1981, p. 6).

de operante verbal Ditado Apontando (utilizando a resposta de apontar) e de operante verbal Ditado, sendo que este último, em 1957, estava incluso no operante verbal transcrição.

O que se segue é uma lista de "operantes verbais" - isto é, de vários tipos de comportamento verbal e alguns dos problemas que cada um levanta. [...] III. Transcrição: Estímulo escrito, resposta escrita. Problemas semelhantes aos do comportamento ecoico – ex., discriminação de estímulo, diferenciação de resposta (aprendendo a escrever através de um caderno para exercício), tamanho da unidade (letra, palavra), repertório mínimo e sua relação com a cópia de um desenho, auto-reforçamento automático. IV. Ditado: Estímulo falado, resposta escrita. Problemas selecionados: A. discriminação de estímulo, como no comportamento ecoico. B. Diferenciação de resposta, como nos comportamentos textual e transcritivo. C. Unidades (letra, palavra, sentença, som estenográfico - ou palavra-sinal, etc.). D. Repertório mínimo (stenografia, alfabeto fonético versus ortografia da língua). V. Ditado apontando: estímulo falado, apontar para letras ou palavras. Enfatiza a discriminação de estímulo ao mesmo tempo em que evita problemas de diferenciação de resposta. Pode ser usado para facilitar uma resposta em técnicas de múltipla escolha. Problemas semelhantes a vários acima.²⁰(Skinner, 1960, pp. 171-172).

Como é possível verificar na citação acima, Skinner acrescenta dois operantes verbais novos (Ditado e Ditado Apontando), sendo que um deles (Ditado), estava incluso no operante verbal Transcrição, que, aparentemente, passou a abranger apenas a cópia.

²⁰Texto original: *The following is a list of "verbal operants" - that is, of various kinds of verbal behavior and some of the problems each raises. [...] III. Transcription: Written stimulus, written response. Problems similar to those of echoic behavior – ie., stimulus discrimination, response differentiation (learning to write via a copybook), size of unit (letter, word), minimal repertoire and its relation to drawing from copy, automatic self-reinforcement. IV. Dictation: Spoken stimulus, written response. Selected problems: A. stimulus discrimination, as in echoic behavior. B. Response differentiation, as in textual and transcriptive behavior. C. Units (letter, word, sentence, stenographic sound – or word-sign, etc.). D. Minimal repertoire (stenography, phonetic alphabet vs. orthography of the language). V. Dictation by pointing: spoken stimulus, pointing to letters or words. Emphasizes stimulus discrimination while avoiding problems of response differentiation. Can be used to facilitate a response in a multiple choice techniques. Problems similar to several above. (Skinner, 1960, pp. 171-172).*

A seguir, uma citação do livro *Verbal Behavior* (1957), acerca do operante verbal transcrição:

Transcrição, tanto em cópia de material escrito quanto em tomar ditado, recebe muitos reforçadores educacionais e econômicos especiais e continua a ser sustentada por outras consequências na vida diária.²¹ (p.71).

Como é possível observar, ao abordar o conceito de transcrição no livro de 1957, Skinner deixa claro que ambas as contingências, de cópia e ditado, fazem parte do operante verbal em questão, divergindo da posição que assume em 1960, em que apenas a cópia está inclusa no que chamou de transcrição e outros dois operantes verbais foram criados para dar conta dos comportamentos que envolvem o ditado e o ditado apontando.

No capítulo 3, “Verbal Behavior under the Control of Verbal Stimuli”, contido no livro *Verbal Behavior* (1957), Skinner afirma que as três principais categorias de comportamentos verbais em que as respostas estão sob controle de um estímulo verbal a serem discutidas são as que dizem respeito aos comportamentos ecoico, textual e intraverbal, sem mencionar, desta forma, a transcrição como uma das principais categorias de comportamento verbal sob controle de estímulos verbais.

O presente capítulo limita-se a respostas sob o controle de estímulos verbais audíveis ou escritos fornecidos por outra pessoa ou pelo próprio falante. Uma outra distinção pode ser feita em termos das semelhanças entre formas de estímulo e resposta. As três principais categorias a serem discutidas são os comportamentos ecoico, textual e intraverbal.²² (Skinner, 1957, p.55)

²¹Texto original: *Transcription either in the copying of written material or in taking dictation receives many special educational and economic reinforcements and continues to be sustained by other consequences in everyday life.* (Skinner, 1957, p.71).

²²Texto original: *The present chapter is confined to responses under the control of audible or written verbal stimuli supplied by another person or by the speaker himself. A further distinction may be made in terms of the resemblances between forms of stimulus and response. The three principal categories to be discussed are echoic, textual, and intraverbal behavior.* (Skinner, 1957, p.55).

No entanto, nesse mesmo capítulo, há um subtítulo dedicado exclusivamente ao operante verbal Transcrição (p. 69), que se encontra entre os subtítulos do operante verbal textual e do operante verbal intraverbal, o que evidencia a sua consideração na análise realizada por Skinner e a importância que atribuiu a essa contingência verbal no período de construção do livro.

Com base na citação acima e no fato de existir um subtítulo para o operante verbal em questão, tal qual foi descrito acima, é possível supor que, apesar de Skinner definir e descrever o operante verbal Transcrição, em seu livro de 1957, e, portanto, dar certa importância a ele, parece que, nesse mesmo livro, esse operante verbal já não era um dos principais e, com isso, seu nível de importância também não era compatível com a dos demais.

Em comparação, na publicação *The Evolution of Verbal Behavior* (1986), apesar de identificar os operantes verbais como probabilidades de ação, afirmação esta que já estava contida no livro *Verbal Behavior* (1957), Skinner aborda todos os outros cinco operantes verbais primários analisados no livro de 1957, deixando de fora o operante verbal Transcrição, ao qual nem faz menção. Da mesma forma, também não faz referência aos operantes verbais Ditado e Ditado Apontando, encontrados na publicação de 1960 mencionada acima.

Como uma mera probabilidade de responder, um tato tem o mesmo status que três tipos de operantes verbais dos quais também não se diz que significam ou se referem às suas variáveis de controle. Um deles é o ecoico (deveríamos ter maior probabilidade de dizer pesca se alguém tivesse acabado de dizer peixe). Outro é o textual (deveria ser mais provável dizermos pesca se existisse um sinal na parede escrito PEIXE); E um terceiro é o intraverbal (deveria ser mais provável dizermos

pesca se tivéssemos acabado de ler ou ouvir uma palavra que tivesse ocorrido frequentemente próxima a peixe).²³ (Skinner, 1986, p. 119).

A seguir, apresenta-se o trecho do capítulo 2, "The Behavior of the Listener", contido na publicação *Rule-governed behavior: Cognition, contingencies, and instructional control* (1989), no qual, assim como na publicação "A Better Way to Deal with Selection" (1983), Skinner afirma a existência de apenas cinco operantes verbais primários: Mando, Tato, Ecóico, Textual e Intraverbal, e não faz referência em nenhum momento ao operante verbal Transcrição (nem ao Ditado ou ao Ditado Apontando).

Um operante verbal é uma probabilidade. Cinco tipos de operantes - mando, tato, intraverbal, ecóico e textual - são distinguidos por suas respectivas contingências de reforçamento. Eles são mantidos por ambientes verbais ou culturas - ou seja, por ouvintes.²⁴ (Skinner, 1989, p. 87).

Isso difere do que foi afirmado no livro *Verbal Behavior* (1957), na medida em que, apesar de Skinner não mencionar o operante verbal Transcrição como um dos principais operantes verbais primários (quando cita todos eles e não menciona a transcrição), em 1957, apresenta um subtítulo sobre o operante verbal Transcrição entre os subtítulos sobre os demais operantes verbais primários (que são considerados os principais).

As mudanças no número de operantes verbais identificados e descritos em diferentes publicações e as mudanças na forma como conceitua o operante verbal Transcrição podem indicar que Skinner privilegia cinco operantes verbais primários principais (Tato, Mando,

²³Texto original: *As a mere probability of responding, a tact has the same status as three types of verbal operants that are also not said to mean or refer to their controlling variables. One is echoic (we should have been more likely to say fishing if someone had just said fish). Another is textual (we should have been more likely to say fishing if there had been a sign on the wall reading FISH); and a third is intraverbal (we should have been more likely to say fishing if we had just read or heard a word that has frequently occurred in proximity with fish).* (Skinner, 1986, p. 119).

²⁴Texto original: *A verbal operant is a probability. Five kinds of operants – mand, tact, intraverbal, echoic, and textual- are distinguished by their respective contingencies of reinforcement. They are maintained by verbal environments or cultures – that is, by listeners.* (Skinner, 1989, p. 87).

Ecoico, Textual e Intraverbal), porém acrescenta outros conforme a necessidade imposta por um dado contexto em que novas contingências verbais são observadas.

Categoria: Definição e Descrição do Operante Verbal Mando

Nesta categoria, foram agrupadas as publicações em que Skinner definiu e/ou descreveu o operante verbal Mando. Ao todo, foram encontradas 12 publicações relacionadas.

Em todas as publicações agrupadas nessa categoria, foi possível constatar que Skinner reiterou o conceito do operante verbal Mando que havia formulado em 1957, no livro *Verbal Behavior*. Para ilustrar tais reiterações seguem alguns exemplos.

Em *Special Problems in Programming Language Instruction for Teaching Machines* (1960), ao citar os vários tipos de operantes verbais encontrados no contexto da aprendizagem, Skinner faz uma breve descrição da contingência de mando, que confere com a formulação inicial feita em 1957:

Às vezes, é conveniente referir-nos a essa relação dizendo que o mando "especifica" o seu reforçamento.²⁵ (Skinner, 1957, p. 36).

VIII. Mandos: não há estímulo específico, resposta "se refere" a reforçamento específico. Exemplos: comando, pergunta, conselho, etc.²⁶ (Skinner, 1960, p.172).

Em ambas as citações acima, é possível observar que Skinner conceitua o operante verbal mando como uma contingência em que o reforçador é específico, o que significa que dada uma condição antecedente específica, há a emissão de uma resposta que tem como consequência um reforçador específico, que satisfaz aquela condição antecedente (condição esta hoje chamada de operação motivadora). Portanto, o trecho de *Special Problems in*

²⁵Texto original: It is sometimes convenient to refer to this relation by saying that a mand "specifies" its reinforcement. (Skinner, 1957, p.36).

²⁶Texto original: VIII. Mands: no specific stimulus, response "refers" to a specific reinforcement. Examples: commanding, asking, advising, etc. (Skinner, 1960, p.)

Programming Language Instruction for Teaching Machines (1960) reitera o que Skinner afirmou no livro de 1957, com a diferença de que, em *Verbal Behavior* (1957), Skinner, em outros trechos, detalha mais o que caracteriza esse operante verbal.

Na anotação “Symbols of Submission” (1960), contida no livro *Notebooks* (1980), Skinner aborda o que ele chama de Mando Mágico, apresentando um exemplo desse tipo de mando, que condiz com o que havia escrito sobre o assunto em 1957. O exemplo dado em 1980 se refere à frase “vida longa ao rei”, que jamais teve como consequência o efeito especificado (uma vida longa para o rei). Seguem as citações das publicações de 1957 e de 1980.

Há mandos que não podem ser explicados mostrando-se que eles alguma vez tiveram o efeito especificado, ou qualquer efeito similar, em ocasiões semelhantes. O falante parece criar novos mandos por analogia com os antigos. [...] O *desejo* frequentemente assume a forma de *mando* e deve ser classificado como um mando mágico, se as consequências especificadas nunca realmente ocorreram como resultado de comportamento verbal semelhante.²⁷ (Skinner, 1957, pp.48-49).

“Vida longa ao rei” pode ser um mando mágico, e reforçado pelo rei como um gesto de deferência ou como uma negativa de planos de assassinato.²⁸ (Skinner, 1980, p.190).

Como é possível observar, de acordo com a definição de mando mágico contida no livro *Verbal Behavior* (1957), a expressão “vida longa ao rei” pode ser considerada um mando mágico, uma vez que a consequência especificada na expressão (a vida longa) jamais

²⁷Texto original: There are mands which cannot be accounted for by showing that they have ever had the effect specified or any similar effect upon similar occasions. The speaker appears to create new mands on the analogy of old ones. [...]Wishing frequently takes the mand form and must be classified as a magical mand if the consequences specified have never actually occurred as the result of similar verbal behavior. (Skinner, 1957, pp. 48-49).

²⁸Texto original: “Long live the king” may be a magical mand, and reinforced by the king as a gesture of deference or as a denial of plans to assassinate. (Skinner, 1960, p.190).

ocorreu como consequência desse comportamento verbal ou de comportamento verbal semelhante.

Em *The Evolution of Verbal Behavior* (1986), Skinner reafirma a formulação geral do conceito de mando, proposta em 1957 e também especifica dois tipos de mando (mando-objeto e mando-ação), que também foram abordados no livro de 1957, porém sem a utilização dessa nomenclatura em 1986.

Um "mando" pode ser, então, definido como um operante verbal no qual a resposta é reforçada por uma consequência característica e está, portanto, sob controle funcional de condições relevantes de privação ou de estimulação aversiva.²⁹ (Skinner, 1957, pp. 35-36).

Ouçá!, Olhe!, Corra!, Pare! e Diga sim! especificam o comportamento de um ouvinte; mas quando uma pessoa faminta pede *Pão!* ou *Mais sopa!*, ela está especificando o reforçamento final. Frequentemente, tanto o comportamento do ouvinte quanto o reforçamento final são especificados. O mando *Passe o sal!* especifica uma ação(*passé*)e um reforçamento final (o *sal*).³⁰(Skinner, 1957, p. 36).

Um mando é também um subproduto de muitas instâncias nas quais a variável de controle é um estado de privação ou uma estimulação aversiva.[...] Existem dois tipos de mando. *Puxe* é um mando-ação, reforçado quando o ouvinte faz algo. *Peixe*, como um encurtamento de *Me dê um peixe, por favor*, é um mando-objeto, reforçado pelo recebimento do peixe.³¹ (Skinner, 1986, p. 119).

²⁹Texto original: A "mand" then, may be defined as a verbal operant in which the response is reinforced by a characteristic consequence and is therefore under the functional control of relevant conditions of deprivation or aversive stimulation. (Skinner, 1957, pp. 35-36).

³⁰Texto original: *Listen!, Look!, Run!, Stop!, and Say yes!* specify the behavior of a listener; but when a hungry diner calls *Bread!*, or *More soup!*, he is specifying the ultimate reinforcement. Frequently both the behavior of the listener and the ultimate reinforcement are specified. The mand *Pass the salt!* specifies an action (*pass*) and an ultimate reinforcement(*the salt*).

³¹Texto original: A mand is also a by-product of many instances, in which the controlling variable is a state of deprivation or aversive stimulation. [...]There are two types of mand. *Pull* is an action-mand, reinforced when

De acordo com as citações acima, em ambas, Skinner menciona a existência de dois tipos de mando, o que especifica uma ação ou comportamento do ouvinte e o que especifica um objeto ou um reforçador final, sendo que uma reitera a outra com o adendo da nomenclatura “mando-objeto” e “mando-ação” na publicação mais recente.

Muitos dos textos que foram inclusos nesta categoria de análise tratavam de exemplos de contingências de mando. Em *Contingencies of Reinforcement*, no subtítulo "Note 1.1–Some contingencies of reinforcement", pertencente ao capítulo "The Role of the Environment", Skinner apresenta a seguinte contingência como exemplo de mando, coerentemente com o que foi afirmado sobre o conceito de mando em 1957:

(14) “Mando”. Na presença de um ouvinte (SD), a resposta *Água* é reforçada quando o ouvinte dá água ao falante.³² (Skinner, 1969, p.25).

O trecho citado acima está exemplificando o que Skinner define como o operante verbal mando em *Verbal Behavior* (1957). No livro de 1957, Skinner define mando como uma contingência na qual dada uma condição relevante de privação ou estimulação aversiva, o falante emite uma resposta verbal e produz uma consequência específica. No exemplo acima, dada uma condição de privação de água, o falante emite a resposta verbal água e recebe a consequência específica, que é o ouvinte lhe dar água. Dessa forma, podemos dizer que em ambos os livros, Skinner utiliza a mesma definição de mando.

Concluindo, foi possível observar que ao longo das publicações posteriores ao livro *Verbal Behavior* (1957), Skinner reiterou e exemplificou o conceito de mando, sem acrescentar, modificar ou excluir qualquer informação relacionada a ele, exceto o nome que

the listener does something. *Fish*, as short for *Give me fish, please* is an object-mand, reinforced by the receipt of fish. (Skinner, 1986, p. 119).

³²Texto original: (14) “Mand.” In the presence of a listener (SD), the response *Water* is reinforced when the listener gives the speaker water. (Skinner, 1969, p.25).

dá a dois tipos de mando: mando-ação e mando-objeto, que, no entanto, já haviam sido descritos em 1957, porém sem esses nomes.

Categoria: Definição e Descrição do Operante Verbal Ecoico

Nesta categoria, foram agrupadas as publicações em que Skinner definiu, descreveu e/ou exemplificou o operante verbal ecoico. Ao todo, foram encontradas 15 publicações relacionadas.

Em todas as publicações agrupadas nessa categoria, foi possível constatar que Skinner reiterou o conceito do operante verbal ecoico que havia formulado em 1957, no livro *Verbal Behavior*. Para ilustrar tais reiteraões seguem alguns exemplos.

Na publicação *Language Teaching Today* (1960), Skinner define brevemente o operante verbal ecoico e descreve os possíveis problemas de aprendizagem relacionados a esse comportamento, de forma semelhante ao que foi feito no livro *Verbal Behavior* (1957).

I. Comportamento Ecoico: estímulo vocal, resposta vocal. Problemas selecionados: A. Discriminação de Estímulos (ouvido). B. Diferenciação de resposta (pronúncia, sotaque). C. Tamanho da unidade (fonemas, --). D. Repertório mínimo permitindo extensão a um novo estímulo, e a sua relação com a mímica. Repertórios defeituosos e medidas remediativas. E. auto-reforçadores automáticos críticos.³³ (Skinner, 1960, p. 171).

É possível observar na citação acima que Skinner descreve comportamento ecoico como aquele que tem um estímulo vocal e uma resposta vocal, sem mencionar o tipo de estímulo reforçador. Além disso, lista cinco problemas relacionados à programação de instruções em uma máquina de ensinar. Eles estão relacionados a discriminação de estímulos, diferenciação de resposta, tamanho da unidade, repertório mínimo permitindo a extensão a

³³ Texto original: I. Echoic behavior:spoken stimulus, spoken response. Selected problems: A. Stimulus discrimination (ear). B. Response differentiation (pronunciation, accent). C. Size of unit (phonics, phonemes). D. Minimal repertoire permitting extension to new stimuli, and its relation to mimicry. Defective repertoires and remedial measures. E. Automatic critical self-reinforcement. (Skinner, 1960, p.171)

um novo estímulo e a auto reforçadores automáticos. De acordo com o trecho extraído do livro *Verbal Behavior* (1957) citado adiante, Skinner já havia descrito a contingência do comportamento ecoico com estímulos discriminativos vocais e respostas vocais (com o adendo de que também identificou o tipo de reforçador, que, no caso, é generalizado). Além disso, na mesma publicação, discute todos os cinco temas listados como possíveis problemas na publicação de 1960. Seguem as citações do livro *Verbal Behavior* (1957), que ilustram tal análise:

No caso mais simples em que o comportamento verbal está sob controle de estímulos verbais, a resposta gera um padrão de som similar ao do estímulo.³⁴ (p.55).

Na aquisição de um repertório ecoico, o falante habilidoso aumenta as chances de que ele ecoará corretamente materiais novos, aprendendo a não responder da mesma forma que respondeu de modo não efetivo anteriormente (...) Respostas ecoicas parciais serão emitidas diante de um novo estímulo como resultado de contingências similares anteriores.³⁵ (p. 60)

(...) a correspondência formal entre o estímulo e a resposta produzida pode ser demonstrada no nível de sons falados ou de propriedades acústicas.³⁶ (p. 61)

O som da fala (ou o "fonema" dos linguistas) não é necessariamente a menor unidade. O mímico habilidoso possui o que podemos chamar de um repertório "refinado", que permite que ele ecoe novos padrões de som de forma acurada.³⁷ (p. 63)

³⁴ Texto original: In the simplest case in which verbal behavior is under the control of verbal stimuli, the response generates a sound-pattern similar to that of the stimulus (Skinner, 1957, p.55).

³⁵Texto original: In acquiring an echoic repertoire the skillful speaker increases the chances that he will correctly echo new material by learning not to respond as he has already responded ineffectively[...] Partially echoic responses will be made to a novel stimulus as the result of earlier similar contingencies (Skinner, 1957, p.60)

³⁶Texto original: (...) the formal correspondence between stimulus and response- product can be demonstrated at the level of "speech-sounds" or acoustic properties. (Skinner, 1957, p.61)

No comportamento ecoico, a correspondência na qual o reforçamento é baseado pode servir como um reforçador automático condicionado. (...) Tal reforçamento torna a forma da resposta cada vez mais próxima à forma do estímulo, sendo o limite a correspondência mais precisa possível, tanto em relação à capacidade vocal do falante, quanto à capacidade dele de julgar a similaridade.³⁸ (p. 68).

Com base nos trechos citados acima e na análise comparativa das publicações, tanto de 1957 quanto de 1960, podemos concluir que o que foi escrito por Skinner sobre o operante verbal ecoico na publicação de 1960 reitera o que já havia sido escrito em 1957, no livro *Verbal Behavior*.

Na publicação *Reply to Place: "Three senses of the word 'tact'"* (1985), ao comentar o uso que fez da palavra tato (fazendo referência ao operante verbal Tato) em *Verbal Behavior* (1957), Skinner ressalta os quatro operantes verbais que indicou no livro que envolvem controle de estímulos, e descreve brevemente cada um deles. Um desses quatro operantes verbais é o ecoico, e sua breve descrição, indicando a existência de uma correspondência ponto a ponto entre o estímulo e a resposta, coincide com o que foi afirmado no livro de 1957.

Quatro dos cinco tipos de operantes verbais no meu livro envolvem controle de estímulos. A probabilidade de uma resposta é afetada por algo no ambiente do falante. É mais provável que um falante diga árvore se (1) tiver uma árvore à sua volta (tato),

³⁷Texto original: The speech-sound (or the linguist's "phoneme") is not necessarily the smallest unit, The skilled mimic has what we may call a "fine-grained" repertoire which permits him to echo novel sound-patterns accurately. (Skinner, 1957, p.63)

³⁸ Texto original: In echoic behavior, the correspondence upon which reinforcement is based may serve as an automatic conditioned reinforcer. [...] Such reinforcement brings the form of the response closer and closer to the form of the stimulus, the limit being the most precise correspondence possible either with respect to the vocal capacity of the speaker or his capacity to judge similarity. (Skinner, 1957, p.68)

se (2) ele acabou de ouvir ou ler as palavras *Under the spreading chestnut*³⁹ (intraverbal), se (3) ele acabou de ouvir alguém dizendo árvore (ecoico), ou se (4) ele acabou de ver a palavra ÁRVORE (textual). [...] No comportamento ecoico, existe uma correspondência ponto-a-ponto muito precisa, no comportamento textual, existe uma que é pouco menos precisa. Em nenhum dos quatro tipos o falante está dizendo qualquer coisa sobre a árvore, referindo-se à árvore, comunicando a ideia de uma árvore, ou agindo de qualquer outra forma específica em relação ao ouvinte. O ouvinte não precisa estar presente.⁴⁰ (Skinner, 1985, p. 75).

Podemos identificar, nesta citação, que Skinner descreveu o operante verbal ecoico como um comportamento em que é mais provável que uma dada resposta seja emitida dada a existência de um estímulo discriminativo vocal correspondente (estímulo vocal árvore – resposta vocal árvore). Assim, neste trecho Skinner deixa subentendida a existência de uma correspondência formal entre a resposta e o estímulo discriminativo do operante verbal ecoico. Ademais, Skinner inicia o trecho falando da probabilidade de uma resposta em diversos operantes verbais, inclusive no ecoico, o que faz alusão às contingências de reforçamento (uma vez que são indispensáveis para que seja possível prever a probabilidade de uma resposta).

³⁹*Under the spreading chestnut tree*: Esta expressão (em português, embaixo da castanheira que se espalha) foi primeiramente utilizada no romance de George Orwell, *Nineteen Eighty-Four*, que conta a história de um Estado totalitário que trabalhava para extinguir a individualidade dos cidadãos e propagava a ideia contrária de que trazia benefícios às pessoas. Essa expressão, apesar de incomum, é utilizada em contextos do setor corporativo (para falar da gratificação das companhias por fazer as pessoas gostarem de seus produtos, quando na realidade estes não serão bons para as pessoas) ou em festas políticas, em que se faz falsas promessas às pessoas, para convencê-las a serem felizes como se seus problemas tivessem acabado.

⁴⁰Texto original: Four of the five types of verbal operants in my book involve stimulus control. The probability of a response is affected by something in the environment of the speaker. A speaker is more likely to say *tree* if (1) there is a tree in his immediate vicinity (tact), if (2) he has just heard or read the words *Under the spreading chestnut* (intraverbal), if (3) he has just heard someone say *tree* (echoic), or if (4) he has just seen the word TREE (textual). [...] In echoic behavior, there is a fairly precise point-to-point correspondence, in textual behavior a somewhat less precise one. In no one of the four types is the speaker saying anything about a tree, referring to a tree, communicating the idea of a tree, or taking any other specific action upon a listener. A listener need not be present. (Skinner, 1985, p.75)

No livro *Verbal Behavior* (1957), Skinner também faz referência à existência de uma correspondência formal entre o estímulo e a resposta no operante ecoico, além de enfatizar que são as contingências de reforçamento que modelam e mantêm o comportamento ecoico.

No livro de 1957, existem dois trechos em que Skinner aborda o tema da correspondência entre estímulo e resposta no operante verbal ecoico, sendo que cada um deles enfatiza um tipo diferente de correspondência que caracteriza esse operante verbal. Em um dos trechos (o primeiro dos três trechos citados a seguir) Skinner fala de uma correspondência ponto-a-ponto no comportamento ecoico. Já nas duas últimas aborda a correspondência formal entre os dois termos da contingência, sendo que, na última citação, deixa claro que há uma diferença entre correspondência formal e correspondência ponto-a-ponto quando explicita que no comportamento ecoico e no de escrita por cópia, o tipo de correspondência seria formal, e no comportamento textual e de escrita por ditado, a correspondência seria do tipo ponto-a-ponto. Na citação relativa a *Reply to Place: "Three senses of the word 'tact'"* (1985), mencionada anteriormente neste trabalho (p. 42-43), Skinner também faz referência à correspondência do comportamento ecoico como sendo uma correspondência ponto-a-ponto. Seguem as citações do livro *Verbal Behavior* (1957) que ilustram as análises feitas.

Mandos que possuem a forma geral *Diga 'X'* caracteristicamente produzem respostas no ouvinte que têm uma correspondência ponto-a-ponto entre o som do estímulo e o som da resposta. Mas o comportamento ecoico comumente aparece na ausência de um mando explícito.⁴¹ (Skinner, 1957, p. 55)

⁴¹ Texto original: Mands of the general form *Say 'X'* characteristically produce responses in the listener showing a point-to-point correspondence between the sound of the stimulus and the sound of the response. But echoic behavior commonly appears in the absence of an explicit mand. (Skinner, 1957, p.55)

Comportamento ecoico, como todo comportamento verbal, é modelado e mantido por certas contingências de reforçamento. A similaridade formal entre o estímulo e a resposta é parte dessas contingências e só pode ser explicada se olharmos para a significância da similaridade para a comunidade reforçadora.⁴² (Skinner, 1957, p 59)

No comportamento ecoico e no de escrita por cópia existe uma correspondência formal entre o estímulo e a resposta emitida sob controle desse estímulo. No comportamento textual e no comportamento de escrita por ditado existe uma correspondência ponto-a-ponto entre sistemas dimensionais diferentes.⁴³ (Skinner, 1957, p. 71).

As citações acima deixam claro que o que foi afirmado por Skinner em 1985 sobre o comportamento ecoico, é uma reiteração do que já havia sido dito em 1957 no livro *Verbal Behavior*.

No artigo "The Evolution of Verbal Behavior" (1986), Skinner também ressalta o fato de que existem quatro operantes verbais (tato, ecoico, textual e intraverbal) que, como mera probabilidade de responder, não significam ou fazem referência às suas variáveis de controle, afirmação esta que também pode ser encontrada no livro *Verbal Behavior* (1957).

Como mera probabilidade de responder, um tato tem o mesmo status que três tipos de operantes que também não significam ou fazem referência às respectivas variáveis de controle. Um é o Ecoico (é mais provável dizer "pescando" se alguém tiver acabado

⁴²Texto original: Echoic behavior, like all verbal behavior, is shaped and maintained by certain contingencies of reinforcement. The formal similarity between stimulus and response is part of these contingencies and can be explained only by pointing to the significance of the similarity to the reinforcing community. (Skinner, 1957, p.59)

⁴³Texto original: In echoic behavior and in writing from copy there is a formal correspondence between stimulus and response-product. In textual behavior and in taking dictation there is a point-to-point correspondence between different dimensional systems. (Skinner, 1957, p.71).

de dizer "peixe"). [...] Nós não dizemos que "peixe" significa ou se refere ao peixe quando é uma resposta ecoica, textual ou intraverbal.⁴⁴ (Skinner, 1986, p. 119).

Em consonância com essa citação, no livro *Verbal Behavior* (1957), Skinner afirma que nos quatro operantes (tato, ecoico, textual e intraverbal), há o enfraquecimento em relação a qualquer operação motivadora, estabelecendo uma relação de controle única pelo estímulo discriminativo. Isso faz com que, nos quatro operantes destacados, haja uma relação de controle especial entre o estímulo discriminativo e a resposta (diferente da relação estabelecida entre os mesmos dois termos em uma contingência de mando), que resulta em uma correspondência entre os dois, o que pode produzir a sensação de que a resposta se refere ao estímulo discriminativo que exerce controle sobre ela. Sobre isso, Skinner deixa claro que não se trata de a resposta se referir a algo e sim de relações de controle que implicam uma probabilidade de responder. Seguem os trechos referentes ao livro *Verbal Behavior* (1957).

No tato, entretanto, (assim como nos comportamentos ecoico, textual e intraverbal) nós enfraquecemos a relação com qualquer privação ou estimulação aversiva e instalamos uma relação única com o estímulo discriminativo. Nós fazemos isso reforçando a resposta, da forma mais consistente possível, na presença de um estímulo com muitos reforçadores diferentes ou com um reforço generalizado. O controle resultante se dá pelo estímulo.⁴⁵ (p.83)

⁴⁴Texto original: As a mere probability of responding, a tact has the same status as three types of verbal operants that are also not said to mean or refer to their controlling variables. One is echoic (we should have been more likely to say fishing if someone had just said fish). [...] We do not say that fish means or refers to fish when it is anechoic, textual, or intraverbal response. (Skinner, 1986, pg. 119).

⁴⁵Texto original: In the tact, however, (as well as in echoic, textual, and intraverbal behavior) we weaken the relation to any specific deprivation or aversive stimulation and set up a unique relation to a discriminative stimulus. We do this by reinforcing the response as consistently as possible in the presence of one stimulus with many different reinforcers or with a generalized reinforcer. The resulting control is through the stimulus. (Skinner, 1957, p.83)

Os operantes ecoico e textual, por conta da correspondência ponto-a-ponto que possuem com o estímulo verbal gerado pelo comportamento de outros, podem parecer tatos, mas ao lidar com o falante do comportamento ecoico ou textual, os referentes originais não devem ser relevantes. Quando nós repetimos ou lemos uma passagem de comportamento verbal, nós não estamos necessariamente nos "referindo a qualquer coisa" em um sentido especial de tato.⁴⁶ (Skinner, 1957, p. 128).

Em ambas as publicações acima, Skinner deixa claro que, apesar de existir uma relação de controle que implica uma correspondência entre estímulo e resposta nos operantes tato, ecoico, textual e intraverbal, isso não é o mesmo que afirmar que a resposta se refere ao estímulo discriminativo em questão, e que os operantes verbais se implicam probabilidades de responder.

De acordo com o que foi apresentado, conclui-se que, ao longo das publicações posteriores ao livro *Verbal Behavior* (1957), Skinner reiterou e exemplificou o conceito do operante verbal ecoico, sem acrescentar, modificar ou excluir qualquer informação relacionada a ele.

Categoria: Definição e Descrição do Operante Verbal Textual

Nesta categoria, foram agrupadas as publicações em que Skinner definiu e/ou descreveu o operante verbal Textual. Ao todo, foram encontradas 20 publicações relacionadas.

Com base na leitura de todas as publicações agrupadas nessa categoria, foi possível perceber que Skinner reiterou o conceito do operante verbal Textual que havia formulado em 1957, no livro *Verbal Behavior*. A fim de ilustrar essa afirmação, seguem alguns exemplos.

⁴⁶Texto original: Echoic and textual operants because of their point-to-point correspondence with verbal stimuli generated by the behavior of others, may look like tacts, but in dealing with the echoic or textual speaker the original referents may not be relevant. When we repeat or read a passage of verbal behavior, we are not necessarily "referring to anything" in the special sense of the tact. (Skinner, 1957, p.128)

Na publicação "Language Teaching Today" (1960), Skinner define brevemente o operante verbal textual como uma contingência em que o estímulo discriminativo é escrito e a resposta é vocal, e descreve os possíveis problemas de aprendizagem relacionados a esse comportamento, de forma semelhante à que foi feita no livro *Verbal Behavior* (1957).

II. Comportamento Textual: Estímulo escrito, resposta vocal. Problemas selecionados: A. Discriminação de estímulos (reconhecimento de padrões, "leitura espelhada", etc). B. Diferenciação de respostas (pronúncia novamente, mas sem o suporte ecoico, interferência de comportamento ecoico, de inconsistências do estímulo, etc). C. Tamanho da unidade (som, palavra, sentença). D. Repertório Mínimo e extensão a novos estímulos. E. Auto reforçamento (diferencia do caso ecoico).⁴⁷ (Skinner, 1960, p.171)

No livro *Verbal Behavior* (1957), Skinner define comportamento textual como aquele em que há uma resposta verbal vocal sob controle de um estímulo visual ou tátil, assim como na citação anterior. É possível, ainda, encontrar trechos que problematizam as mesmas questões de aprendizagem problematizadas na publicação de 1960. Um dos trechos a seguir esclarece que, por conta de, no comportamento textual, a resposta estar em uma modalidade auditiva diferente da modalidade do estímulo, visual ou tátil, há a falta da correspondência nas formas entre os dois termos da contingência, correspondência esta que, se presente, contribuiria para o refinamento de um repertório mínimo.

Há outros dois trechos citados abaixo, em que Skinner descreve as dificuldades relacionadas ao reforço automático no operante verbal textual, que, apesar de aumentar a probabilidade de respostas semelhantes serem emitidas novamente dado um certo estímulo discriminativo, não faz com que a correspondência entre a resposta e o estímulo fique mais

⁴⁷ Texto original: II. Textual behavior: written stimulus, spoken response. Selected problems: A. Stimulus discrimination (pattern recognition, "mirror reading," etc). B. Response differentiation (pronunciation again but without echoic support, interference from echoic behavior, from stimulus inconsistencies, etc.). C. Size of unit (sound, word, sentence). D. Minimal repertoire and extension to new stimuli. E. Self- reinforcement (differs from the echoic case). (Skinner, 1960, p.171).

precisa, como no caso do comportamento ecoico, em que o reforço automático auxilia para que a forma da resposta fique cada vez mais semelhante à forma do estímulo. Seguem as citações do livro de 1957.

Por que os estímulos estão em uma modalidade (visual ou tátil) e os padrões produzidos pela resposta estão em outro (auditivo), a correspondência das formas que torna possível o refinamento do repertório mínimo do comportamento ecoico está faltando. O problema de um repertório mínimo, entretanto, continua.⁴⁸ (p. 65)

Uma vez que o termo "leitura" usualmente se refere a muitos processos ao mesmo tempo, o termo "comportamento textual", mais restrito, será utilizado aqui. No operante textual, então, uma resposta vocal está sob controle de um estímulo verbal não-auditivo.⁴⁹ (p. 65-66)

Os efeitos colaterais da leitura, já mencionados e que serão discutidos nos Capítulos 5 e 6, proporcionam reforçamento automático. [...] Esse reforçamento não é, entretanto, contingente à acurácia da resposta da maneira necessária para modelar comportamento habilidoso.⁵⁰ (p.66)

No comportamento ecoico, a correspondência em que o reforço é baseado pode servir como um reforço condicionado automático. [...] Esse reforçamento faz com que a forma da resposta se aproxime cada vez mais da forma do estímulo, tendo como limite a correspondência mais precisa possível tanto em relação à capacidade vocal do falante quanto em relação à sua capacidade de julgar a similaridade. [...] O reforçamento automático da leitura de um texto "interessante", no entanto, tem apenas

⁴⁸ Texto original: Because the stimuli are in one modality (visual or tactual) and the patterns produced by the response in another (auditory), the correspondence of form which makes possible the fine grain of the minimal repertoire of echoic behavior is lacking. (Skinner, 1957, p. 65)

⁴⁹Texto original: Since the term "reading" usually refers to many processes at the same time, the narrower term "textual behavior" will be used here. In the textual operant, then, a vocal response is under the control of a nonauditory verbal stimulus. (Skinner, 1957, pp. 65-66)

⁵⁰Texto original: The collateral effects of reading already mentioned, and to be discussed in Chapters 5 and 6, provide automatic reinforcement. [...] Such reinforcement is not, however, contingent upon accuracy of response in the manner needed to shape skillful behavior. (Skinner, 1957, p. 66)

o efeito de aumentar a probabilidade da ocorrência desse comportamento; ele não reforça diferencialmente formas corretas no nível fonético.⁵¹ (p. 68-69).

No subtítulo "Terminal Behavior", do capítulo "A Review of Teaching", do livro *The Technology of Teaching* (1968), Skinner evidencia a diferença entre ler e ler com compreensão.

Um homem pode repetir corretamente o que alguém acabou de dizer, ou ler o que alguém escreveu, ou recitar o que aprendeu, sem compreender o que ele está dizendo.⁵² (Skinner, 1968, p. 202)

De forma semelhante, podemos encontrar trechos no livro *Verbal Behavior* (1957) que ressaltam essa diferença entre se comportar verbalmente e se comportar verbalmente com compreensão. Nos trechos a seguir, Skinner define ler com compreensão como uma tendência a emitir respostas verbais correspondentes às emitidas pelo autor do conteúdo lido, sob as mesmas circunstâncias desse mesmo autor do texto. E afirma que um comportamento textual pode ser uma mera emissão de cada uma das respostas, que são parte do nosso repertório, sob controle do estímulo discriminativo correspondente. Seguem os trechos que ilustram as afirmações acima.

Num sentido trivial, "compreender" é ser *capaz* de dizer a mesma coisa. [...] Cientistas que estudam as condições da comunicação vocal, usualmente aceitam uma reafirmação acurada como evidência de que uma resposta vocal tenha sido compreendida. Isso é possivelmente mais do que uma resposta puramente ecoica,

⁵¹Texto original: In echoic behavior, the correspondence upon which reinforcement is based may serve as an automatic conditioned reinforcer. [...] Such reinforcement brings the form of the response closer and closer to the form of the stimulus, the limit being the most precise correspondence possible either with respect to the vocal capacity of the speaker or his capacity to judge similarity. [...] The automatic reinforcement of reading an "interesting" text, however, has merely the effect of increasing the probability of occurrence of such behavior; it does not differentially reinforce correct forms at the phonetic level. (Skinner, 1957, pp. 68-69).

⁵²Texto original: A man may correctly repeat what someone has just said, or read what someone has written, or recite what he has learned without knowing what he is saying. (Skinner, 1968, p. 202)

tanto como mímica auditiva, quanto como uma reprodução de sons convencionais da fala.⁵³ (p. 277)

Suponha que comecemos a ler um texto razoavelmente difícil. Nós respondemos corretamente a todas as palavras contidas nele, no que diz respeito aos significados de um dicionário, e somos familiarizados com aquilo de que se está falando; ainda assim, nós podemos não entender o texto. [...] Nós possuímos cada uma das respostas, no sentido de que são parte do nosso repertório verbal, mas nós não tendemos a emití-las sob as mesmas circunstâncias em que o autor do texto.⁵⁴ (Skinner, 1957, p. 278).

Dessa forma, fica claro que Skinner diferencia o comportamento de ler com compreensão do comportamento que chama de textual, em ambas as publicações, sendo que no livro *Verbal Behavior* (1957), trata do assunto de forma mais descritiva e detalhada. Ainda assim, as afirmações sobre o tema realizadas por Skinner em 1968 reiteram o que já havia sido afirmado pelo mesmo autor ao longo do livro de 1957.

Assim como foi identificado na categoria anterior, nas publicações *Reply to Place: "Three senses of the word 'tact'"* (1985) e *The Evolution of Verbal Behavior* (1986), Skinner inclui o comportamento textual como um dos quatro comportamentos verbais que estão sob controle de estímulos e que não "se referem" ou "significam" as variáveis de controle. Além disso, Skinner fornece possíveis exemplos para esse operante verbal que condizem com a definição geral do operante textual contida no livro de 1957 (citada acima). Seguem os trechos relativos às publicações de 1985 e 1986.

⁵³ Texto original: In a trivial sense "to understand" is "to be able to say the same thing". [...] Scientists who study conditions of vocal communication usually accept an accurate restatement as evidence that a vocal response has been understood. This is possibly something more than a purely echoic response either as auditory mimicry or as reproduction of conventional speech sounds. (Skinner, 1957, p.277).

⁵⁴Texto original: Suppose we start to read a fairly difficult paper. We respond correctly to all the words it contains, so far as dictionary meanings go, and we are familiar with what is being talked about; still, we may not understand the paper. [...] We possess each of the responses in the sense that it is part of our verbal repertoire, but we do not tend to emit it under the same circumstances as the author of the paper. (Skinner, 1957, p.278).

É mais provável que um falante diga árvore se (1) tiver uma árvore em sua volta (tato), se (2) ele acabou de ouvir ou ler as palavras *Under the spreading chestnut*⁵⁵ (intraverbal), se (3) ele acabou de ouvir alguém dizendo árvore (ecoico), ou se (4) ele acabou de ver a palavra ÁRVORE (textual).⁵⁶ (Skinner, 1985, p. 75).

Como mera probabilidade de responder, um tato tem o mesmo status que três tipos de operantes que também não significam ou fazem referência às respectivas variáveis de controle. [...] Outro é o textual (é mais provável dizer *pescando* se existir um sinal escrito PESCA).⁵⁷ (Skinner, 1986, p. 119).

Dessa forma, ao longo da análise, foi possível observar que Skinner reiterou e exemplificou o conceito do operante verbal textual, sem acrescentar, modificar ou excluir qualquer afirmação contida no livro *Verbal Behavior* (1957) relacionada a esse tipo de comportamento verbal.

Categoria: Definição e Descrição do Operante Verbal Transcrição

Nesta categoria, foram agrupadas as publicações em que Skinner definiu e/ou descreveu o operante verbal Transcrição ou publicações em que mencionou o que correspondia ao que descreveu como relação de Transcrição no livro de 1957, embora na obra posterior não a tenha nomeado como tal. Ao todo, foram encontradas cinco publicações relacionadas, sendo que, dessas cinco, em apenas uma Skinner utiliza a nomenclatura Transcrição; nas outras quatro, Skinner descreve ou dá exemplos do que chamou de Transcrição no livro *Verbal Behavior* (1957), sem, no entanto, nomeá-la como tal nessas publicações mais recentes. Além disso, em três outras publicações, ainda mais recentes,

⁵⁵*Under the spreading chestnut tree*: Ver nota 20.

⁵⁶ Texto original: A speaker is more likely to say *tree* if (1) there is a tree in his immediate vicinity (tact), if (2) he has just heard or read the words *Under the spreading chestnut* (intraverbal), if (3) he has just heard someone say *tree* (echoic), or if (4) he has just seen the word TREE (textual). (Skinner, 1985, p.75)

⁵⁷ Texto original: As a mere probability of responding, a tact has the same status as three types of verbal operants that are also not said to mean or refer to their controlling variables. [...] Another is textual (we should have been more likely to say fishing if there had been a sign on the wall reading FISH). (Skinner, 1986, p. 119)

Skinner se refere aos operantes verbais como sendo cinco no total, fazendo referência a todos os outros (tato, mando, ecoico, intraverbal e textual), sem que haja qualquer referência ao operante verbal Transcrição.

A única publicação, discutida anteriormente na categoria Definição e Identificação de Operantes Verbais, que apresentou o uso do termo Transcrição foi a publicação “Special Problems in Programming Language Instruction for Teaching Machines” (1960). Como mencionado anteriormente, há uma alteração no conceito de Transcrição, de modo que Skinner separa em dois operantes verbais diferentes os comportamentos de cópia e ditado, ambos inclusos no operante verbal Transcrição no livro publicado em 1957. Na publicação de 1960, o que havia sido descrito em 1957 como cópia continua sendo considerado como o operante verbal Transcrição, mas o Ditado passa a ser analisado como um novo operante verbal.

Nas demais publicações, há exemplos que correspondem ao que Skinner descreveu como contingência de Transcrição, sem terem sido nomeados como tal. Uma delas se refere ao subtítulo *A Few Examples*, contido no capítulo "The Technology of Teaching", do livro *The Technology of Teaching* (1968), em que Skinner apresenta exemplos do que havia chamado de Transcrição em 1957, no processo de aprendizagem da escrita cursiva.

Sob tais contingências, a execução apropriada de uma letra pode ser programada; inicialmente, a criança faz uma contribuição muito pequena para completar uma letra, mas através de estágios progressivos ela se aproxima do ponto em que ela compõe a letra como um todo [...] O modelo a ser copiado é, então, tornado progressivamente menos importante, fazendo-se uma separação, tanto no tempo quanto no espaço, entre ele e o trabalho da criança. Eventualmente, palavras são escritas com base em ditado,

letra por letra, ao se soletrar palavras ditadas e ao se descrever figuras.⁵⁸ (Skinner, 1968, p. 80).

Nesta citação, ao afirmar que é possível programar a execução de uma letra apropriada, Skinner aponta o uso dos procedimentos de cópia, seguido de ditado, como forma de alcançar esse objetivo gradualmente. No livro *Verbal Behavior* (1957), Skinner inclui ambos os comportamentos (cópia e ditado) no operante verbal transcrição. Sendo assim, parece que Skinner faz referência ao que chamou anteriormente de transcrição, mas já não faz uso dessa nomenclatura nem faz referência a qualquer outro operante verbal ao falar desses procedimentos.

Outra publicação que segue o mesmo padrão da anterior é a anotação “Topography” (1972), contido no livro *Notebooks* (1980), em que Skinner apresenta um exemplo de transcrição no próprio comportamento, quando ele transcreve dados de economia de uma fita de áudio.

Tenho ditado muito ultimamente, usando meu gravador de cassetes compacto. [...] Apesar da diferença de topografia entre a fala e a escrita, eu transferi da fala para a escrita uma economia compulsiva no uso da fita (e no tempo da datilógrafa que eventualmente a transcreverá).⁵⁹ (Skinner, 1980, p. 192).

Nesse trecho, citado no livro de 1980, Skinner também faz referência a um procedimento de ditado, que chamou de transcrição no livro *Verbal Behavior* (1957), sem, contudo, nomeá-lo como tal.

⁵⁸Texto original: *Under such contingencies, the proper execution of a letter can be programmed; at first, the child makes a very small contribution in completing a letter, but through progressive stages he approaches the point in which he composes the letter as a whole [...] The model to be copied is then made progressively less important by separating it in both time and space from the child's work. Eventually words are written to dictation, letter by letter, in spelling dictated words, and in describing pictures.* (Skinner, 1968, p. 80).

⁵⁹Texto original: *I have been dictating a good deal lately, using my compact cassette recorder. [...] In spite of the difference in topography between speaking and writing, I transferred from speaking to writing a compulsive husbandry in the use of tape (and the time of the typist who will eventually transcribe).*” (Skinner, 1972, p. 192).

Outras publicações mais recentes, já citadas na categoria de análise Definição de Operantes Verbais, ao mencionar os operantes verbais, fazem referência à existência de apenas cinco operantes (tato, mando, ecóico, intraverbal e textual), excluindo da lista o que foi nomeado como transcrição no livro de 1957. As publicações são: “The Evolution of Verbal Behavior” (1986); “A Better Way to Deal With Selection” (1983); e o capítulo 2, "The Behavior of the Listener", contido na publicação *Rule-governed behavior: Cognition, contingencies, and instructional control* (1989).

A diferença entre o que foi conceituado como Transcrição no livro *Verbal Behavior* (1957) e o que foi identificado como relação de Transcrição na publicação *Special Problems in Programming Language Instruction for Teaching Machines* (1960) evidencia uma mudança de posicionamento por parte de Skinner em relação ao tema. Parte do que era chamado de Transcrição, foi chamado de Ditado (como um novo operante verbal). Além disso, nas publicações em que Skinner exemplifica o que foi chamado de Transcrição, sem utilizar essa nomenclatura, nota-se a preferência pelo uso dos termos cópia e ditado, para descrever os exemplos.

Somado a isso, existe o fato de que o termo Transcrição não aparece em nenhuma outra publicação de Skinner, além das mencionadas aqui, e o fato de que as publicações mais recentes, que fazem referência aos operantes verbais, descritos no livro de 1957, excluem o operante verbal Transcrição, deixando claro que existem apenas cinco operantes verbais (tato, mando, ecoico, intraverbal e textual). Isso abre espaço para uma possível interpretação de que o que foi chamado de operante verbal Transcrição teve sua relevância reduzida ao longo da obra de Skinner, caracterizando uma possível exclusão desse operante em questão.

Categoria: Definição e Descrição do Operante Verbal Intraverbal

Nesta categoria, foram agrupadas as publicações em que Skinner definiu e/ou descreveu o operante verbal Intraverbal. Ao todo, foram encontradas 29 publicações

relacionadas. Muitas das publicações analisadas continham apenas exemplos do que Skinner chamou de operante Intraverbal.

Com base na leitura de todas as publicações agrupadas nessa categoria, foi possível perceber que Skinner reiterou o conceito do operante verbal Intraverbal que havia formulado em 1957, no livro *Verbal Behavior*, realizando breves complementos. A fim de ilustrar as afirmações acima, seguem alguns trechos.

Na publicação *Language Teaching Today* (1960), Skinner configura o comportamento Intraverbal como um repertório temático, descreve de forma simplificada a contingência que esse operante envolve, aponta problemas relacionados à aprendizagem desse operante verbal e provê exemplos breves, assemelhando-se a trechos do livro *Verbal Behavior* (1957), em que se debruçou sobre esse assunto.

Repertórios Temáticos. (Repertórios temáticos diferem dos formais uma vez que não apresentam correspondência sistemática entre elementos do estímulo e da resposta e repertórios mínimos, que permitem respostas serem emitidas diante de novos estímulos. [...] VI. Comportamento Intraverbal: estímulo verbal (falado ou escrito), resposta verbal (falada, escrita, apontando), arbitrariamente relacionados. Alguns casos importantes: definições, vocabulários, tabelas matemáticas, fatos históricos, poemas memorizados, estruturas e sequências gramaticais e sintáticas. Problemas selecionados: muitos dos precedentes, com a adição da programação de novas instâncias na ausência de ajuda formal de instâncias anteriores, e o "esvanecimento" dos estímulos de suporte.⁶⁰ (Skinner, 1960, p. 172).

⁶⁰ Texto original: Thematic Repertoires. (Thematic repertoires differ from formal in showing no systematic correspondence between elements of stimuli and responses and no minimal repertoires which permit responses to be made to new stimuli. [...] VI. Intraverbal behavior: verbal stimulus (spoken or written), verbal response (speaking, writing, pointing), arbitrarily related. Some important cases: definitions, vocabularies, mathematical tables, historical facts, memorized poems, grammatical and syntactical frames and sequences. Selected problems: many of the preceding plus programming new instances in the absence of formal help from earlier instances, and "vanishing" supporting stimuli. (Skinner, 1960, p.172).

Os repertórios temáticos estão mais relacionados aos problemas tradicionais de significado. O caso do Intraverbal inclui memorizar materiais que, acidentalmente, podem ser facilmente ensinados com o uso de uma máquina, "esvanecendo" o texto. O estudante lê de novo e de novo um texto que vai gradualmente perdendo o foco [se apagando] ou gradualmente perdendo componentes de letras. ⁶¹(Skinner, 1960, p. 173).

No livro *Verbal Behavior* (1957), assim como na publicação de 1960 citada acima, Skinner deixou claro que o comportamento Intraverbal não mantém uma correspondência formal entre estímulo e resposta, e afirmou a inexistência de repertório mínimo, característica de outros operantes verbais, como o ecóico e o textual. Porém, é possível observar uma complementação na publicação de 1960, em que Skinner considera a resposta de apontar como uma possibilidade de resposta na contingência desse operante verbal, algo que não foi mencionado por ele em 1957.

Uma vez que a correspondência formal não está em questão, nós devemos considerar ambos os estímulos, vocais e escritos, e respostas vocais e escritas em todas as quatro combinações ao mesmo tempo.⁶² (Skinner, 1957, pg. 71).

Exceto por ligações intraverbais específicas em áreas do conhecimento restritas, não há repertório mínimo similar ao que permite a mímica no comportamento ecoico ou que permite um leitor habilidoso pronunciar uma nova palavra escrita.⁶³ (Skinner, 1957, pp. 76-77).

⁶¹ Texto original: The thematic repertoires are more closely related to traditional problems of meaning. The intraverbal case includes memorizing material which, incidentally, can be easily taught with a machine by "vanishing" a text. The student reads again and again a text which goes slowly out of focus or slowly loses component letters. (Skinner, 1960, p.173).

⁶² Texto original: Since formal correspondences are not at issue, we may consider both vocal and written stimuli and vocal and written responses in all four combinations at the same time. (Skinner, 1957, p. 71).

⁶³ Texto original: Except for specific intraverbal linkages in limited areas of knowledge, there is no minimal repertoire similar to that which approaches mimicry in echoic behavior or permits the skilled reader to pronounce a new word in a text. (Skinner, 1957, pp.76-77).

Na mesma direção, Skinner descreve brevemente a contingência do comportamento Intraverbal, no livro *Contingencies of Reinforcement: a theoretical analysis* (1969):

(17) Comportamento Intraverbal. Ao ouvir ou ler a palavra *Água*, o falante é reforçado se ele emitir uma resposta tematicamente relacionada, como *Gelo* ou *Torneira*.⁶⁴ (Skinner, 1969, p. 25).

Na anotação "Unclear Stimuli" (1967), contida na publicação *Notebooks* (1980), Skinner ressalta a importância do operante intraverbal, ao apresentar um exemplo em que o ouvinte pode consequenciar a escrita com uma letra ruim ou uma fala em condições adversas (que implicam uma audição ruim por parte do ouvinte), por meio do comportamento intraverbal, em que as poucas palavras compreendidas servem como estímulos para se completar as frases com as palavras perdidas ou não compreendidas, seja pela letra ruim seja pela audição prejudicada.

Ser surdo ou ouvir um discurso baixo à distância é como ser meio cego ou ler uma péssima letra cursiva. Alguém pode ouvir e ver frases que têm forças de outras fontes – intraverbais familiares, passagens memorizadas, e assim por diante – mas uma nova resposta, como um nome desconhecido, não pode ser escutado ou lido.⁶⁵ (Skinner, 1980, p. 130).

Essa passagem está de acordo com o conceito de intraverbal apresentado por Skinner em 1957, já que um comportamento intraverbal é aquele em que uma resposta verbal é emitida sob controle de um dado estímulo verbal, sem que haja correspondência formal entre

⁶⁴ Texto original: (17) *Intraverbal behavior*. Upon hearing or reading the word *Water*, the speaker is reinforced if he emits a thematically related response such as *Ice* or *Faucet*. (Skinner, 1969, p.25)

⁶⁵ Texto original: Being deaf, or listening to faint speech at a distance, is like being half blind or reading bad handwriting. One can hear and see phrases which have strength from other sources – familiar intraverbals, memorized passages, and so on – but a new response, like an unfamiliar name, cannot be heard or read. (Skinner, 1980, p.130)

eles, e é reforçada de acordo com uma relação arbitrariamente estabelecida entre ela e o estímulo em questão.

Mas algumas respostas verbais não mostram correspondência ponto- a- ponto com o estímulo verbal que as evoca. Este é o caso quando a resposta quatro é feita diante do estímulo *dois mais dois* [...] Nós devemos chamar o comportamento controlado por tal estímulo de intraverbal.⁶⁶ (Skinner, 1957, p. 71)

Quando um longo poema é recitado, nós podemos nos responsabilizar por uma grande parte dele apenas pela suposição de que uma parte controla a outra de uma maneira intraverbal. Se interrompermos o falante, o controle deve ser perdido; mas um rápido recomeço vai restaurá-lo, criando um estímulo verbal apropriado.⁶⁷ (Skinner, 1957, p.72)

Considerando os trechos citados acima, o exemplo colocado por Skinner na anotação *Unclear Stimuli* (1967) está em conformidade com o que foi afirmado em 1957, já que em ambos se considera que respostas tematicamente relacionadas aos estímulos são emitidas sob controle deles, possibilitando que, ao recitar um poema, uma parte seja dita sob controle de parte/partes anteriores, ou que em situações em que a letra cursiva é dificilmente reconhecida e em que há uma familiaridade com o assunto ou contexto, palavras ou letras anteriores àquela de difícil reconhecimento a evoquem ou fortaleçam a sua emissão durante a leitura do texto pelo ouvinte.

Com base nas análises feitas nas publicações agrupadas nesta categoria, é possível dizer que Skinner reiterou e/ou exemplificou o que havia afirmado anteriormente, no livro

⁶⁶ Texto original: But some verbal responses show no point-to-point correspondence with the verbal stimuli which evoke them. Such is the case when the response *four* is made to the verbal stimulus *two plus two* [...] We may call behavior controlled by such stimuli *intraverbal*.

⁶⁷ Texto original: When a long poem recited, we can often account for the greater part of it only by supposing that one part controls another in the intraverbal manner. If we interrupt the speaker, the control may be lost; but a running start will restore it by recreating the proper verbal stimulus. (Skinner, 1957, p. 72)

Verbal Behavior (1957), e, ainda, apresentou um complemento a afirmações previamente feitas, incluindo, na caracterização do operante intraverbal, respostas de apontar a respostas faladas e escritas - estas últimas já mencionadas em 1957.

Categoria: Definição e Descrição do Operante Verbal Tato

Nesta categoria, foram agrupadas as publicações em que Skinner definiu e/ou descreveu o operante verbal Tato.

Ao todo, foram encontradas 17 publicações relacionadas. Como forma de ilustrar o resultado obtido, seguem alguns trechos do livro *Verbal Behavior* (1957) e de algumas das publicações posteriores analisadas nesta categoria, para que seja possível ao leitor fazer as comparações.

Na publicação *Language Teaching Today* (1960), Skinner faz uma breve descrição (em termos de estímulos e resposta) da contingência do operante verbal tato. Nesta descrição, Skinner afirma, para configurar uma contingência de tato, que o estímulo é não verbal e a resposta é verbal, podendo ser falada, escrita ou apontada.

VII. Tatos: estímulo não-verbal, resposta verbal (falada, escrita ou apontada).

Exemplos: nomeação, descrição, apresentação.⁶⁸ (Skinner, 1960, p. 172)

Já no livro *Verbal Behavior* (1957), Skinner havia definido o tato como um operante verbal em que a resposta verbal de uma dada forma é evocada ou fortalecida por um objeto particular, um evento (podendo ser um estímulo verbal) ou uma propriedade de um objeto ou evento:

Um tato pode ser definido como um operante verbal em que uma resposta de uma dada forma é evocada (ou pelo menos fortalecida) por um objeto particular ou evento ou propriedade de um objeto ou evento.⁶⁹ (p. 81-82).

⁶⁸ Texto original: VII. Tacts: non-verbal stimulus, verbal response (speaking, writing, pointing). Examples: naming, describing, announcing. Problems similar to many of the preceding. (Skinner, 1960, p.172)

No *tato*, o estímulo que controla a forma da resposta é geralmente não verbal.⁷⁰ (p. 185).

É possível verificar, pelos trechos apresentados, que há uma diferença na conceituação de *tato* feita no livro *Verbal Behavior*, em que Skinner deixa aberta a possibilidade de o estímulo discriminativo ser verbal, e na publicação de 1960, em que o estímulo é apresentado exclusivamente como não verbal, o que parece dar uma conotação de exclusão para uma modalidade de estímulos que poderia ser considerada parte do conceito de *tato* elaborado anteriormente, no livro de 1957.

Na publicação "Reply to Place: three senses of the word *tact*" (1985), Skinner afirma que a enciclopédia *Place* listou todos os momentos em que Skinner usou a palavra *tato* no livro *Verbal Behavior* (1957), e, sobre isso, Skinner deixa claro que foram poucas as vezes que considerou que existiu uma falta de cuidado no uso da palavra *tato* no livro *Verbal Behavior* (1957) e que não faria mudança substancial em nenhuma delas. Segue a citação retirada da publicação de 1985.

Tendo agora olhado o artigo do *Place* [enciclopédia], eu me encontro surpreendentemente reassegurado. Existem uns poucos usos descuidados da palavra *tato*, mas nenhum que eu mudaria substancialmente.⁷¹ (Skinner, 1985, p. 75).

Com base nos trechos relacionados ao conceito de *tato*, citados das três publicações, *Verbal Behavior* (1957), *Language Teaching Today* (1960) e "Reply to Place: three senses of the word *tact*" (1985), é difícil saber se Skinner mudou de ideia em relação ao conceito ao longo das publicações. Talvez uma suposição mais sensata seja a de que Skinner, em *Language Teaching Today* (1960), por ter um foco nos problemas especiais em programar

⁶⁹ Texto original: A *tact* may be defined as a verbal operant in which a response of given form is evoked (or at least strengthened) by a particular object or event or property of an object or event. (Skinner, 1957, pp. 81-82)

⁷⁰ Texto original: In the *tact*, the stimulus which controls the form of response is usually nonverbal. (Skinner, 1957, p.185).

⁷¹ Texto original: Having now looked at *Places's* paper, I find myself surprisingly reassured. There are a few careless uses of the word *tact*, but none that I would substantially change. (Skinner, 1985, p.75)

máquinas de ensino, não tenha se preocupado em oferecer uma conceituação completa de tato, mas apenas apresentar brevemente esse operante verbal, visando apenas o objetivo da publicação, e, por isso, não mencionou tudo o que a definição do conceito deve contemplar.

Em uma das publicações mais recentes analisadas no presente trabalho, "The Behavior of the Listener" (1989), Skinner afirma que regras podem ser mandos ou tatos, destacando exemplos de cada um, e aparentemente definindo tais exemplos como operantes verbais de um tipo e de outro com base na topografia da resposta emitida. Isso causa uma certa estranheza, uma vez que Skinner deixa claro em diversas publicações, inclusive no livro *Verbal Behavior* (1957), que o critério que define cada operante verbal é a contingência de reforçamento e não a topografia da resposta. A seguir, a citação de 1989, que ilustra o que foi afirmado, seguida de uma citação do livro de 1957, em que Skinner faz uma comparação e diferenciação entre contingências de mando e de tato com uma mesma topografia de resposta, deixando claro que a topografia da resposta não define qual o tipo de operante verbal envolvido.

Regras podem ser mandos (*Não fume aqui*) ou tatos (*Fumar aqui é proibido*).⁷²
(Skinner, 1989, p. 90).

Quando uma dona de casa diz *O jantar está pronto*, não por conta do reforçamento generalizado característico do tato, mas principalmente porque seus ouvintes, então, vão vir para a mesa, a resposta é funcionalmente muito próxima do mando *Venha jantar!* Para o ouvinte que não está com fome ou que não responde indo jantar (por exemplo, quando o falante é um chef de cozinha e o ouvinte, o dono de um restaurante), *O jantar está pronto!* é caracteristicamente reforçado apenas quando

⁷²Texto original: Rules may be mands (*Don't smoke here*) or tacts (*Smoking is forbidden here*). (Skinner, 1989, p.90).

corresponder a um estado particular de coisas. É, então, um tato "puro".⁷³ (Skinner, 1957, p.151).

Retomando a publicação *Language Teaching Today* (1960), verifica-se que Skinner cita a contingência de tato como sendo pertencente ao que ele chama de repertórios temáticos. Segundo o que Skinner escreveu nessa publicação, as contingências incluídas nos repertórios temáticos foram aquelas em que não há correspondência sistemática entre estímulo e resposta, assim como não há uma unidade mínima para gerar respostas a novos estímulos.

Repertórios Temáticos (Repertórios temáticos se diferenciam dos formais por não mostrar correspondência sistemática entre elementos dos estímulos e respostas, nem repertórios mínimos que permitam que respostas sejam emitidas diante de novos estímulos. Por essa razão, podemos considerar todos os casos juntos: estímulos vocais e escritos e respostas vocais, escritas e de apontar).⁷⁴ (Skinner, 1960, p. 172).

Pode-se observar que esta caracterização da contingência de tato como um repertório temático, considerando-se as características definidoras de um repertório temático expostas na publicação de 1960, está em consonância com a publicação de 1957 em relação à questão da correspondência, mas há alguma divergência em relação ao que Skinner escreveu sobre repertórios mínimos na contingência de tato em seu livro *Verbal Behavior* (1957):

O tato se assemelha ao comportamento intraverbal na falta da correspondência ponto-a-ponto observada nos comportamentos ecoico e textual, mas as contingências reforçadoras são, mesmo assim, mais consistentes que no comportamento intraverbal.

⁷³Texto original: When a housewife says *Dinner is ready*, not because of the generalized reinforcement characteristic of the tact, but mainly because her listeners will then come to the table, the response is functionally very close to the mand *Come to dinner!* To the listener who is not hungry or who does not respond by coming to dinner (for example, when the speaker is a chef and the listener the owner of a restaurant), *Dinner is ready!* is characteristically reinforced only when it corresponds to a particular state of affairs. It is then a "pure" tact. (Skinner, 1957, p.151)

⁷⁴Texto original: Thematic Repertoires (Thematic repertoires differ from formal in showing no systematic correspondence between elements of stimuli and responses and no minimal repertoires which permit responses to be made to new stimuli. For this reason we may consider together all cases: vocal and written stimuli and speaking, writing and pointing as responses.) (Skinner, 1960, p.172)

Evidentemente, existe algum tipo de repertório mínimo. Quando inicialmente adquirido, o tato pode ser quase de qualquer tamanho. Uma expressão como *uma agulha em um palheiro* pode ser controlada como uma unidade por um tipo particular de situação. Isso ainda é ainda mais verdadeiro em relação a respostas maiores, que parecem envolver asserção. [...] Mas unidades muito menores eventualmente aparecem, e nossa tarefa é descobrir quão longe o processo vai.⁷⁵ (p. 116)

As unidades mínimas dos comportamentos ecoico e textual raramente aparecem sozinhas como respostas completas. Mesmo assim, sua unidade funcional ainda pode ser demonstrada. A mesma regra vale para o tato. Supõe-se, frequentemente, que o referente de uma resposta pode ser identificado em qualquer ocasião em que a resposta é emitida. Onde o estímulo parece ser um objeto, o objeto é tomado como o referente da resposta; ainda assim, existe sempre um elemento de abstração.⁷⁶ (p. 117).

As menores unidades de comportamento verbal que funcionam como tatos mínimos não são necessariamente os sons separáveis da fala dos comportamentos ecoico e textual.⁷⁷ (p. 122).

Nas duas publicações Skinner afirma que na contingência de tato não há correspondência sistemática entre estímulo e resposta. No entanto, ao tratar do repertório mínimo, podemos perceber algumas variações na forma como o tema foi abordado. Na

⁷⁵Texto original: The tact resembles intraverbal behavior in lacking the point-to-point correspondence seen in echoic and textual behavior, but the reinforcing contingencies are nevertheless more consistent than in intraverbal behavior. There is evidently some sort of minimal repertoire. As initially acquired, a tact may be of almost any size. Such an expression as *A needle in a haystack* may be controlled as a unit by a particular type of situation. This is even true of larger responses which appear to involve assertion. [...] But much smaller units eventually arise and our task is to discover how far the process goes. (Skinner, 1957, p.116)

⁷⁶Texto original: The minimal units of echoic and textual behavior seldom appear by themselves as whole responses. Nevertheless their functional unity can still be demonstrated. The same rule holds for the tact. It is often supposed that the referent of a response can be identified upon every occasion when the response is made. Where the stimulus appears to be an object, the object is taken as the referent of the response; yet there is always an element of abstraction. (Skinner, 1957, p. 117)

⁷⁷Texto original: The smallest units of verbal behavior which function as minimal tacts are not necessarily the separable speech-sounds of echoic or textual behavior. (Skinner, 1957, p.122).

publicação de 1960, Skinner afirma que em repertórios temáticos não existem unidades mínimas que gerem respostas a novos estímulos. Já no livro *Verbal Behavior* (1957), Skinner havia afirmado que existe algum tipo de unidade mínima no tato, apesar de assumir que esta pode ser muito variável em tamanho e que não é como os sons separáveis da fala (ou, em alguns momentos, os fonemas), encontrados nos comportamentos ecoico e textual.

Na anotação "More of My Lost Future" (1976), contida na publicação *Notebooks* (1980), Skinner faz referência ao tato abstrato, ao considerar alguns pontos sobre a afirmação que um certo autor fez a respeito de Russel.

"O presidente" é um tato apropriado se o Presidente estiver presente, ou um intraverbal ao se falar sobre um presidente ausente. "Um homem" é um operante verbal abstrato; as propriedades de um estímulo controlador não estão todas presentes em qualquer ocasião; elas podem ser descobertas apenas examinando-se um número de instâncias. Mais tarde: "qualquer palavra ou frase denotadora referida a uma coisa ou conceito." O problema do tato abstrato de novo.⁷⁸ (Skinner, 1980, p. 320)

Essa referência feita por Skinner na anotação de 1976 está em concordância com o que Skinner escreveu sobre tatos abstratos no livro *Verbal Behavior* (1957):

As propriedades de um estímulo que são relevantes para evocar uma resposta, tanto no falante individual quanto de acordo com as práticas de uma dada comunidade, podem ser descobertas somente considerando-se uma série de ocasiões em que as propriedades variam sistematicamente e a presença ou ausência da resposta é notada. Nós não podemos resolver esse problema dando à propriedade relevante um tipo de status de objeto como um "conceito" ou "abstração" - dizendo que a resposta *vermelho* se refere ao "conceito de vermelho" ou à "vermelhidão" de algo. [...] O

⁷⁸Texto original: "The president" is a proper tact if the President is present, or an intraverbal in talking about an absent president. "A man" is an abstract verbal operant; the properties of a controlling stimulus are not all present upon any one occasion; they can be discovered only by examining a number of instances. Later: "every denoting word or phrase referred either to a thing or concept". The abstract tact problem again. (Skinner, 1957, p.320).

referente de um tato abstrato, se este termo tem algum significado, é a propriedade ou conjunto de propriedades diante das quais o reforçamento foi contingente e que, assim, controla a resposta.⁷⁹ (Skinner, 1957, p. 117)

Com base nos trechos extraídos das duas publicações, é possível dizer que, na anotação de 1976, Skinner reiterou o que conceituou como tato abstrato em 1957, sendo que em ambas o autor deixou claro que o conjunto de propriedades do estímulo que controla a resposta em um tato abstrato pode ser descoberto apenas examinando-se uma variedade de instâncias em que a resposta, foi seguida de reforço.

Retomando a publicação *Reply to Place: three senses of the word tact* (1985), Skinner deixa claro que na contingência de tato (dizer árvore na presença de uma árvore, por exemplo), a resposta não se refere ao estímulo que está sendo tateado (a resposta "árvore" não se refere à árvore). O tato apenas especifica uma variável de controle particular.

Quatro dos cinco tipos de operantes verbais no meu livro envolvem controle de estímulos. A probabilidade de uma resposta ser afetada por algo no ambiente do falante. É mais provável que um falante diga *árvore* se (1) há uma árvore nas imediações (tato) [...] Em nenhum dos quatro tipos o falante está dizendo qualquer coisa sobre uma árvore, referindo-se a uma árvore, comunicando a ideia de uma árvore ou agindo de qualquer outra forma específica em relação ao ouvinte. Um ouvinte não precisa estar presente.⁸⁰ (Skinner, 1985, p. 75).

Em *Verbal Behavior* (1957), Skinner faz afirmação semelhante:

⁷⁹Texto original: The properties of a stimulus which are relevant in evoking a response, either in the individual speaker or according to the practices of a given community, can be discovered only by considering a series of occasions upon which the properties are systematically varied and the presence or absence of the response noted. We cannot solve this problem by giving the relevant property a sort of object-status as a "concept" or "abstraction" – by saying that the response *red* refers to the "concept of red" or to the "redness" of something. [...] The referent of an abstract tact, if this term has any meaning at all, is the property or set of properties upon which reinforcement has been contingent and which therefore control the response. (Skinner, 1957, p.117).

⁸⁰Texto original: A speaker is more likely to say *tree* if (1) there is a tree in his immediate vicinity (tact) [...] In no one of the four types is the speaker saying anything about a tree, referring to a tree, communicating the idea of a tree, or taking any other specific action upon a listener. A listener need not be present. (Skinner, 1985, p.75)

Pode ser tentador dizer que em um tato a resposta "se refere a", "menciona", "anuncia", "fala sobre", "nomeia", "denota" ou "descreve" seu estímulo. Mas a relação essencial entre resposta e estímulo controlador é precisamente a mesma que nos comportamentos ecoico, textual e intraverbal. [...] A única relação funcional útil está expressa na afirmação de que a presença de um dado estímulo aumenta a probabilidade de ocorrência de uma dada forma de resposta. Essa é também a essência do tato.⁸¹ (Skinner, 1957, p. 82).

Considerando-se os trechos das duas publicações, é possível afirmar que Skinner reiterou, posteriormente, o que foi apresentado sobre relações funcionais na contingência de tato em 1957, explicitando que a resposta não se refere a seu respectivo estímulo controlador.

Por fim, é possível afirmar que algumas variações foram encontradas ao longo das publicações acerca do conceito de tato. Uma delas diz respeito a definição do conceito deste operante verbal. No entanto, não é claro se de fato Skinner alterou temporariamente o que considerava o conceito de tato, excluindo a possibilidade de o estímulo antecedente ser verbal (o que parece menos provável ao se lembrar que, em 1985, Skinner publicou um artigo em que afirmou que não mudaria substancialmente qualquer uso da palavra tato no livro *Verbal Behavior*) ou se, na publicação em que parte da definição de 1957 não foi considerada, Skinner estava apenas fazendo um recorte, utilizando somente o que lhe cabia discutir tendo como critério o objetivo da publicação.

Outro fator conceitual importante, no qual alguma variação foi encontrada, diz respeito ao repertório mínimo, em que em na publicação *Language Teaching Today* (1960), Skinner incluiu o tato na categoria de operantes verbais temáticos. A descrição que o próprio

⁸¹Texto original: It may be tempting to say that in a tact the response "refers to", "mentions", "announces", "talks about", "names", "denotes", or "describes" its stimulus. But the essential relation between response and controlling stimulus is precisely the same as in echoic, textual, and intraverbal behavior. [...] The only useful functional relation is expressed in the statement that the presence of a given stimulus raises the probability of occurrence of a given form of response. This is also the essence of the tact. (Skinner, 1957, p.82)

autor faz em relação aos repertórios temáticos deixa claro que tais repertórios não possuem repertórios mínimos que permitam que respostas sejam emitidas diante de novos estímulos. No entanto, no livro *Verbal Behavior* (1957), Skinner afirma que é evidente a existência de algum tipo de repertório mínimo no operante verbal tato, e os assemelha aos repertórios mínimos dos operantes verbais ecoico e textual. A publicação de 1960, foi a única em que Skinner fez referência a questão dos repertórios mínimos no tato, portanto, não é possível saber se esta foi uma alteração que Skinner levou adiante em suas análises posteriores, mas novamente, considerando a publicação de 1985, mencionada anteriormente, é difícil aceitar a alteração de 1960 como algo que de fato mudou a sua forma de analisar o operante verbal tato, levando à hipótese de que a descrição da publicação *Language Teaching Today* (1960) dizia respeito a uma questão contextual da publicação em questão.

Categoria: Definição de Audiência

Nesta categoria, foram inseridas as publicações em que Skinner definiu audiência, descreveu sua função e forneceu exemplos de comportamentos em que respostas foram emitidas sob controle dessa variável.

Foram encontradas 19 publicações relacionadas a essa categoria, sendo que, em todas, Skinner reitera o que havia afirmado no livro *Verbal Behavior* (1957) a respeito desse conceito. Como forma de ilustrar o resultado obtido, seguem alguns trechos do livro *Verbal Behavior* (1957) e de algumas das publicações analisadas em relação a essa categoria.

No livro de 1957, Skinner afirma que diferentes audiências controlam diferentes subdivisões do repertório do falante, menciona a possibilidade de o falante estar sob controle de mais de uma audiência e define a audiência como um estímulo discriminativo em cuja presença uma resposta é caracteristicamente reforçada e, portanto, caracteristicamente forte:

O ouvinte, como uma parte essencial da situação em que comportamento verbal é observado, é, mais uma vez, um estímulo discriminativo. Ele é parte de uma ocasião

na qual comportamento verbal é reforçado e, assim, torna-se parte da ocasião que controla a força do comportamento. [...] Uma audiência é, então, um estímulo discriminativo na presença do qual comportamento verbal é caracteristicamente reforçado e na presença do qual é, portanto, caracteristicamente forte.⁸² (p. 172)

Diferentes audiências controlam diferentes subdivisões do repertório do falante.⁸³ (p. 173)

O controle exercido por cada uma de duas ou mais audiências é desenvolvido sob circunstâncias apropriadas, e as audiências, então, ocorrem juntas, talvez pela primeira vez.⁸⁴ (p. 230)

Em consonância com um dos trechos acima, na anotação "Double Audience" (1961), contida na publicação *Notebooks* (1980), Skinner descreve uma situação em que o falante está dialogando concomitantemente com duas pessoas. A comunicação se dá pela linha telefônica com uma delas e presencialmente com a outra, através de um meio-diálogo inteligível. Cada uma dessas pessoas é uma audiência diferente e controla de forma diferente o comportamento do falante, que emite respostas sob controle das duas audiências. Segue o trecho:

O falante não está apenas tendo uma conversa com você, ele está compondo uma meia conversação inteligível para uma pessoa próxima dele. Sob controle de uma dupla audiência, ele usa nomes em lugar de pronomes (de modo que seu companheiro saiba de quem ele está falando, parafraseia suas afirmações ao concordar ou discordar

⁸² Texto original: The listener, as an essential part of the situation in which verbal behavior is observed, is again a discriminative stimulus. He is part of an occasion upon which verbal behavior is reinforced, and he therefore becomes part of the occasion controlling the strength of the behavior. [...] An audience, then, is a discriminative stimulus in the presence of which verbal behavior is characteristically reinforced and in the presence of which, therefore, it is characteristically strong. (Skinner, 1957, p. 172)

⁸³ Texto original: Different audiences control different subdivisions of the repertoire of the speaker. (Skinner, 1957, pg. 173)

⁸⁴ Texto original: The control exerted by each of two or more audiences is developed under appropriate circumstances, and the audiences then occur together, perhaps for the first time. (Skinner, 1957, p. 230).

delas e acrescenta detalhes importantes para seu companheiro, mas não necessárias nem de interesse para você.⁸⁵ (p. 217)

O trecho acima, extraído da publicação de 1980, deixa claro que o falante está concomitantemente sob controle das duas audiências e, desta forma, exemplifica a afirmação contida no livro *Verbal Behavior* (1957) citada acima, em que Skinner expõe a possibilidade de falantes estarem sob controle de mais de uma audiência.

Voltando para o exemplo contido na publicação de 1980, ao chegar à conclusão de que o falante está sob controle de duas audiências, é possível atribuir a cada uma delas o controle sobre diferentes partes do repertório do falante (como afirmado no terceiro trecho citado do livro *Verbal Behavior*). No caso acima, o falante parafraseia as afirmações feitas por uma audiência para a outra e utiliza nomes em vez de pronomes de pronomes, sob controle da pessoa que está presente, porém essas respostas são inúteis para a pessoa que está se comunicando com ele pelo telefone.

Na anotação "The Greenspoon Effect" (1968), contida na publicação *Notebooks* (1980), Skinner disserta sobre as várias possíveis razões para o fato de que algumas contingências planejadas, em que palavras de uma certa classe são reforçadas, podem não ser efetivas. Uma dessas possibilidades está relacionada ao fato de o ouvinte, enquanto audiência, poder controlar o comportamento verbal sobre um assunto ou uma língua particular. Quando um falante é reforçado por um ouvinte pela primeira vez, ao emitir alguma resposta, todo um repertório relacionado é fortalecido, embora quase nenhuma das respostas que o compõem tenha sido reforçada nessa ocasião. Segue o trecho:

3. Um ouvinte, como uma audiência, controla comportamento verbal sobre um assunto particular ou em uma língua particular. Quanto falando com X, conversa

⁸⁵ Texto original: The speaker is not only carrying on a conversation with you, he is composing an intelligible half-conversation for a person near him. Under the control of a double audience, he uses names in lieu of pronouns (so that his companion will know whom he is talking about), paraphrases your statements in the act of agreeing or disagreeing with them, and adds details important to his companion but not needed by you or of interest to you. (Skinner, 1980, p. 217)

sobre baseball; quando conversa com Y, fala francês. Quando um ouvinte que se conheceu pela primeira vez reforça uma resposta (sobre baseball ou em francês), um repertório inteiro é fortalecido; quase nenhuma das respostas que o compões foi reforçada nessa ocasião.⁸⁶ (p.209-210)

Essa citação está coerente com o que Skinner afirmou em seu livro de 1957, conforme os trechos citados abaixo:

Audiências que controlam as maiores subdivisões de um repertório verbal são as comunidades que estabelecem as contingências reforçadoras das assim chamadas "línguas" - inglês, francês, chinês, e assim por diante. Em uma comunidade verbal chinesa, apenas certas formas de resposta são efetivas; como uma audiência, qualquer membro ou grupo de membros dessa comunidade constituem a ocasião para a emissão de formas chamadas "chinês".⁸⁷ (p. 173)

Uma terceira função de uma audiência é selecionar um assunto. [...] Dado um único falante, com uma história específica e uma situação atual específica, a audiência determinará não apenas se ocorrerá comportamento verbal ou a subdivisão da linguagem na qual ele ocorrerá, mas também que tipos de respostas são emitidas e "sobre o que se fala".⁸⁸ (p. 175)

Os dois trechos recém-citados, extraídos do livro *Verbal Behavior* (1957), assim como a citação retirada da anotação de 1968, ressaltam funções da audiência enquanto controle de

⁸⁶ Texto original: 3. A listener as an audience controls verbal behavior about a particular subject matter or in a particular language. When speaking to X, talk about baseball; when speaking to Y, speak French. When a listener one has met for the first time reinforces a response (about baseball, or in French), a whole repertoire is strengthened; almost none of the responses which compose it have been reinforced upon this occasion. (Skinner, 1980 ,pp.209-210)

⁸⁷ Texto original: Audiences which control the largest subdivisions of a verbal repertoire are the communities which establish the reinforcing contingencies of the so-called 'languages' - English, French, Chinese, and so on. In a Chinese verbal community, only certain forms of response are effective; as an audience , any member or group of members of this community constitutes the occasion for the emission of forms called 'Chinese'. (Skinner, 1957, pg.173).

⁸⁸ Texto original: A third function of an audience is to select a subject matter. [...] Given a single speaker with a specific history and a specific current situation, the audience will determine not only whether verbal behavior occurs, or the subdivision of the language in which it occurs, but also what types of responses are made and 'what is talked about'. (Skinner, 1957, pg.175)

estímulos do comportamento verbal e afirmam que, dado um único falante, a determinação de quando o comportamento verbal ocorrerá, da língua que será falada, dos tipos de respostas emitidos e do assunto que será tratado estão sob controle da audiência.

Além dessas publicações citadas (pós 1957), ainda há outra que se destacou em relação a essa categoria por reiterar o que já havia sido abordado por Skinner no livro de 1957 em relação ao conceito de audiência negativa. Trata-se da anotação "The Negative Audience II" (1972), contida na publicação *Notebooks* (1980), sendo que, neste caso, o próprio Skinner faz referência ao livro *Verbal Behavior*.

Um exemplo de "força negativa" na causação múltipla de uma resposta verbal, como eu discuti em *Verbal Behavior* (p. 235), é a rejeição de um nome por causa de consequências aversivas. Não se dá a uma criança um nome de família se ele é também um nome de uma pessoa de quem se desgosta fortemente.⁸⁹ (p. 156)

A fim de recuperar os trechos do livro *Verbal Behavior* (1957) em que Skinner aborda o que foi dito sobre audiência negativa, seguem algumas citações:

Na ausência de uma audiência, a probabilidade de comportamento verbal é baixa. Mas ela também pode ser baixa na presença de um tipo de ouvinte que deve ser distinguido como uma "ocasião para não responder".⁹⁰ (p. 178)

Podemos distinguir, no entanto, entre o ouvinte que meramente não reforça comportamento verbal e o ouvinte que de fato o pune. Uma audiência na presença da qual o comportamento verbal é punido pode ser chamada de uma "audiência negativa".⁹¹ (p. 178)

⁸⁹ Texto original: An example of "negative strength" in the multiple causation of a verbal response, as I discussed it in *Verbal Behavior* (p.235), is the rejection of a name because of aversive consequences. A child is not given a family name if it is also a name of a strongly disliked person. (Skinner, 1980, p. 156)

⁹⁰ Texto original: In the absence of an audience the probability of verbal behavior is low. But it may be low also in the presence of a type of listener who must be distinguished as an "occasion for not responding". (Skinner, 1957, p. 178).

⁹¹ Texto original: We may distinguish, however, between the listener who merely does not reinforce verbal behavior and the listener who actually punishes it. An audience in the presence of which verbal behavior is punished may be called a 'negative audience' (Skinner, 1957, pg.178).

Nos trechos da publicação de 1957, Skinner descreve os efeitos de uma audiência negativa (ouvinte punidor) sobre o comportamento do falante, sob controle da qual é baixa a probabilidade de o falante emitir comportamento verbal. Já o trecho retirado da publicação de 1980 exemplifica a força negativa que uma audiência pode exercer, citando o contexto em que os pais rejeitam um nome para seus filhos, sob controle das consequências aversivas que decorreriam dessa nomeação (uma vez que este nome é o mesmo dado à uma pessoa desagradável).

Com base no que foi exposto, é possível notar que não foram observadas alterações no conceito de audiência ao longo das publicações de Skinner, e que as publicações encontradas nessa categoria reiteram as afirmações do livro *Verbal Behavior*.

Categoria: Ferramentas Conceituais I: Os processos de discriminação e generalização no comportamento verbal

Foram inclusas nessa categoria as publicações em que Skinner definiu, descreveu e/ou deu exemplos de situações em que evidenciou a existência dos processos de discriminação e generalização no contexto do comportamento verbal. Foram encontradas 21 publicações relacionadas, sendo que muitas se configuravam como exemplos.

Apesar de a maioria das publicações tratar de exemplos, estes configuram situações que já eram previstas no livro *Verbal Behavior* (1957) como contendo relações em que os processos de discriminação e generalização estavam envolvidos no desenvolvimento de comportamentos complexos, como respostas que surgem em novas condições; com o fato de respostas verbais estarem sujeitas a reforçamento diferencial e extinção; e, por fim, com a ampliação de formas de controle.

Assim, neste estudo considerou-se que Skinner reiterou o que tinha afirmado sobre os processos de discriminação e generalização no comportamento verbal no livro de 1957, ao longo das publicações analisadas nesta categoria.

Para ilustrar o resultado obtido, seguem alguns trechos das publicações analisadas, seguidos de trechos do livro *Verbal Behavior* (1957) em que Skinner está expressando posição semelhante sobre os processos de discriminação e generalização.

No capítulo "Concept Formation in Philosophy and Psychology" (1960), em que Skinner aborda a formação de conceitos, o próprio autor enfatiza a importância do processo de discriminação para que haja formação de conceitos.

Até recentemente, o procedimento quase inevitável era seguir o curso do processo através do qual um organismo passava a fazer distinção entre características. A rapidez da aquisição de uma discriminação ou de um conceito era considerada como uma medida da importância ou significância das propriedades definidoras.⁹² (Skinner, 1960, p. 227)

Já no artigo "Behaviorism at fifty" (1963), Skinner evidencia a importância do processo de discriminação tanto para a formação de conceitos, quanto para o ensino de descrições de eventos privados. E enfatiza que a comunidade verbal tem papel importante nesse ensino, reforçando diferencialmente as respostas dos indivíduos, assim como nomeando sensações e diferenciando-as das demais:

Um organismo aprende a reagir discriminativamente em relação ao mundo ao seu redor sob certas contingências de reforçamento. Portanto, uma criança aprende a nomear uma cor corretamente quando uma dada resposta é reforçada na presença da cor e extinta na sua ausência. A comunidade verbal pode tornar o reforçamento de um extenso repertório de respostas contingente a propriedades sutis de estímulos coloridos. Temos razões para acreditar que uma criança não discriminará as cores – que ele não verá duas cores como diferentes - até que seja exposta a essas contingências. Até onde sabemos, o mesmo processo de reforçamento diferencial é

⁹²Texto original: Until recently, the almost inevitable procedure was to follow the course of the process through which an organism came to make a distinction between features. Speed of acquiring a discrimination or a concept was taken as a measure of the importance or significance of defining properties. (Skinner, 1960, p.227)

requerido para uma criança distinguir os eventos ocorrendo dentro de sua própria pele.⁹³ (Skinner, 1963, p. 953)

Da mesma forma, no livro *Verbal Behavior* (1957), Skinner evidencia a importância do processo de discriminação para a formação do conceito abstrato "vermelho" no repertório de uma criança.

O próprio indivíduo também sofre dessas limitações. O ambiente, tanto público quanto privado, parece permanecer indistinto até que o organismo seja forçado a fazer uma distinção. Qualquer um de quem subitamente se exija que faça discriminações finas de cor geralmente concordará que agora ele “vê” cores que não “via” antes. [...] Agora, auto-observação também é produto de contingências discriminativas, e se uma discriminação não puder ser forçada pela comunidade, ela pode nunca aparecer. Por estranho que pareça, é a comunidade que ensina o indivíduo a “se conhecer”.⁹⁴ (Skinner, 1957, p. 134)

Com base nas três citações, é possível afirmar que Skinner manteve, nas publicações de 1960 e 1963, as afirmações feitas no livro *Verbal Behavior* (1957) acerca do processo de discriminação, uma vez que em ambas as publicações ele ressalta a importância do processo na aquisição da discriminação entre cores e do autoconhecimento, deixando claro que é papel da comunidade verbal fazer esse treino.

⁹³ Texto original: An organism learns to react discriminatively to the world around it under certain contingencies of reinforcement. Thus, a child learns to name a color correctly when a given response is reinforced in the presence of the color and extinguished in its absence. The verbal community may make the reinforcement of an extensive repertoire of responses contingent on subtle properties of colored stimuli. We have reason to believe that the child will not discriminate among colors-that he will not see two colors as different-until exposed to such contingencies. So far as we know, the same process of differential reinforcement is required if a child is to distinguish along the events occurring within his own skin. (Skinner, 1963, p. 953)

⁹⁴ Texto original: The individual himself also suffers from these limitations. The environment, whether public or private, appears to remain undistinguished until the organism is forced to make a distinction. Anyone who has suddenly been required to make fine color discriminations will usually agree that he now “sees” colors which he had not previously “seen”. [...] Now, self-observation is also the product of discriminative contingencies, and if a discrimination cannot be forced by the community, it may never arise. Strangely enough, it is the community which teaches the individual to “know himself”. (Skinner, 1957, p. 134).

Por fim, acerca do processo de generalização, na anotação “Generalization” (1965), encontrada na publicação *Notebooks* (1980), Skinner deixa claro que o processo de generalização permeia muitos dos comportamentos verbais de um indivíduo, exercendo controle sobre o que será lido, sobre a forma como se comportará frente a pessoas semelhantes, etc.

Podemos traduzir dessa forma: “ela lembra outras com quem eu fui sexualmente reforçado e, dessa forma, eu reajo a ela como reagi às outras?”. O processo não é exclusivo do campo do sexo. Nós nos encontramos atraídos por outros livros escritos por um autor de um livro de que nós já gostamos e a outras peças em que os atores e atrizes que aparecerão já apareceram em peças das quais gostamos.⁹⁵ (Skinner, 1980, p. 209).

No livro de 1957, Skinner descreve o processo de generalização dentro do contexto do comportamento verbal como um processo em que uma resposta verbal condicionada à presença de um dado estímulo é emitida na presença de outro estímulo que contém algumas das propriedades do anterior.

O fato de que se pode notar que uma resposta verbal condicionada na presença de um dado estímulo mostra certa força na presença de um outro estímulo que apresenta algumas das propriedades do primeiro é comumente chamado de Generalização.⁹⁶ (Skinner, 1957, p.127)

Como podemos observar, a citação encontrada na Anotação “Generalization” (1967) exemplifica o que a citação extraída do livro *Verbal Behavior* (1957) descreve como processo

⁹⁵Texto original: Can we translate in this way: “She resembles others who have been sexually reinforcing and I therefore react to her as I react to them?” The process is not exclusive too the field of sex. We find ourselves attracted toward other books written by the author of a book we have enjoyed and to other plays in which actors or actresses will appear who have appeared in plays we have enjoyed. (Skinner, 1980, p.209)

⁹⁶ Texto original: The fact that a verbal response conditioned in the presence of a given stimulus is found to show some strength in the presence of another stimulus showing some of the properties of the first is often called Generalization. (Skinner, 1957, p. 127)

de Generalização, sendo que em ambas Skinner relaciona suas afirmações ao conceito em questão, o que evidencia a reiteração, por parte de Skinner, do que já afirmara sobre o processo de generalização, ao longo das publicações analisadas.

A partir do que foi exposto, é possível afirmar que Skinner reiterou o que havia formulado sobre os processos de discriminação e de generalização em 1957, no livro *Verbal Behavior*, fornecendo diversos exemplos posteriores que ilustram as afirmações feitas no livro.

Categoria: Ferramentas Conceituais II: Causação Múltipla do Comportamento Verbal

Foram incluídas nesta categoria as publicações em que Skinner definiu, descreveu e/ou exemplificou situações em que se evidenciou a existência de causação múltipla do comportamento verbal. Foram encontradas 24 publicações relacionadas, sendo que com exceção de uma, todas se configuravam como exemplos.

Apesar de a maioria das publicações se tratar de exemplos, estes configuram situações que já eram previstas no livro *Verbal Behavior* (1957) como contendo relações de causação múltipla. Dessa forma, no presente estudo considerou-se que Skinner reiterou o que tinha evidenciado como causação múltipla do comportamento verbal no livro de 1957, ao longo das publicações analisadas nesta categoria.

Para ilustrar o resultado obtido, seguem alguns trechos das publicações analisadas, seguidos de trechos do livro *Verbal Behavior* (1957) em que Skinner está explicitando o que chama de causação múltipla.

Em 1957, no livro *Verbal Behavior*, Skinner escreve sobre causação múltipla, utilizando, dentre outros, os seguintes trechos:

Um grupo temático é a contraparte comportamental de uma proposição. Na expressão "a mesma coisa pode ser dita de várias maneiras", "a mesma coisa" se refere a um

conjunto de variáveis comuns e "várias maneiras", a um grupo de respostas temáticas.⁹⁷ (p.228)

Nem o fato de que uma única resposta pode ser controlada por mais de uma variável nem o fato de que uma variável pode controlar mais de uma resposta viola qualquer princípio do método científico. [...] Simplesmente significa que nós devemos estar certos de ter levado em conta *todas* as variáveis relevantes ao fazer uma predição ou ao controlar comportamento. Esses dois fatos podem tornar altamente provável que qualquer amostra de comportamento verbal seja uma função de muitas variáveis operando ao mesmo tempo. [...] Como resultado, a causação múltipla produz muitos efeitos verbais interessantes, incluindo aqueles da brincadeira verbal, do humor, do estilo, os recursos da poesia, distorções formais, deslizes e muitas técnicas do pensamento verbal.⁹⁸ (p. 228-229)

Nestes trechos o autor conceitua o que são grupos temáticos, afirma a existência de situações em que uma única resposta pode ser controlada por mais de uma variável e de situações em que uma única variável controla mais de uma resposta, além de evidenciar que a existência dessas duas situações aumenta a probabilidade de qualquer exemplo de comportamento verbal ser função de muitas variáveis operando ao mesmo tempo. Ademais, fica claro que estilos literários, instrumentos da poesia, humor, brincadeiras verbais, distorções formais, deslizes, etc são exemplos de efeitos verbais produzidos por causação múltipla.

⁹⁷ Texto original: A thematic group is the behavioral counterpart of a proposition. In the expression "the same thing may be said in several ways", "the same thing" refers to a common set of variables and "several ways" to a thematic group of responses. (Skinner, 1957, p. 228).

⁹⁸ Texto original: Neither the fact that a single response may be controlled by more than one variable nor the fact that one variable may control more than one response violates any principle of scientific method. [...] It simply means that we must be sure to take into account *all* relevant variables in making a prediction or in controlling behavior. These two facts make it highly probable that any sample of verbal behavior will be a function of many variables operating at the same time. [...] As a result, multiple causation produces many interesting verbal effects, including those of verbal play, wit, style, the devices of poetry, formal distortions, slips and many techniques of verbal thinking. (Skinner, 1957, p. 228-229).

Na anotação "Three Sources of Strength of One Verbal Response" (1963), contida na publicação *Notebooks* (1980), Skinner fornece um exemplo em que dois grupos temáticos diferentes e um terceiro estímulo controlaram a emissão de uma mesma resposta:

Dois grupos temáticos - catolicismo e escola de música - tinham uma resposta verbal em comum: Sr. Mooney, e um terceiro estímulo - uma dica formal - tornou a resposta inevitável.⁹⁹ (p. 301)

Dados os recortes de ambas as publicações acima, podemos observar que no primeiro trecho citado de 1957, Skinner definiu o que chamou de grupos temáticos como o equivalente comportamental daquilo que é chamado de proposição. Essa definição embasa e coincide com a afirmação feita na publicação de 1980 de que existiam dois grupos temáticos (catolicismo e escola de música) e uma dica formal (o mesmo sobrenome "Mooney") que controlavam uma única resposta (Sra. Mooney), no exemplo dado por ele.

Além disso, o exemplo dado por Skinner em 1980 aborda uma situação em que uma única resposta ("Sra. Mooney") foi controlada por mais de uma variável (dois grupos temáticos e uma dica formal), que coincide com o que ele chama de causação múltipla do comportamento verbal.

Outro exemplo de causação múltipla foi encontrado na anotação "Wit?" (1969), contida na publicação *Notebooks* (1980). Nesta anotação, Skinner menciona uma situação em que, passando por uma loja que se chamava "The Better Mousetrap" (a melhor ratoeira), sob controle de um grupo de ouvintes que configuravam uma audiência específica, fez um comentário humorístico ("There is no room for a path to the door" – não há espaço para caminhar até a porta), que era a continuação de uma expressão americana, em que o início era "The Better Mousetrap":

⁹⁹ Texto original: Two thematic groups – Catholicism and school music – had one verbal response in common: Mrs Mooney, and a third stimulus – a formal prompt – made the response inevitable. (Skinner, 1980, p. 301)

[...] Eu também presumivelmente disse-o para divertir, e o intraverbal foi útil por uma razão diferente. Meus ouvintes presumivelmente estavam inclinados (não importa quão fracamente) a fazer a mesma observação, e essa é uma importante condição para o humor.¹⁰⁰ (p. 44)

Considerando que, neste exemplo, Skinner afirmou estar sob controle do operante intraverbal e de uma audiência específica que estava inclinada a fazer o mesmo comentário que ele fez, o autor deixa clara a influência de mais de uma variável de controle do comentário humorístico, fato este que, em consonância com trechos do livro *Verbal Behavior* (1957) citados acima, configura uma situação de causação múltipla e exemplifica a situação de humor que, nos trechos de 1957, Skinner apresenta como sendo um efeito verbal produzido por causação múltipla.

Na publicação *The Experimental Analysis of Operant Behavior* (1977), encontramos a seguinte afirmação sobre causação múltipla:

Quando esses operantes verbais se juntam sob causação múltipla, o efeito pode ser produtivo se contribui, digamos, para o estilo, o humor, mas destrutivo se leva a distorção e fragmentação.¹⁰¹ (p. 379)

Nessa afirmação, Skinner explicita dois tipos de efeitos produzidos pela causação múltipla. O efeito produtivo ocorre quando a causação múltipla contribui para o estilo da linguagem e o humor, por exemplo. Já o efeito destrutivo ocorre quando a causação múltipla produz, por exemplo, a distorção e a fragmentação da resposta. Ambos os efeitos estão contidos no último trecho citado do livro *Verbal Behavior* (1957), apenas não estão qualificados como produtivos ou destrutivos.

¹⁰⁰ Texto original: [...] I also presumably said it to amuse, and the intraverbal was useful for a different reason. My listeners were presumably inclined (no matter how faintly) to make the same remark, and that is an important condition in wit. (Skinner, 1980, pg.44).

¹⁰¹ Texto original: When these verbal operants come together under multiple causation, the effect may be productive if it contributes, say, to style and wit, but destructive if it leads to distortion and fragmentation. (Skinner, 1977, p. 379).

A partir do que foi exposto, é possível afirmar que Skinner reiterou o conceito de causação múltipla apresentado em 1957, no livro *Verbal Behavior*, fornecendo diversos exemplos posteriores que ilustraram as afirmações feitas no livro.

Categoria: Ferramentas Conceituais III: Definição e Descrição do Operante Verbal Autoclítico

Foram inclusas nessa categoria as publicações em que Skinner definiu, descreveu e/ou exemplificou o operante verbal autoclítico. Foram encontradas 32 publicações relacionadas, sendo que muitas delas consistiam de exemplos desse operante.

No presente estudo, considerou-se que, ao longo das publicações analisadas em relação a essa categoria, Skinner reiterou o que tinha conceituado como autoclítico no livro de 1957.

Para ilustrar o resultado obtido, seguem alguns trechos das publicações analisadas, precedidos de trechos do livro *Verbal Behavior* (1957) em que Skinner explicita o que chama de autoclítico.

Em 1957, no livro *Verbal Behavior*, Skinner escreve sobre autoclíticos, dentre outros, nos seguintes trechos:

As propriedades importantes do comportamento verbal que faltam ser estudadas referem-se a arranjos especiais de respostas. Parte do comportamento de um organismo se torna, por sua vez, uma das variáveis que controlam uma outra parte. Existem pelo menos dois sistemas de respostas, um baseado no outro.¹⁰² (Skinner, 1957, p. 313)

Tais “atitudes proposicionais” como afirmação, negação, e quantificação, o destino alcançado através da revisão e rejeição ou emissão de respostas, a geração de

¹⁰² Texto original: The important properties of verbal behavior which remain to be studied concern special arrangements of responses. Part of the behavior of an organism becomes in turn one of the variables controlling another part. There are at least two systems of responses, one based upon the other. (Skinner, 1957, p. 313)

quantidades de comportamento verbal meramente como tal e as manipulações altamente complexas do pensar verbal podem todas, como vamos ver, ser analisadas em termos do comportamento que é evocado por ou age sobre e outro comportamento do falante.¹⁰³ (Skinner, 1957, p. 313)

O tipo de comportamento autodescritivo que precisa de estudo adicional surge de um efeito especial sobre o ouvinte. A explicação última de qualquer tipo de comportamento verbal depende da ação que o ouvinte adota com relação a ele.¹⁰⁴ (Skinner, 1957, p.314)

Porque relações controladoras são tão importantes, ambientes verbais desenvolvidos encorajam o falante a emitir respostas colaterais descrevendo-as. Essas respostas são, de alguma forma, semelhantes a outros tatos descritivos do comportamento do falante (no momento ou em algum outro período) ou até do comportamento verbal de outra pessoa, mas o efeito imediato sobre o ouvinte em modificar sua reação ao comportamento que elas acompanham estabelece um padrão distinto.¹⁰⁵ (Skinner, 1957, p. 315)

Pretende-se que o termo “autoclítico” sugira comportamento que é baseado em ou depende de outro comportamento verbal.¹⁰⁶ (Skinner, 1957, p.315)

¹⁰³Texto original: Such “propositional attitudes” as assertion, negation, and quantification, the design achieved through reviewing and rejecting or emitting responses, the generation of quantities of verbal behavior merely as such, and the highly complex manipulations of verbal thinking can all, as we shall see, be analyzed in terms of behavior which is evoked by or acts upon other behavior of the speaker. (Skinner, 1957, p. 313).

¹⁰⁴Texto original: The kind of self-descriptive behavior which needs further study arises from a special effect on the listener. The ultimate explanation of any kind of verbal behavior depends upon the action which the listener takes with respect to it. (Skinner, 1957, p.314).

¹⁰⁵Texto original: Because controlling relations are so important, well-developed verbal environments encourage the speaker to emit collateral responses describing them. These responses are in a sense similar to other tacts descriptive of the speaker’s behavior (at the moment or at some other time) or even of the verbal behavior of someone else, but the immediate effect upon the listener in modifying his reaction to the behavior they accompany establishes a distinctive pattern. (Skinner, 1957, p.315).

¹⁰⁶Texto original: The term “autoclitic” is intended to suggest behavior which is based upon or depends upon other verbal behavior. (Skinner, 1957, p. 315).

Como é possível observar nesses trechos extraídos do capítulo “The Autoclitic”, do livro *Verbal Behavior* (1957), Skinner descreve um autoclítico como um operante verbal em que uma resposta é evocada sob controle de outra resposta do falante. Essa segunda resposta, emitida sob controle da primeira, tem a função de modificar o efeito da primeira sobre o comportamento do ouvinte. Essas afirmações são reiteradas na anotação “Consciousness and the autoclitic” (1961), contida na publicação *Notebooks* (1980), uma vez que nessa publicação, Skinner afirma que deve haver uma resposta de primeira ordem antes que alguém possa emitir um autoclítico (resposta de segunda ordem) em relação à resposta anterior:

Eu então vi que você não poderia ser consciente sem ter algo do que estar consciente, e de repente percebi que o comportamento autoclítico é um caso especial de consciência. Deve haver comportamento verbal de primeira ordem antes que alguém possa emitir um autoclítico como uma resposta de segunda ordem.¹⁰⁷ (Skinner, 1980, p. 353).

Nesse trecho, Skinner afirma que o autoclítico é um caso especial de consciência no sentido de que a emissão do autoclítico implica a observação do próprio comportamento verbal em relação ao qual o autoclítico é emitido (que o autoclítico "qualifica", "modera"). No trecho citado acima, de 1980, Skinner deixa claro que o autoclítico é um comportamento de segunda ordem, ou seja, que é necessário que exista outra resposta (de primeira ordem) para que o autoclítico seja evocado, o que está de acordo com o que foi explicitado por ele no livro de 1957.

Na anotação “Autoclitics and Freud” (1972), encontrada na publicação *Notebooks* (1980), Skinner aponta que a negação é um autoclítico e discute brevemente sobre o assunto, reiterando e fazendo referência ao que foi escrito pelo próprio autor em seu livro de 1957 (há

¹⁰⁷Texto original: I then saw that you could not be conscious without having something to be conscious of, and I suddenly realized that autoclitic behavior is a special case of consciousness. There must be first-order verbal behavior before one can emit an autoclitic as a second-order response. (Skinner, 1980, p. 353)

um subtítulo no livro apenas sobre autoclíticos de negação, que é compatível com o que foi dito nessa anotação de 1972 e acrescenta informações sobre o assunto).

No *Verbal Behavior*, eu argumento que negação é autoclítico. *Não* e *Nem* são adicionados a comportamento verbal primordial. “Omitidos” sugere que sonhos são descuidados, em vez de que eles não chegam em um segundo estágio. Sonhos são similares a sentenças protocolares – ainda não editadas pelo falante.¹⁰⁸ (Skinner, 1980, p. 204).

Por fim, na publicação *The Experimental Analysis of Operant Behavior* (1977), Skinner descreve os autoclíticos como técnicas de gramática e sintaxe que colaboram para o falante manipular os próprios comportamentos verbais, de forma que controlem ou qualifiquem o comportamento dos ouvintes.

Falantes manipulam o próprio comportamento verbal a fim de controlar ou qualificar as respostas dos ouvintes, e a gramática e a sintaxe são técnicas “autoclíticas” desse tipo, assim como muitas outras práticas na composição sustentada.¹⁰⁹ (Skinner, 1977, p. 379).

A citação acima, extraída da publicação de 1977, *The Experimental Analysis of Operant Behavior*, está de acordo com o que foi afirmado por Skinner a respeito do operante verbal Autoclítico, uma vez que ambas discutem os efeitos especiais que o operante verbal produz no comportamento do ouvinte.

Considerando o que foi apresentado, é possível afirmar que Skinner reiterou o conceito do operante verbal autoclítico ao longo das publicações analisadas na categoria,

¹⁰⁸Texto original: In *Verbal Behavior*, I argue that negation is autoclititic. *No* and *not* are added to primordial verbal behavior. “Omitted” suggests that dreams are careless rather than that they do not move on to a second stage. Dreams are similar to protocol-sentences – not yet edited by a speaker. (Skinner, 1980, p. 204)

¹⁰⁹Texto original: Speakers manipulate their own verbal behavior in order to control or qualify the responses of listeners, and grammar and syntax are “autoclitic” techniques of this sort, as are many other practices in sustained composition (Skinner, 1977, p. 379).

reafirmando que autoclíticos são operantes verbais de segunda ordem, são respostas verbais evocadas por outras respostas verbais do próprio falante, que produzem efeitos especiais no comportamento do ouvinte.

Categoria: Ferramentas Conceituais IV: Autocontrole no Comportamento Verbal

Foram inclusas nessa categoria as publicações em que Skinner definiu, descreveu e/ou exemplificou situações relacionadas ao autocontrole no comportamento verbal. Foram encontradas 19 publicações relacionadas, sendo que muitas delas se configuravam como exemplos do que Skinner chamou de autocontrole no comportamento verbal.

Apesar de a maioria das publicações se constituir de exemplos, estes configuram situações que já eram previstas no livro *Verbal Behavior* (1957). Nas publicações em que Skinner se ocupou em definir e descrever as contingências de autocontrole, estas foram compatíveis com as definições e descrições encontradas em 1957, no livro *Verbal Behavior*. Dessa forma, no presente estudo considerou-se que, ao longo das publicações analisadas sobre esta categoria, Skinner reiterou o que tinha mencionado como autocontrole no comportamento verbal no livro de 1957.

Como forma de ilustrar o resultado obtido, seguem alguns trechos do livro *Verbal Behavior* (1957) e de algumas das publicações analisadas em relação a esta categoria.

Em 1957, Skinner ressaltou que, para existir o autocontrole no comportamento verbal, é necessário que em uma mesma pele coexistam dois repertórios, um de falante e o outro de ouvinte para o próprio comportamento verbal. Além disso, apresentou duas possibilidades de auto-edição: uma, quando o comportamento é emitido de forma encoberta (e o falante se comporta como ouvinte do próprio comportamento, antes de o comportamento chegar ao ouvinte final); e a outra, quando, após ter emitido uma resposta aberta e esta já ter atingido o ouvinte final, o falante se comporta como ouvinte do próprio comportamento e emite uma

resposta adicional, retratando-se ou revogando o que foi dito anteriormente. Segundo Skinner, isto se dá pelo uso de um autoclítico apropriado.

Para ocorrer a edição, o falante deve reagir como um ouvinte em relação ao seu próprio comportamento. Se ele não puder fazê-lo, ele não consegue editar.¹¹⁰ (Skinner, 1957, p. 384)

Uma resposta que tenha sido emitida de forma aberta pode ser anulada ou revogada por uma resposta adicional.¹¹¹ (Skinner, 1957, p.369)

Se uma resposta não foi ouvida, ela pode ser revogada simplesmente não a repetindo quando isso for solicitado. [...] Uma resposta que já atingiu o ouvinte pode ser “tomada de volta” com um autoclítico manipulativo apropriado. [...] A revogação formalizada do comportamento verbal é exemplificada por retiradas e retratações.¹¹² (Skinner, 1957, p. 370)

Comportamento subvocal pode, é claro, ser revogado antes de ser emitido de forma audível. [...] O falante testa o próprio comportamento consigo mesmo antes de oferecê-lo ao ouvinte final.¹¹³ (Skinner, 1957, p. 370).

Algumas propriedades das respostas são aversivas a outros e prováveis de serem punidas.¹¹⁴ (Skinner, 1957, p. 373)

¹¹⁰ Texto original: If editing is to occur, the speaker must react as a listener to his own behavior. If cannot do so, he cannot edit. (Skinner, 1957, p.384)

¹¹¹Texto original: A response which has been emitted in overt form may be recalled or revoked by an additional response. (Skinner, 1957, p. 369).

¹¹²Texto original: If a vocal response has not been heard, it can be “revoked” simply by not repeating it upon request. The response has, so to speak, been crossed out. A response which has already reached the listener can be “taken back” with an appropriate manipulative autoclitic. [...] The formalized revocation of verbal behavior can, of course, be revoked before it has been emitted audibly. (Skinner, 1957, p. 370)

¹¹³Texto original: Subvocal behavior can, of course, be revoked before it has been emitted audibly. [...] The speaker tests his behavior on himself before offering it to the ultimate listener. (Skinner, 1957, p. 370)

¹¹⁴Texto original: Certain properties of responses are aversive to others and likely to bring punishment (Skinner, 1957, p.373)

O reforçamento automático do comportamento verbal também tem seu papel no processo de edição. Se o teste subvocal revela simplesmente que uma resposta não gera estimulação aversiva condicionada, a resposta é “liberada”.¹¹⁵ (Skinner, 1957, pp. 380-381).

Na publicação "Experimental Analysis of Operant Behavior" (1977), em um parágrafo em que Skinner faz alusão ao que foi escrito no livro *Verbal Behavior* (1957), o autor enfatiza a utilidade de uma tecnologia de autocontrole verbal, ao afirmar sua importância para descobrir o que pode ser dito por alguém e para restringir a amplitude das variáveis de controle, dando ênfase às variáveis que provavelmente levarão o falante a uma ação efetiva.

Uma tecnologia de autocontrole verbal emerge, a qual é útil tanto na “descoberta do que se tem a dizer quanto em restringir a amplitude de variáveis de controle – enfatizando, por exemplo, os tipos de variáveis (características da lógica e da ciência) mais prováveis de levarem a ação prática efetiva ou os tipos que se descobriu serem mais produtivos de poesia ou ficção.¹¹⁶ (Skinner, 1977, p. 379).

Já em “How to Discover What You Have to Say- a talk to students” (1981), Skinner baseia-se nas análises que faz no livro *Verbal Behavior* (1957) para propor um exemplo de autocontrole do comportamento verbal, como solução para as dificuldades envolvidas no problema de saber como dizer o que se deve ou o que se quer dizer. Assim, o artigo como um todo é um exemplo do que Skinner chamou de autocontrole do comportamento verbal, em

¹¹⁵Texto original: The automatic reinforcement of verbal behavior also plays a role in the process of editing. If the subvocal test reveals simply that a response generates no conditioned aversive stimulation, the response is then “released”. (Skinner, 1957, pp. 380-381)

¹¹⁶Texto original: A technology of verbal self-management emerges that is useful both in “discovering what one has to say” and in restricting the range of controlling variables – emphasizing, for example, the kinds of variable (characteristic of logic and science) most likely to lead to effective practical action or the kinds found to be more productive of poetry or fiction. (Skinner, 1977, p.379)

que o próprio autor propõe passos para que haja a melhor condição possível para se comportar verbalmente. Segue a citação:

Meu título servirá como um esboço. Ele começa com “Como”, e esse é um “Como” falar. É sobre um problema com que todos nos defrontamos, e a solução que eu proponho é um exemplo sobre autogerenciamento verbal, usando meu *Verbal Behavior* (1957) como a base para uma tecnologia. O que está em questão é como podemos controlar nosso próprio comportamento verbal mais efetivamente.¹¹⁷ (p.1)

Em consonância com as publicações já referenciadas, no subtítulo *The Listener*, contido no capítulo “The Behavior of the Listener”, do livro *Rule-governed Behavior: cognition, contingencies, and instructional control* (1989), Skinner ressalta a existência de muitas pessoas sob uma única pele, no sentido de que há muitos repertórios diferentes, que foram modelados e mantidos por diferentes ambientes verbais, em um mesmo indivíduo. Segue a citação que ilustra a afirmação acima:

Tudo isso recebe uma significância muito maior quando o falante e o ouvinte residem dentro da mesma pele. Se isso significasse que eles eram a mesma pessoa, não haveria necessidade do comportamento verbal. O ouvinte a que se fala saberia tanto, no sentido de ter a mesma história, quanto o falante; o ouvinte ensinado saberia tanto quanto o professor, e assim por diante. Mas existem muitas pessoas ou selves sob uma pele. Nós sugerimos isso quando falamos de auto-observação, em que um self observa o outro, ou de autocontrole, em que um self controla o outro. [...] Repertórios

¹¹⁷Texto original: My title will serve as an outline. It begins with “How to”, and this is a “How to” talk. It is about a problem we all face, and the solution I propose is an example about verbal self-management, using my *Verbal Behavior* (1957) as the basis of a technology. At issue is how we can manage our own verbal behavior more effectively. (Skinner, 1981, p.1).

diferentes foram modelados e mantidos por diferentes ambientes verbais.¹¹⁸ (Skinner, 1989, p. 95).

É possível verificar que Skinner reiterou, ao longo das publicações posteriores, o que foi afirmado sobre autocontrole do comportamento verbal em 1957. Todas as publicações citadas ressaltam a existência de auto-edição, em que o falante se comporta como ouvinte do próprio comportamento, e deixam claras as vantagens do autocontrole do comportamento verbal, no sentido de se agir de forma mais eficiente no ambiente verbal, sobretudo quando se considera que o mesmo indivíduo está submetido a diversos ambientes verbais, em que são também diversos os critérios de reforçamento do comportamento verbal.

¹¹⁸Texto original: All this takes on a much greater significance when the speaker and listener reside within the same skin. If that meant that they were the same person, there would be no need for verbal behavior. The listener told would know as much, in the sense of having the same history, as the teller; the listener taught would know as much as the teacher, and so on. But there are many persons or selves within one skin. We imply as much when we speak of self-observation, in which one self observes another, or self-management, in which one self manages another. [...] Different repertoires have been shaped and maintained by different verbal environments. (Skinner, 1989, p.95).

Considerações Finais

O presente trabalho teve por objetivo analisar a evolução dos estudos de Skinner sobre comportamento verbal após a publicação do livro *Verbal Behavior* (1957) e apontar alterações, complementos, reiteraões e possíveis exclusões. Os resultados produzidos nesta pesquisa permitem dizer que nas publicações posteriores a 1957, Skinner reiterou o que afirmou no livro de 1957 em relação às categorias: Definição e Descrição do Operante Verbal Mando; Definição e Descrição do Operante Verbal Ecoico; Definição e Descrição do Operante Verbal Textual; Definição e Descrição do Operante Verbal Intraverbal; Definição de Audiência; Ferramentas Conceituais (1): Processos de Discriminação e Generalização; Ferramentas Conceituais (2): Causação Múltipla do Comportamento Verbal; Ferramentas Conceituais (3): Definição e Descrição do Operante Verbal Autoclítico; e Ferramentas Conceituais (4): Relações de Autocontrole do Comportamento Verbal.

Na categoria Definição de Comportamento Verbal foi possível observar um complemento feito por Skinner em relação à definição de 1957, em seu livro *Verbal Behavior*. Esse complemento pode ser observado na publicação “The Evolution of Verbal Behavior” (1986), em que Skinner inclui como critério para considerar um comportamento como verbal a transmissão de um ambiente verbal de geração em geração, critério esse que não existia no livro de 1957.

Já na categoria Definição de Operante Verbal foram observadas algumas alterações que diziam respeito a complementos e uma exclusão. Em *Special Problems in Programming Language Instruction for Teaching Machines* (1960), Skinner faz complementos quando considera ditado e “ditado apontando” como dois operantes verbais, separando-os do operante verbal transcrição, que passou a ser composto apenas por cópia. Os dois novos operantes foram descritos como contingências de reforçamento, assim como Skinner fez com todos os outros operantes verbais primários (já conhecidos).

Já nas publicações *A Better Way to Deal With Selection* (1983); *The Evolution of Verbal Behavior* (1986); e no capítulo 2, "The Behavior of the Listener", contido na publicação *Rule-governed behavior: cognition, contingencies, and instructional control* (1989), Skinner se referiu aos operantes verbais primários como sendo cinco, sendo que na maioria dessas publicações ele cita os cinco operantes, que são mando, ecoico, textual, intraverbal e tato. Somado a isso, de todas as publicações analisadas, Skinner utiliza o conceito de transcrição apenas em duas delas, anteriores às publicações mencionadas acima, que omitiram a transcrição como um dos operantes verbais. Essas observações parecem apontar para uma possível exclusão do que ele chamou de operante verbal transcrição ou, no mínimo, uma redução em sua importância.

Por fim, na categoria Definição e Descrição do Operante Verbal Tato, foi possível identificar que houve divergências em relação ao que afirmou em 1957, que se caracterizaram como exclusões. Em *Special Problems in Programming Language Instruction for Teaching Machines* (1960), Skinner descreve a contingência de tato, deixando de mencionar a possibilidade de o estímulo antecedente de um tato ser verbal, possibilidade esta que está contida no livro *Verbal Behavior* (1957). Contudo, considerando a publicação "Reply to place: three senses of the word tact"(1985) - em que Skinner afirma ter poucas situações em que usou, no livro *Verbal Behavior* (1957), a palavra tato de forma inadequada, e nenhuma situação em que ele mudaria substancialmente o que disse – é possível pensar na possibilidade de que na publicação em que parte da definição de 1957 não foi considerada, Skinner estivesse apenas fazendo um recorte, mencionando somente o que lhe cabia discutir tendo como critério o objetivo da publicação em questão.

Outra variação importante diz respeito aos repertórios mínimos. Em *Language Teaching Today* (1960), Skinner inclui o tato na categoria de operantes verbais temáticos. A descrição que o próprio autor fez em relação aos repertórios temáticos deixou claro que tais

repertórios não possuem repertórios mínimos que permitam que respostas sejam emitidas diante de novos estímulos. No entanto, no livro *Verbal Behavior* (1957), Skinner afirma que é evidente a existência de algum tipo de repertório mínimo no operante verbal tato, e os assemelha aos repertórios mínimos dos operantes verbais ecoico e textual. Considerando a publicação “Reply to place: three senses of the word tact” (1985), conforme foi exposto acima, é difícil considerar que Skinner tenha de fato feito alguma alteração acerca do conceito de tato em relação ao que foi proposto no livro de 1957, que tenha se mantido ao longo das publicações posteriores. Parece mais plausível que as alterações encontradas na publicação *Language Teaching Today* (1960) tenham sido fruto de um contexto específico, no qual, os dados excluídos não seriam relevantes para a análise da publicação.

Os dados encontrados sugerem que Skinner fez alterações reiterações, complementos e exclusões em relação ao que chamou de comportamento verbal, possivelmente em um processo de consolidação da teoria, ao longo de suas publicações após 1957, o que evidencia que, de fato, os trabalhos do autor sobre comportamento verbal permeiam toda a sua carreira. As conclusões mencionadas oferecem base para se afirmar que a sistematização e a análise das publicações selecionadas permitiram explicitar quais as mudanças no que Skinner chamou de comportamento verbal em 1957 e em que contextos elas surgiram, o que contribuiu para o esclarecimento de como os conceitos relacionados ao estudo de comportamento verbal explicitados por Skinner no livro *Verbal Behavior* (1957) foram cronologicamente evoluindo ao longo das demais publicações do autor sobre o tema.

Com base no que foi apresentado, cabe propor que novas pesquisas sejam realizadas nesta área, visto a extensão do trabalho necessário para que conceitos relacionados ao comportamento verbal, de extrema importância para a abordagem da Análise do Comportamento, tenham o percurso de sua construção esclarecido, especialmente com base nas obras do próprio Skinner. Pesquisas conceituais em que há uma análise cronológica dos

conceitos analisados podem e devem contribuir para uma compreensão mais acurada sobre a construção de conceitos relevantes para a área, as mudanças que sofreram ao longo do processo de produção, as razões e as implicações dessas mudanças para o arcabouço conceitual da área e para sua aplicação.

No presente trabalho não foi possível, por conta da extensão do que foi proposto, ler as autobiografias de Skinner, que poderiam oferecer uma análise mais completa, uma vez que, nelas, o autor poderia explicitar as razões de algumas das mudanças identificadas no presente estudo. Um trabalho em que haja a comparação dos dados obtidos com as autobiografias de Skinner, a fim de identificar possíveis razões para as alterações encontradas, fica como proposta para pesquisas futuras.

Referências

- Andery, M. A. P. A. (2001). Notas para uma revisão sobre comportamento verbal. Em H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Maldi, P. B. Queiroz & M. C. Scoz (Orgs), *Sobre o comportamento e cognição: Expondo a variabilidade* (Vol. 7, pp. 372-385). Santo André, SP: ESETec.
- Andery, M. A., Micheletto, N. & Sério, T. M. (2000). Pesquisa histórica em análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 8, 137-142.
- Andery, M. A.; Micheletto, N. & Sério, T. M. (2004). Publicações de B. F. Skinner: De 1930 a 2004. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 6, 93-134.
- Carrara, K. (1992). Acesso a Skinner pela sua própria obra: publicações de 1930 a 1990. *Didática*, 28, 195-212.
- Coleman, S. R. (1995). The varied usefulness of history, with specific reference to behavior analysis. *Modern perspectives on BF Skinner and contemporary behaviorism*, 28, 129-147.
- Fidalgo, A. P. (2011). O estudo do comportamento verbal no Brasil: uma análise com base em resumos de dissertações e teses. *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo*.
- Michael, J. (1992) Foreword I. *Verbal Behavior* (pp. vii-xii). Cambridge, Estados Unidos: Copley Custom Textbooks.
- Micheletto, N. (1995). *Uma questão de conseqüências: a elaboração da proposta metodológica de Skinner* (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.

- Morris, E. K., Todd, J. T., Midgley, B. D., Schneider, S. M. & Johnson, L. M. (1995). Conclusion: some historiography of behavior analysis and some behavior analysis of historiography. Em J. T. Todd & E. K. Morris (Orgs.), *Modern perspectives on B. F. Skinner and contemporary behaviorism* (pp. 195-215). Londres, Inglaterra: Greenwood.
- Rubano, D. R. (1999). *Aquém de Verbal Behavior: uma análise da investigação de B. F. Skinner sobre o comportamento verbal a partir de textos anteriores a 1957* (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Sério, T. M. A. P. (1983). *A Noção de Classe de Respostas Operantes: sua formulação inicial*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Sério, T. M. A. P. (1990). *Um Caso na História do Método Científico: do reflexo ao operante* (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Skinner, B. F. (1938). *The Behavior of Organisms: an experimental analysis*. NY, Estados Unidos: Appleton Century Crofts, Inc.
- Skinner, B. F. (1992). *Verbal Behavior*. Cambridge, Estados Unidos: Copley Custom Textbooks. (Trabalho original publicado em 1957).
- Skinner, B. F. & Epstein, R (1980). *Notebooks*. Englewood Cliffs, Estados Unidos, NJ: Prentice-Hall.
- Tourinho, E. Z. (1999). Estudos conceituais na análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 7, 213-222.
- Tourinho, E. Z. & Sério, T. M. A. P. (2010). Definições contemporâneas da análise do comportamento. Em E. Z. Tourinho & S. V. Luna (Orgs.), *Análise do comportamento: Investigações históricas, conceituais e aplicadas* (pp. 1-13). São Paulo, SP: Roca.

Vargas, E. A. (2007). O Comportamento Verbal de BF Skinner: uma introdução. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(2), 153-174.

Vargas, E. A., Vargas, J. S., & Knapp, T. J. (2007). Análise do comportamento verbal segundo BF Skinner: um estudo. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(2), 175-194.

Whitley, P. (1985). Notebooks by B. F. Skinner: A referenced index of entries relevant to verbal behavior. *The Analysis of verbal behavior*, 3, 25-40.

APÊNDICES

Apêndice A. Lista de referências das 377 publicações de B. F. Skinner a serem analisadas.¹¹⁹

- Skinner, B. F. (1959). The programming of verbal knowledge. In E. Galanter (Ed.), *Automatic teaching: The state of the art* (pp. 63-68). New York: Wiley.
- Skinner, B. F. (1960). Concept formation in philosophy and psychology. In S. Hook (Ed.), *Dimensions of mind: A symposium* (pp. 226-230). New York: New York University Press.
- Skinner, B. F. (1960). Special problems in programming language instruction for teaching machines. In F. J. Oinas (Ed.), *Language teaching today* (pp. 167-174). Bloomington: Indiana University Research Center in Anthropology, Folklore, and linguistics.
- Skinner, B. F., & Holland, J. G. (1960). The use of teaching machines in college instruction (Parts II-IV). In A. A. Lumsdaine & R. Glaser (Eds.), *Teaching machines and programmed learning: A source book* (pp. 159-172). Washington, DC: Department of Audio-Visual Instruction, National Education Association.
- Skinner, B. F. (1961). Learning theory and future research. In J. Lysaught (Ed.), *Programmed learning: Evolving principles and industrial applications* (pp. 59-66). Ann Arbor, MI: Foundation for Research on Human Behaviors.
- Skinner, B. F. (1961). Teaching machines. *Scientific American*, 205, 90-102.
- Skinner, B. F. (1961). The design of cultures. *Daedalus*, 90, 534-546.
- Skinner, B. F., & Richards, I. A. (1962). Verbal behaviour. *Encounter*, pp. 42-44.
- Skinner, B. F. (1963). Behaviorism at fifty. *Science*, 140, 951-958.
- Skinner, B. F. (1963). Operant behavior. *American Psychologist*, 18, 503-515.
- Skinner, B. F. (1966). The phylogeny and ontogeny of behavior. *Science*, 153, 1205-1213.
- Skinner, B. F. (1966). What is the experimental analysis of behavior? *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 9, 213-218.

¹¹⁹Todas as publicações foram lidas e analisadas, porém nem todas as publicações foram incluídas nas categorias de análise propostas, uma vez que não continham material de interesse para o presente trabalho.

- Skinner, B. F., & Blanshard, B. (1967). The problem of consciousness: A debate. *Philosophy and Phenomenological Research*, 27, 317-337.
- Skinner, B. F., & Krakower, S. (1968). *Handwriting with write and see*. Chicago: Lyons & Carnahan.
- Skinner, B. F. (1968). A Review of Teaching. *The technology of teaching*. (Subtítulo *Terminal behavior*, pp. 199-206). New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1968). Teaching Machines. *The technology of teaching*. (Subtítulos *Other kinds of teaching machines*, pp. 32-39; *Some questions*, pp. 54-57). New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1968). Teaching Thinking. *The technology of teaching*. (pp. 115-144). New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1968). The Technology of Teaching. *The technology of teaching*. (Subtítulo *A few examples*, pp. 79-83). New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1969). An operant analysis of problem solving. *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (pp. 133-171). New York, Estados Unidos: Appleton-Century-Crofts. (Trabalho original publicado em 1963.)
- Skinner, B. F. (1969). Behaviorism at fifty. *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (pp. 221-268). New York, Estados Unidos: Appleton-Century-Crofts. (Trabalho original publicado em 1963.)
- Skinner, B. F. (1969). Operant Behavior. *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (Subtítulo *Practical advantages*, pp. 108-109). New York, Estados Unidos: Appleton-Century-Crofts. (Trabalho original publicado em 1963.)
- Skinner, B. F. (1969). The experiment analysis of behavior. *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (Subtítulos *Note 4.1: Independent variables* pp. 86-88; *Note 4.2: The dependent variable*, parágrafos 1 e 2, p. 91; *Note 4.5: A technology of behavior*, pp. 95-98;

Note 4.6: The critics, pp. 98-104). New York, Estados Unidos: Appleton-Century-Crofts.
(Trabalho original publicado em 1963.)

Skinner, B. F. (1969). The phylogeny and ontogeny of behavior. *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (Subtítulo *Misleading similarities*, pp. 193-198; *Note 7.3: Interrelations among phylogenic and ontogenic variables*, pp. 203-208). New York, Estados Unidos: Appleton-Century-Crofts. (Trabalho original publicado em 1963.)

Skinner, B. F. (1969). The role of environment. *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (Subtítulos *The interpretation of behavior* pp. 10-22; *Note 1.1: Some contingencies of reinforcement*, pp.22-25). New York, Estados Unidos: Appleton-Century-Crofts. (Trabalho original publicado em 1963.)

Skinner, B. F. (1969). The inside story. *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (Subtítulo *The ghost in the machine*, pp. 286-295). New York, Estados Unidos: Appleton-Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1970). B. F. Skinner...An autobiography. Em P. D. Dews. *Festschrift for B. F. Skinner*. (pp. 1-21). New York: Appleton-Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1972). A lecture on "having" a poem. In B. F. Skinner, *Cumulative record* (3rd ed., pp. 345-355). New York: Appleton-Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1973). Reflections on meaning and structure. In R. Brower, H. Vendler, & J. Hollander (Eds.), *I. A. Richards: Essays in his honor* (pp. 199-209). New York: Oxford University Press.

Skinner, B. F. (1974). Causes and reasons. *About behaviorism* (pp. 119-138). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf

Skinner, B. F. (1974). Knowing. *About behaviorism* (pp. 137-147). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf

- Skinner, B. F. (1974). Perceiving. *About behaviorism* (Subtítulo *Mind and stimulus control*, pp. 86-87). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1974). Summing up. *About behaviorism* (pp. 219-251). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1974). The inner world of motivation and emotion. *About behaviorism* (Subtítulo *Life in Psyche*, pp. 152-155). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1974). The self and others. *About behaviorism* (Subtítulos *Knowing oneself*, pp. 168-171; *Knowing another person*, pp.171-176; *Managing oneself*, pp.176-180; *Describing contingencies*, pp. 200-202). New York, Estados Unidos: New York: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1974). The world within the skin. *About behaviorism* (pp. 21-32). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1974). Thinking. *About behaviorism* (Subtítulos *Solving problems*, pp. 111-113; *Creative behavior*, pp. 113-115). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1974). Verbal Behavior. *About behaviorism* (pp. 88-101). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1977). The experimental analysis of operant behavior. In R. W. Rieber & K. Salzinger (Eds.), *The roots of American psychology: Historical influences and implications for the future* (*Annals of the New York Academy of Sciences*, Vol. 291, pp. 374-385). New York: New York Academy of Sciences.
- Skinner, B. F. (1980). "Just Growing". Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.304). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980). "Knowing They Know". Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.115). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). "Looking For". Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.230).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). "Searching One's Memory". Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.208).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). "Sociologese". Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.329).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). "Storing" a Poem. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.178).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). "Taking In" the World. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.232).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). "Turning Stimuli On and Off". Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.351).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). "Unconscious" Slip. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.316).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). "Verbalize". Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.159).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). "A Reflex". Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.357).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). "I Wonder". Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.350).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). "Relations". Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.262).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). A Curious Autoclitic. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.289).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). A Nonverbal Autoclitic. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.282).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). A Phrase as an Object. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.86).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). A Remote “Association”. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.329).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Acceptance of Life. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.358).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Accepting a Coincidence. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.11).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Allusions. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.74).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Amount Remembered. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.283).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).An Example of Proustian Recall. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.244).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Analyzing Character. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.19).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Animism. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.41).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Applause as Assertion. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.322).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Approval and Disapproval. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.295).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Arrighi. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.283).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Assign and Test. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.98).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Atoms. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.203).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Attracting Attention. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.144).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Autoclitic Placement. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.278).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Autoclitics and Freud. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.204).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Avoiding Metaphors. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.71).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Awareness Blunted. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.310).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Behavioral Unit. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.107).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Big Home Tooke. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.230).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Bits of My Childhood. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.45).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Blame. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.60).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Bombast. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.195).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Calculated Deception. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.34).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Censored and Censured. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.356).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Chained Operants. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.276).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Cognitive Dissonance. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.268).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Comma. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.4).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Composing and Painting. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.30).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Concealed Boasting. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.47).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Concealed Intraverbal. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.94).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Conditions of Recall. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.267).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Consciousness and the Autoclitic. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.353).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Contingencies of Blaming. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.146).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Contradiction. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.206). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Courtroom with a View. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.10). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Critic. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.31). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Curtain-Raiser. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.255). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Dangerous Nonsense. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.291). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Deep Structure. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.131). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Deja Dit. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.337). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Delayed Action of Formal and Thematic Prompts. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.186). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Delayed Prompt. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.303). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Desultory. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.259). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Devotions. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.82). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Distant Recall. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.199). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Distorted Tact. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.11).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Disturbing Irrelevancies. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.198).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Double Audience. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.217).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Double Meanings. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.200).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Double Pun. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.214).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Ear. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.163).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Effort, Energy, and Fatigue. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.334).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Encounter. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.335).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Euphemism. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.48).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Evolution of a Culture. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.14).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Explanatory Autocitics. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.220).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Explaining Verbal Behavior. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.242).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Faculties. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.16).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Feelings as Causes. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.227).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Fields to Conquer. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.275).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Fifty Years Later. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.216).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Finding the Pieces. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.84).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Flight from Behavior. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.307).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Force of Coincidence. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.22).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Fractional Verbal Operant. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.306).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Freedom. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.134).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Freud and Sex. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.225).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Function of Secrecy. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.278).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Future French. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.317).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Gender. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.123). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Generalization. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.209). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Geographic Music. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.12). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Geography. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.355). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). George Eliot. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.12). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Gestures. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.345). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Getting Attention. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.177). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Glimpses. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.274). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Gold Epaulets. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.324). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Golden Rule. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.318). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Guaranteed Gratitude. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.88). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Harrumph!. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.169). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Hearing Myself Think. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.31).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Hearing Something as Something Else. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.13).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). History of rules. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p. 314).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). History or thinking? Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (pp. 304-305). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).I Told You So. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.59).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Ideas. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.268).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Identification. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.327).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Imitative Model. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.135).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Implied consequences. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (pp. 328-329). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Indirect Self-Prompting. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.284).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Infant. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.278).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Innate Behavior. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.328).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Interference?. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.224).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Keep Your Eye.... Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.95).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Key to Cognition. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.341).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Killing the Bearer of Bad News. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.166).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Knowing and UnderstandingPeople. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.93).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Knowing what to do. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p. 231).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Knowledge by acquaintance and knowledge by description. EmR. Epstein (Org.), *Notebooks* (pp. 184-185). Englewood Cliffs, Estados Unidos:Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Knowledge, Information, the Facts. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.213).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Le Mot Juste. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.301).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Letter Writing. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.54).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Linguistic Games. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.18).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Literary Theory. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.261).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Local Powers. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.37).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Long-Term Recall. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.315).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Love as an Archetype. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.108).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Loyalty. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.349).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Making No Grammar. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.231).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Making rules. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p. 190).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Man and Machine. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.40).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Memoranda. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.120).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Memory Shaken. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.319).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Memory. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.223).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Mental Metaphor. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.17).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Mind? No, Matter. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.106).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

- Skinner, B. F. (1980). Miscarriage. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.128). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980). Misplaced “Atom”. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.353). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980). Misreading I. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.7). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980). Misreading II. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.91). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980). More of My Lost Future. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.320). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980). Morphology. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.133). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980). Multiple Causation. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.132). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980). Multiple Sources of Strength. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.267). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980). Multiple Sources of Verbal Strength. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.256). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980). Musical Patterns of Strength. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.273). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980). Myself and My Subjects. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.360). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980). Myths, Rituals and Drama. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.193). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Neglect of Duty. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.21).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Oaths. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.95).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Obeying a Rule. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.133).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).On "Having" a Poem. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.253).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).On Rereading. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.122).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Paradox. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.23).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Paradoxes. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.349).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Paraleipsis. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.284).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Paraphrase. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.173).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Partial Paraleipsis. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.141).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Pencil. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.264).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Perception. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.256).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Philosophy. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.339).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Physical Dimensions. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.197).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Plus and Minus. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.197).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Poetic Illogic. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.10).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Possession. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.43).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Practical Eisegesis. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.296).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Pre-Baconian. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.115).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Precious Prose. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.69).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Precognition. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.55).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Prepared for Recall. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.168).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Presence. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.286).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Private Stimuli. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.73).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Promoting Recall. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.50).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Proofreading. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.293).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Proverbs. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p. 326). EnglewoodCliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Punitive Control of Verbal Behavior. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.48).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Recollection of an Early Event. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.29).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Recording a Distortion. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.94).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Reinforcement of a Mand. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.105).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Reinforcement of Verbal Behavior. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.315).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Reporting Behavior. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.174).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Rules, models, contingencies. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks*(p. 87). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Rules. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (pp. 305-306).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Russell on Storage. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.145).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Saying Something While Not Saying It. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.271). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Search?. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.24). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Secret Language. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.294). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Self-Control. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.357). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Sensory Invention. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.322). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Several "Memories". Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.339). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Sh!. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.141). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Slips of the Pen. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.149). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Slips of the Tongue. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.14). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). So Much to Be Done. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.247). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Some Spoken Blends. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.169). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Speaker versus Listener. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.215). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Speed of Writing. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.110).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Stendhal's Principle. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.354).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Stimulus Generalization. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.13).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Stock Verbal Responses. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.355).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Stone-Dead Metaphors. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.112).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Strategy of the Linguists. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.242).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Superstition. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.293).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Symbolism. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.74).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Symbols of Submission. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.190).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Tact versus Mand. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.217).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Tea and Madeleines. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.155).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Teaching Concepts. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.68).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Telephone Conversation with Captain Field, Port Clyde, Maine. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.18).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Text and Context. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.160).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Borrowed Dream. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.296).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Case of the Missing P. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.343).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Creative Mind. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.334).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Function of a Symbol. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.76).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Function of Grammar. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.313).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Greenspoon Effect. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.209).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Invention of Myths and Rituals. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.171).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Joke Shop. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.336).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Meaning of Meaning. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.114).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Mystery of Creativity. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.215).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Negative Audience I. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.31).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Negative Audience II. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.156).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Nonactive Nature of Behavior. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.222).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). The Origin of a Verbal Response. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.29).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Plain Mistress. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.143).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Pleasure of AnticipationRealized. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.192).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Reinforcement of Perorations. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.274).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Selection of Synonyms I. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.78).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Selection of Synonyms II. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.291).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). The Supportive Autoclitic. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.165).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). The Unconscious as History. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.28).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Uses of Complexity. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.89).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). The Uxorial Manner. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.5).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Ways of the Linguist. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.343).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Wrong Word Written I. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.56).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Wrong Word Written II. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.137).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).The Wrong Word Written III. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.307).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Theoretical Models. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.173).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Therapy?. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.312).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Thinking. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.211).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).This Side of Heaven. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.93).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Three Sources of Strength of One Verbal Response. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.300).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Three Variables. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.212).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980).Tired Verbal Behavior. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.58).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Titular Autoclitics. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.240). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Topography. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.192). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Translation. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.331). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Trap. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.355). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Uh-. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.26). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Unclear Stimuli. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.130). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Unconscious Humor. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.70). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Universality. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.77). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Unreal Life. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.90). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Useful Symbol. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.99). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Using Behavioral Tendencies. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.311). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Using One's Science. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.75). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Verbal Atoms. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.255). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Verbal Cost. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.72). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Verbal Distortions I. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.275). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Verbal Donnybrook. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.290). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Verbal drh. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.248). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Verbal Expansiveness. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.127). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Verbal Magic. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.85). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Verbal Miscellany I. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.89). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Verbal Miscellany II. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.260). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Verbal Puzzle. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.57). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Verbal Strength. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.152). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1980). Verbal Summator. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.343). Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.

- Skinner, B. F. (1980). Verbal values. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p. 96).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980). Wait. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.240).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980).What Does Great Literature Do?. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.78).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980).When I Write. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.257).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980).White Noise. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.72).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980). Wistfully. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.62).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980). Wit?. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.44).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980).Word Play. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.109).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980).Word Square. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.289).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980).Written Blend. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.277).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1980). Zeitgeist. Em R. Epstein (Org.), *Notebooks* (p.2).Englewood Cliffs, Estados Unidos: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F., Epstein, R., & Lanza, R. P. (1980). Symbolic communication between two pigeons (*Columba livia domestica*). *Science*, 207, 543-545.

- Skinner, B. F. (1981). How to discover what you have to say: A talk to students. *The Behavior Analyst*, 4(1), 1-7.
- Skinner, B. F., & Epstein, R. (1981). The spontaneous use of memoranda by Pigeons. *Behaviour Analysis Letters*, 1, 241-246.
- Skinner, B. F. (1983). A better way to deal with selection. *Behavioral and Brain Sciences*, 3, 377-378.
- Skinner, B. F. (1984). An operant analysis of problem solving. *The Behavioral and Brain Sciences*, 7, 583-591. (Trabalho original publicado em 1966)
- Skinner, B. F. (1984). Canonical papers of B. F. Skinner. *Behavioral and Brain Sciences*, 7, 473-724.
- Skinner, B. F. (1984). The shame of American education. *American Psychologist*, 39, 947-954.
- Skinner, B. F. (1985). Cognitive science and behaviorism. *British Journal of Psychology*, 76, 291-301.
- Skinner, B. F. (1985). Reply to Place: "Three senses of the word 'tact.'" *Behaviorism*, 13, 75-76.
- Skinner, B. F. (1986). The evolution of verbal behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 45, 115-122.
- Skinner, B. F. (1987). Controversy? In S. Modgil & C. Modgil (Eds.), *B. F. Skinner: Consensus and controversy* (pp. 11-12). New York: Falmer Press.
- Skinner, B. F. (1987). Expanding the operant analysis [Review of the book *Analysis and integration of behavioral units*]. *Contemporary Psychology*, 32, 505-506.
- Skinner, B. F. (1987). Outlining a science of feeling. *Times Literary Supplement*, 490, pp. 501-502.
- Skinner, B. F. (1987). Whatever happened to psychology as the science of behavior? *American Psychologist*, 42, 780-786.

- Skinner, B. F. (1987). Why we are not acting to save the world. In B. F. Skinner, *Upon further reflection* (pp. 1-14). Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1988). A fable. *The Analysis of Verbal Behavior*, 6, 1-2.
- Skinner, B. F. (1988). Signs and countersigns. *Behavioral and Brain Sciences*, 11, 466-467.
- Skinner, B. F. (1988). The operant side of behavior therapy. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 19, 171-179.
- Skinner, B. F. (1988). War, peace, and behavior analysis: Some comments. *Behavior Analysis and Social Action*, 6, 57-58.
- Skinner, B. F. (1989). The behavior of the listener. In S. C. Hayes (Ed.), *Rule-governed behavior: Cognition, contingencies, and instructional control* (pp. 85-96). New York: Plenum Press.
- Skinner, B. F. (1989). The origins of cognitive thought. *American Psychologist*, 44, 13-18.
- Skinner, B. F. (1989). Laurence Smith's Behaviorism and Logical Positivism. *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 107-112). Columbus, Estados Unidos: Merrill Publishing Company.
- Skinner, B. F. (1989). The Behavior of Organisms at Fifty. *Recent issues in the analysis of behavior* (Subtítulo *The nervous system*, pp. 129-135). Columbus, Estados Unidos: Merrill Publishing Company.
- Skinner, B. F. (1989). The Initiating Self. *Recent issues in the analysis of behavior* (Subtítulos *Self-Observation*, pp. 29-30; *Summary*, p. 33). Columbus, Estados Unidos: Merrill Publishing Company.
- Skinner, B. F. (1989). The Listener. *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 35-48). Columbus, Estados Unidos: Merrill Publishing Company.
- Skinner, B. F. (1989). The origins of cognitive thought. *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 13-26). Columbus, Estados Unidos: Merrill Publishing Company.

- Skinner, B. F. (1989). The Place of Feeling in the Analysis of Behavior. *Recent issues in the analysis of behavior* (Subtítulo *Fear*, pp. 8-11). Columbus, Estados Unidos: Merrill Publishing Company.
- Skinner, B. F. (1989). The School of the Future. *Recent issues in the analysis of behavior* (Subtítulo *Taching*, pp. 89-91). Columbus, Estados Unidos: Merrill Publishing Company.
- Skinner, B. F. (1989). Whatever Happened to Psychology as the Science of Behavior?. *Recent issues in the analysis of behavior* (Subtítulo *Radical Behaviorism*, pp. 61-64). Columbus, Estados Unidos: Merrill Publishing Company.
- Skinner, B. F. (2002). Alternatives to punishment. *Beyond freedom and dignity* (Subtítulos *Guidance*, pp. 87-88; *Changing minds*, pp. 91-97). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf. (Trabalho original publicado em 1971.)
- Skinner, B. F. (2002). Dignity. *Beyond freedom and dignity* (pp. 44-59). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf. (Trabalho original publicado em 1971.)
- Skinner, B. F. (2002). Freedom. *Beyond freedom and dignity* (pp. 26-43). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf. (Trabalho original publicado em 1971.)
- Skinner, B. F. (2002). The design of a culture. *Beyond freedom and dignity* (Parágrafos 47 a 49, pp. 170-172). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf. (Trabalho original publicado em 1971.)
- Skinner, B. F. (2002). The evolution of a culture. *Beyond freedom and dignity* (pp. 127-144). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf. (Trabalho original publicado em 1971.)
- Skinner, B. F. (2002). Values. *Beyond freedom and dignity* (pp. 101-126). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf. (Trabalho original publicado em 1971.)
- Skinner, B. F. (2002). What is man?. *Beyond freedom and dignity* (pp. 184-215). New York, Estados Unidos: Alfred A. Knopf. (Trabalho original publicado em 1971.)

Entrevista: Burrhus Skinner. Em D. Cohen. *Os psicólogos e a Psicologia*. (pp. 319-352). Lisboa, Portugal: Edições 70.

Apêndice B. Representação da planilha que foi utilizada para a organização dos dados.

DADOS SOBRE AS PUBLICAÇÕES	ANO DE PUBLICAÇÃO	
	REFERÊNCIA	
	SEÇÃO	
	CAPÍTULO	
	SUBTÍTULO	
	PÁGINA	
	PALAVRA DE BUSCA	
	CONTEXTO DO TRECHO	
	TRECHO	
	OBSERVAÇÕES	
CATEGORIAS DE ANÁLISE	DEF. COMP. VERBAL	
	DEF. OPERANTE VERBAL	
	DEF E DESCRIÇÃO DO OPERANTE VERBAL	
	TATO	
	DEF E DESCRIÇÃO DO OPERANTE VERBAL	
	MANDO	
	DEF E DESCRIÇÃO DO OPERANTE VERBAL	
	ECÓICO	
	DEF E DESCRIÇÃO DO OPERANTE VERBAL	
	TRANSCRICÃO	
	DEF E DESCRIÇÃO DO OPERANTE VERBAL	
	INTRAVERBAL	
	DEF E DESCRIÇÃO DO OPERANTE VERBAL	
	TEXTUAL	
	DEFINIÇÃO DE AUDIÊNCIA	
FERRAMENTAS CONCEITUAIS 1		
FERRAMENTAS CONCEITUAIS 2		
FERRAMENTAS CONCEITUAIS 3		
DEFINIÇÃO E RELAÇÃO ENTRE OUVINTE E		
FALANTE		
FERRAMENTAS CONCEITUAIS 4		